WWW.SUPERINTERESSANTE.COM.BR

SUPER INTERESSANTE

ESSENCIAL!

DO CV AO PCC

- Como o crime organizado conquistou o Brasil
- Conheça as soluções

EDIÇÃO 227 - JUN / 2006
EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA
R$ 9,95

NOS BASTIDORES DO OPUS DEI

O que é verdade e o que é mentira sobre a mais polêmica organização da Igreja Católica

Por José Francisco Botelho

Abril

A HISTÓRIA DA OUTRA JULES RIMET + O PAÍS DA FELICIDADE + OS CRAQUES MAIS CAROS
ORIGEM DAS BANDEIRAS + ESQUEÇA A NASA: O CÉU É RUSSO + BOMBA ATÔMICA BRASILEIRA

CARDÁPIO
AS OPÇÕES DO MÊS

SUPER INTERESSANTE
Junho 2006 - Edição 227
Tiragem: 412 690 exemplares

Seções

SUPERPAPO
22. Os planos atômicos brasileiros geraram polêmica e suspeitas. Para Odair Dias, chefe do programa nuclear, o enriquecimento de urânio é um direito nosso.

SUPERNOVAS
26. A Copa do Mundo dos robôs.
28. *Conexões* De Maomé à montanha.
30. Como construir um buraco negro.
34. *Super na Copa* Gols de placa que se revezam com vexames, pancadaria e até suicídio.

E MAIS!
- *Pôster:* a história das bandeiras.
- O que ajuda e o que atrapalha na hora H.
- *Ciência Maluca:* o cigarro vitaminado.

SUPERRESPOSTAS
40. Quais são os jogadores mais caros da história?
42. *3 Perguntas para entender* a nacionalização do gás boliviano.
48. *Pergunta sem resposta* Podemos sacrificar animais em prol da ciência?
50. *Quem foi* Meneghetti, o ladrão italiano que nunca matou ninguém e virou pop star do crime em São Paulo.
52. *Surreal* E se o Brasil fosse dividido em diversos países?

E MAIS!
- Qual o náufrago que ficou mais tempo à deriva?
- *Como surgiu* o ketchup? E o guarda-chuva?
- Quais as maiores pestes de todos os tempos?

SUPERFETICHE
104. *Cinema* O homem que amava ursos, achava que era urso e acabou dentro de um urso.
105. *Livros* Os prazeres censurados na Idade Média. *Imperdível* Darwin explica a literatura.
106. *Games* A mania de modificar a aparência dos jogos.
111. *5 luxos e 1 lixo* Caco Galhardo indica os personagens mais legais dos quadrinhos.
112. *Tech* Badulaques para curtir a copa em grande estilo.

E MAIS!
- O pesquisador brasileiro de pterossauros.
- A história da destruição dos livros.

SUPERMANUAL
114. Como fazer um parto de emergência?

Capa: mock-up Paulo Arthur Gherardi Goldstein, foto Dulla

Reportagens

CAPA
56. Por dentro do Opus Dei
Fanáticos conspiradores ou conservadores bem-intencionados? Das penitências sangrentas ao celibato, saiba o que é mito e o que é verdade na mais polêmica organização católica.

HISTÓRIA
Levamos a copa falsa?
67. A Jules Rimet original foi roubada pela primeira vez em 1966 – e uma réplica foi moldada pelos ingleses. Será que a peça derretida no Brasil era fajuta?

ESPECIAL
76. Para conhecer o crime
O PCC, grupo que tomou São Paulo como refém, nasceu, cresceu e se organizou nas barbas das autoridades. Entenda como isso pôde acontecer.

CULTURA
82. Felicidade mora longe
O Butão, um minúsculo país budista da Ásia, mede a riqueza em alegria, não em dinheiro. Há quem diga que é o paraíso – mas também há quem veja problemas.

CIÊNCIA
88. O espaço é russo
Só se fala na Nasa. Mas foram os vermelhos os primeiros a pousar na Lua, em Marte e até hoje os únicos a mandar uma sonda ao inferno venusiano.

ZOOM
94. Babel amazônica
O mercado mais colorido do Brasil tem plantas, animais e gente – muita gente. Belas imagens revelam o cotidiano frenético do Ver-o-Peso, em Belém.

DESABAFA
SOLTE O VERBO

Em maio recebemos 1 406 mensagens dos leitores!

ESCRAVOS DA SUPERSTIÇÃO

Ao contrário do que dizem os mais céticos, superstição (aquela mesma que manda bater na madeira ou não passar debaixo da escada) não é atestado de ignorância. É, sim, um costume que seguimos há séculos, ainda que sem saber exatamente o que ele significa. A reportagem "O Poder da Superstição" (maio, pág. 64) foi o tema da última discussão que rolou no fórum da SUPER. Marco Solda, por exemplo, disse que sua crença é agradecer a santo Expedito todos os dias pelas coisas boas. "Funciona", garante. A leitora Fabiana Yuri diz que não acredita fielmente em superstição. "Mas involuntariamente pratico algumas, como jogar sal sobre os ombros depois de sair do cemitério." Nada de mais, Fabiana. Até os cosmonautas têm seus rituais, como o de plantar árvores na alameda dos Cosmonautas antes de partir para o espaço. O ritual se repete desde o primeiro vôo russo, em 1961.

Mocinho ou bandido?

Assisti ao documentário da National Geographic sobre o *Evangelho de Judas* e parabenizo-os por reproduzir fielmente o acontecimento no papel (**"O Evangelho Segundo Judas", maio, pág. 54**). Mais do que isso, a revista acrescentou várias informações que não foram divulgadas na TV. Levado ao público, o alvoroço serve, ao menos, para repensarmos nossas crenças e entendermos como a *Bíblia* se mostra, por vezes, contraditória.

CARLOS CANTONI, SÃO PAULO, SP

As sementes que Jesus plantou germinam até hoje, independentemente do surgimento deste ou daquele evangelho. A salvação não vem por esse tipo de conhecimento, mas pela fé e obediência ao poderio de Cristo. Isso exclui qualquer intermediário.

GILVAN SILVA SANTOS

O papa Bento 16 já declarou que a Igreja nunca vai aceitar a absolvição de Judas. A afirmação deixa mais do que clara a posição dos eclesiásticos em relação ao assunto. Novas descobertas surgirão e a Igreja assumirá seu papel de encobri-las, como sempre foi e, provavelmente, sempre será.

ALBERES CAVALCANTI, RECIFE, PE

Se o apóstolo Pedro, que renegou Cristo 3 vezes, foi perdoado, por que não perdoar Judas, que se arrependeu do que fez? A Igreja deveria se lembrar de um trecho da *Oração de São Francisco* que diz: "É perdoando que se é perdoado".

MARIA SOLONAIDE SOUSA

O *Evangelho de Judas* inverte a mensagem principal dos evangelhos canônicos: a de que Cristo é o salvador do homem. No caminho oposto, o manuscrito mostra que, na verdade, pode ter sido um homem (Judas, neste caso) o salvador do filho de Deus.

RICARDO DEFEO DE CASTRO, MACAÉ, RJ

Raul Seixas e Paulo Coelho fizeram a música *Judas* em 1978, que traz a seguinte estrofe: "Eu sou Judas / Parte de um plano secreto / Amigo fiel de Jesus / Eu fui escolhido por ele / Para pregá-lo na cruz..." Se os autores, que se diziam iniciados no esoterismo, escreviam isso, imagine o que discutiam os gnósticos de carteirinha da época. Portanto, os escritos descobertos agora podem até constituir um documento histórico extraordinário, mas jamais uma idéia inédita.

SONIELSON JUVINO SILVA

Se o *Evangelho de Judas* fosse levado a sério, teríamos de considerar também os outros evangelhos apócrifos. Afinal uma mudança tão brusca assim não demoraria a atingir outros alicerces impetrados pelo cristianismo.

GUSTAVO SALVALÁGIO, BLUMENAU, SC

Tudo em um

Gostaria de parabenizá-los pela grande obra que foi a reportagem sobre Leonardo Da Vinci (**"O Olhar de Leonardo", maio, pág. 72**). Impressionante como ainda no século 15 alguém conseguiu desenhar infinitos detalhes de cadáveres dissecados. Apenas rascunhos, é verdade, mas em perfeita sintonia com os estudos da anatomia e fisiologia.

LEANDRA MENEZES, JOINVILLE, SC

Será que, hoje, não existe um homem tão completo como ele e ninguém ainda se deu conta?

RENATA MORAES, GUARATINGUETÁ, SP

E que salário, hein!

A nota que explicita quanto os políticos ganham (*SuperRespostas*, **maio, pág. 44**) não considera as várias verbas a que eles têm direito. Somando todos os benefícios (combustível, auxílio-paletó, telefone, correspondências e viagens de avião), a conta ultrapassa tranqüilamente os 100 mil reais.

ANTONIO NOVAES, SÃO LUIS, MA

A leveza e o humor com que a SUPER tratou o tema não apenas revela uma realidade política absurda, mas evidencia a falta de preparo e de seriedade de alguns deputados e vereadores.

Quem é
louco por
curiosidades

é louco pela
revista
MUNDO
ESTRANHO

COMPRE JÁ!

Pela internet:
www.assineabril.com.br/querome

EDITORA Abril

DESABAFA

Todavia, vale ressaltar que em todo lugar há profissionais e "profissionais". Isto é, há quem lute, sim, por projetos sérios de apoio ao povo e mereça ganhar bem. O problema é que em certos países, como o Brasil, eles são minoria.
LEONARDO OLIVEIRA

A filosofia de Lost

Quando recebi a edição de abril e vi a matéria sobre *Lost* (**"Os Bons Selvagens de Lost", pág. 80**), fui ao céu e voltei. Depois que vi a recomendação dos dvds da série, não agüentei e comprei. Por culpa de vocês, virei um viciado em *Lost*.
JACY PACHECO JÚNIOR, VITÓRIA, ES

Eu já tinha feito uma associação entre a tábula rasa e o John Locke, já que estou estudando psicologia na faculdade. Mas, se ainda havia alguma dúvida, ela não existe mais.
BRUNO ROELIS, ALTA FLORESTA, MT

Polêmica da evolução

Não concordo com as palavras de Steven Pinker (*SuperPapo*, **maio, pág. 18**). Se todo o processo evolutivo do ser humano, até os nossos dias, tivesse sido determinado unicamente por fatores genéticos, não existiria nenhuma produção cultural ou científica. E, hoje, o senhor Steven não estaria sentado em uma poltrona segurando um cérebro e tampouco estaria eu lendo a SUPERINTERESSANTE. Quem sabe não estaríamos brigando por uma banana.
SANTIAGO GONZALEZ, SANTOS, SP

Filhos da guerra

Fiquei muito feliz ao saber que a SUPER lançou em dvd o documentário *Promessas de um Novo Mundo*, que narra a infância de palestinos e israelenses. Até agora, eu tinha apenas uma cópia ruim gravada da TV, pois já trabalhei com ele na formação de dezenas de educadores. Quem sabe esses novos profissionais ajudem a tornar a escola um lugar mais prazeroso e aberto às discussões como as expostas no filme.
MIRIAN PADUAN, SÃO PAULO, SP

Beleza relativizada

O cãozinho Sam não é feio (*SuperNovas*, **maio, pág. 34**). Isso é uma convenção adotada por alguns poucos. Considero muitas atrizes e modelos mais belas do que a Gisele Bündchen. Promover esses "Oscars às avessas" é promover a humilhação.
ODIRLEI DIAS, SÃO BENTO DO SUL, SC

Velocidade máxima

Não entendo como a SUPER diz que a máxima velocidade da Internet aqui no Brasil é 8 Mbps (*SuperRespostas*, **maio, pág. 48**), quando a minha é de 100 Mbps.
MARCIO SORIANO

Márcio, o que acontece é que o Windows mostra a velocidade de comunicação entre o modem e a placa de rede do pc, e não

OS LEITORES MAIS LEGAIS

Este mês, levamos os leitores que ganharam a Promoção Invista Num Futuro Melhor, da Petrobras, para passear pelo RJ. Fomos conhecer as instalações, os projetos ambientais e culturais apoiados pela empresa e os cartões postais da cidade mais bonita do mundo. E constatamos o que já desconfiávamos: os leitores da SUPER são os mais legais do Brasil. Na foto, da esq. para a dir., Thiago, Itamar, Lucas, Hugo, Melissa, Priscila, Aline, Constance e Simone.

DESABAFA

necessariamente a da internet. Para saber a velocidade real, é preciso consultar seu provedor ou instalar softwares que fazem a medição, como o Ping It (http://www.dswsoft.com).

Spa de bebuns

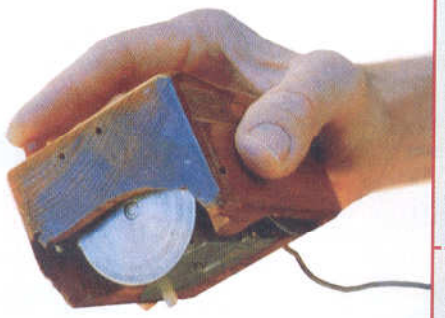
Faltou publicar no *Ciência Maluca* (**SuperNovas, maio, pág. 28**) o nome, endereço e o preço da diária do spa de cerveja. Eu e meus amigos (todos grandes apreciadores dessa sagrada bebida) ficamos curiosos e inclusive cogitamos fazer uma viagem para lá.

RAFAEL CHEREM, JUIZ DE FORA, MG

S *Rafa, você pode checar os preços e os endereços diretamente no site da Chodovar, a cervejaria da cidade tcheca Chodova Plana que oferece os banhos de cerveja (www.chodovar.cz/real-beer-baths). A Kummeroer Hof, em Neuzelle, Alemanha (http://www.klosterbrauerei.com/), também oferece o mimo. Boa embriag.., ops, viagem!*

FOI MAL

- No período da Revolução Francesa o rei da França não era Luís 14, como escrito, e sim Luís 16 (**SuperRespostas, maio, pág. 50**).
- A reportagem "Por que o Brasil é o País do Futebol", publicada na edição especial SUPER na Copa (pág.10), é de autoria de Fábio Bittencourt.
- O maior ser vivo do mundo é conhecido como cogumelo do mel, e não cogumelo do sol, como publicado (**SuperRespostas, abril, pág. 46**).
- Por um erro de edição, foi trocada uma das fotos da seção Como surgiu? (**SuperRespostas, maio, pág. 44**). A foto correta do primeiro mouse da história é a que está abaixo.



INTERNET

WWW.SUPERINTERESSANTE.COM.BR

Use a senha ao lado para ler a SUPER no site. **RUSSIA**

Este mês no site

FÓRUM

O Opus Dei é um grupo inescrupuloso, como dito em *O Código Da Vinci*?

ENQUETE

O governo deve negociar com facções criminosas como o PCC?

ENQUETE

A tecnologia nuclear deve ser a prioridade energética do Brasil?

Resultado das Enquetes

Os evangelhos apócrifos devem ser reconhecidos pela Igreja?

Sim.: 65%
Não.: 35%

Você acredita que Jesus pode ter pedido a Judas que o traísse?

Sim.: 53%
Não.: 47%

SUPER PROMOÇÃO!

ENTRE NO SITE E SAIBA COMO CONCORRER A 4 EXEMPLARES DE CADA LIVRO !!!

Assinaturas grátis

A SUPER distribui anualmente 10 assinaturas gratuitas para entidades filantrópicas e fundações voltadas ao ensino. Para concorrer, inscreva-se através do e-mail bfeijo@abril.com.br até o dia 24/6. Inclua nome, endereço completo, CNPJ, descreva o trabalho realizado pela entidade e porque ela merece ganhar uma assinatura. O resultado sai na próxima edição.

FALE COM A GENTE

ADRIANA MENEGHELLO

REDAÇÃO
Envie sugestões, comentários, críticas e dúvidas para Adriana Meneghello pelo e-mail superleitor.abril@atleitor.com.br; para o endereço av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP, ou ainda pelo fax (11) 3037-5891.

RENATO CAGNO

MARKETING
Quer fazer negócios com a SUPER? Para conhecer nossas idéias e soluções de comunicação para seus produtos e sua empresa, fale com o Renato Cagno, nosso gerente de produto. E-mail: rcagno@abril.com.br

FERNANDO SABADIN

PARA ANUNCIAR
Escreva para fernando.sabadin@abril.com.br ou entre no site www.publiabril.com.br. Telefones: SP - (11) 3037-5189, RJ - (21) 2546-8100. Outras praças: (11) 3037-5759. Vendas Diretas: (11) 3037-5000.

GISELDA GALA

VENDA DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de imagens e textos publicados na SUPER, fale com a nossa mulher maravilha: Giselda Gala. Ela vai tornar sua vida bem mais fácil. Fax: (11) 3037-5891. E-mail: ggala@abril.com.br.

SAC

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
Reclamações ou dúvidas sobre envio, pagamentos ou renovações? Vá ao site www.abrilsac.com.br ou ligue de 2ª a 6ª, das 8 às 22 h no (11) 5087-2112 (Grande São Paulo) ou 0800 704-2112 (outras localidades). Fax: (11) 5087-2100.

ASSINATURAS

PARA ASSINAR
Quer receber a SUPER em casa? Entre no site www.assineabril.com.br ou mande um e-mail para abril.assinaturas@abril.com.br. De 2ª a 6ª, das 8 às 22h, ligue para (11) 3347-2121 (Grande São Paulo) ou 0800 701-2828 (outras localidades). Fax: (11) 5087-2100.

COLECIONE

EDIÇÕES ANTERIORES
Solicite exemplares antigos ao seu jornaleiro. O preço será o da última edição em banca. Para comprar nossos produtos, acesse www.superinteressante.com.br/loja ou mande e-mail para produtos@abril.com.br ou por telefone: (11) 2199-8881.

AGORAESCUTA

DIRETO DA REDAÇÃO

A arte na SUPER

Antigamente, revistas tinham "diagramadores" – aqueles que colocavam textos e fotos na página. O "autor" da matéria era só o repórter. O diagramador era, no máximo, um "decorador" de páginas.

Na última década, isso mudou demais. Na SUPER, fomos entendendo que a parte visual da reportagem é mais que enfeite: ela transmite idéias, sensações, conta histórias. Uma pessoa teve papel crucial nessa mudança: o Alceu Nunes. O Al é diretor de arte da SUPER há 9 anos. Com ele, nossas páginas foram ficando mais impactantes, emocionantes, ricas em informação visual e, claro, lindas.

Lógico que o Al não fez isso sozinho. Contou com a ajuda de muita gente talentosa. Como o Rodrigo Maroja, hoje diretor de arte da *Placar*, que ajudou a criar a capa chocante aí abaixo, recém-eleita pela Associação Nacional dos Editores de Revista uma das 20 melhores capas do Brasil nos últimos 20 anos. Hoje não há mais diagramadores aqui – são todos designers de informação. Na SUPER, os designers são considerados também autores das matérias – por isso, o nome deles aparece ao lado do do repórter.

Pois o Al está nos deixando. Ele vai ajudar a liderar a revolução na *Capricho*, prestes a se tornar uma das publicações mais inovadoras do mundo (se você gosta de revistas, não deixe de conferir).

Faz muito tempo que convivo com o talento do Al, então não vou esconder que sentirei falta. Mas o maior talento dele sempre foi o de formar talentos. Taí o Adriano Sambugaro que não me deixa mentir. Faz mais de um ano que o Sambuga é responsável pelo nosso projeto gráfico e pelas capas. Agora é oficial: ele é o diretor de arte da SUPER. E tem talento de sobra para isso – veja por exemplo esta edição, onde se destacam as obras de arte de Tide Hellmeister, o ilustrador que o Sambuga escolheu para a reportagem de capa. Que baita diferença das velhas revistas "diagramadas".

Grande abraço! S

DENIS RUSSO BURGIERMAN
DIRETOR DE REDAÇÃO
DRUSSO@ABRIL.COM.BR

Sambuga, que assume, Al, que vai, e a capa, eleita uma das 20 melhores do Brasil nos últimos 20 anos.

EDITORA Abril
Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), José Roberto Guzzo
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora Corporativa de Publicidade: Thais Chede Soares B. Barreto

Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Luiz Felipe D'Avila
Diretor de Núcleo: Adriano Silva

SUPER INTERESSANTE

Editor Contribuinte: Carlos Civita

Diretor de Redação: Denis Russo Burgierman Diretor de Arte: Adriano Sambugaro Editor de Infografia: Luiz Iria Editores de Texto: Alexandre Versignassi, Marcos Nogueira, Rafael Kenski, Sérgio Gwercman Estagiários: Bruno Vieira Feijó (texto), Bruno Oliveira (design) Designers: Fabrício Miranda, Bianca Grassetti, José Campos Atendimento ao Leitor: Adriana Meneghello Coordenadora Administrativa: Giselda Gala Editora de Web: Fabiana Mioto Colaboraram Nesta Edição: Paulo dos Santos (revisão), JOE imagens (tratamento de imagem), Samantha Pottmaier (design)

www.superinteressante.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti Serviços Editoriais: Wagner Barreira Depto. de Doc. e Abril Press: Grace de Souza Cor. Internacional: Ruth de Aquino

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio Executivos de Negócio: Eliani Prado, Letícia di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Sueli Cozza, Virginia Any, Vlamir Aderaldo, Willian Hagopian PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor: Jacques Baisi Ricardo PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor: Paulo Renato Simões PUBLICIDADE NÚCLEO JOVEM: Gerente: Fernando Sabadin Executivos de Negócio: Alessandra Damaro, Analucia Bertola, João Eduardo Dias, Larissa Ceravolo, Luis Fernando Lopes, Luiz Carlos Rossi, Nanci Garcia, Vera Robles Reis Gerentes de Vendas: Cláudia Prado, Marco Bulara Coordenação de Classificados: Silvana Coen MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing: Valeska Scartezini Gerente de Publicação: Renato Cagno Eventos: Anna Christina Franco e Denise Zuanazzi Gerente de Circulação Avulsas: Ana Vieira Gerente de Circulação Assinaturas: Bárbara Miklasevicius Licenciamento: Paulo Alves e Vanessa Weitman PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor: Auro Iasi Gerente: André Vasconcelos Consultor: Renata Antunes Processos: Ricardo Carvalho ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos Diretor de Vendas: Fernando Costa

EM SÃO PAULO: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5891. Publicidade São Paulo: www.publiabril.com.br, Classificados: tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700. ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: Central - SP: tel. (11) 3037-6564 Bauru: Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br Belém: Midiasolution Belem, tel (91) 3222-2303, email: simone@midiasolution.net Belo Horizonte: tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632. Blumenau: M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, fax (47) 3329-6191 Brasília: Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels (61) 3426-7342/ 3223-0736/ 3225-2946/ 3223-7778, fax (61) 3321-1943, e-mail: starmix@uol.com.br Campinas: CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br Campo Grande: Josimar Promoções Artísticas Ltda. tel. (67) 3382-2139 e-mail: melissa.tamaciro@josimarpromocoes.com.br Cuiabá: Agronegócios Representações Comerciais, tels. (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br Curitiba: Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br Florianópolis: Interação Publicidade Ltda. tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: fgorgonio@interacaoabril.com.br Fortaleza: Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: midiasolution@midiasolution.net Goiânia: Middle West Representações Ltda., tels. (62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br Joinville: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 3433-2725, e-mail: viamidiajoinville@viamidiapr.com.br Manaus: Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br Maringá: Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: m.atitude@uol.com.br Porto Alegre: Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3227-2855; Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3623/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br ; Multimeios Representações Comerciais, tel.(51) 3328-1271, e-mail: multimeiosrspco@uol.com.br Recife: Multi Revistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br Ribeirão Preto: tel. (16) 3964-5516, fax (16) 632-0660, e-mail: achriscotomo@abril.com.br Rio de Janeiro: pabx: (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 Salvador: AGMN Consultoria Public. e Representação, tel.(71) 3341-4992/1765/9824/9827, fax: (71) 3341-4996, e-mail: abrilagmn@uol.com.br Vitória: ZMR - Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuelzambrano@intervip.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais Negócios e Tecnologia: Exame, Info, Info Canal, Info Corporate, Você S/A Núcleo Consumo: Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim Núcleo Comportamento: Ana Maria, Claudia, Nova, Faça e Venda ,Viva! Mais Núcleo Bem-Estar: Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples Núcleo Jovem: Bizz, Capricho, Mundo Estranho, Superinteressante Núcleo Infantil: Atividades, Disney, Recreio Núcleo Cultura: Almanaque Abril, Aventuras na História, Bravo!, Guia do Estudante Núcleo Homem: Men's Health, Playboy, Vip Núcleo Casa e Construção: Arquitetura e Construção, Casa Claudia, Claudia Cozinha Núcleo Celebridades: Contigo!, Minha Novela, Titi Núcleo Motor Esportes: Placar, Quatro Rodas Núcleo Turismo: Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo Fundação Victor Civita: Nova Escola

SUPERINTERESSANTE edição nº 227 (ISSN 0104-1789), ano 20, nº 6, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. 1987 G + J España S.A. "Muy Interesante" ("Muito Interessante"), Espanha. Edições anteriores: Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. SUPERINTERESSANTE não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-704-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-701-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

IVC | FIPP | ANER

Abril

Presidente do Conselho de Administração e Presidente Executivo: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Deborah Wright, Eliane Lustosa, Marcio Ogliara, Valter Pasquini
www.abril.com.br

TRABALHE CONOSCO: www.abril.com.br/trabalheconosco

SUPERPAPO
CONVERSAS BACANAS

ODAIR DIAS GONÇALVES

- Preside a Comissão Nacional de Energia Nuclear, órgão que orienta o governo sobre a política nuclear brasileira.
- É formado em física pela USP. Fez mestrado e doutorado na UFRJ e pós-doutorado no Hahn Meitner Institut, da Alemanha.
- Seu escritório fica na entrada da Urca, um dos bairros mais charmosos do Rio. O vizinho de frente é o Instituto Pinel, hospício famoso na cidade.
- É um dos autores do livro *Drogas: É Legal?*, que aborda temas como a descriminalização da maconha.
- Tem 54 anos e é do signo de gêmeos.
- Não gosta de nenhum tipo de arma. Nem mesmo das atômicas.

YES, NÓS TEMOS URÂNIO

O CHEFE DO PROGRAMA NUCLEAR BRASILEIRO DIZ QUE A POLÊMICA MUNDIAL GERADA PELA INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA FÁBRICA BRASILEIRA DE ENRIQUECIMENTO DE URÂNIO NÃO PASSA DE PARANÓIA PÓS-11/9. SERÁ?

POR MARCELO BORTOLOTI

Há um país desenvolvendo um polêmico programa nuclear – que inclui restrições às inspeções técnicas da ONU. Preocupada com a possibilidade de estar diante de uma nova potência atômica, a comunidade internacional acusa o governo de violar tratados de desarmamento. A onda de críticas inclui reportagem numa das mais respeitadas revistas científicas do mundo afirmando que, em breve, o país terá 6 bombas atômicas. Se você pensou no Irã, esqueça. O centro dessa controvérsia é o Brasil mesmo – e ela só faz crescer desde maio, quando a primeira fábrica brasileira de enriquecimento de urânio foi inaugurada em Resende, estado do Rio.

"É tudo paranóia mundial pós-11 de Setembro", garante Odair Dias Gonçalves, presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), órgão que detém o monopólio da exploração de materiais radioativos no país. Professor de física da UFRJ, Odair é o responsável por orientar o governo sobre as estratégias a serem seguidas na área nuclear. Ele não só defende que o país invista mais em energia nuclear, como acredita estar aí a melhor opção para a crise elétrica brasileira. Então prepare-se. O barulho está só começando.

foto Renata Xavier

EDIÇÃO DE SÉRGIO GWERCMAN
(SGWERCMAN@ABRIL.COM.BR)
DESIGN DE BIANCA GRASSETTI

P. *Alguns importantes especialistas em energia nuclear acusam o Brasil de se aproveitar da pressão sobre o Irã para desenvolver, na surdina, um programa atômico ilegal. Afinal, por que há tanta polêmica em torno do projeto nuclear brasileiro?*

R. Não estamos fazendo nada na surdina. Esses comentários críticos ao Brasil partiram de grupos que refletem uma certa paranóia de que qualquer país que domine a tecnologia é uma ameaça para a humanidade. Há também uma disputa econômica, porque o mercado de energia é extremamente promissor.

É possível comparar o programa nuclear do Brasil com o do Irã?

O Irã não está sendo perseguido por ter um programa nuclear, mas sim porque omitiu alguns procedimentos à Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea). E, ao fazer isso, deixou de cumprir o que está estabelecido no Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que é um tratado internacional que garante a redução e a não-proliferação de armas nucleares. Qualquer país pode desenvolver a tecnologia nuclear para energia elétrica. E o Brasil não teve absolutamente qualquer tipo de questão internacional, nem da parte da agência nem da parte de qualquer outro país. Existe uma série de regras que têm que ser cumpridas e nós sempre cumprimos à risca.

Por que, então, o Brasil não assinou o protocolo adicional do TNP, que permite aos inspetores internacionais acesso irrestrito e sem aviso prévio às instalações nucleares?

Na verdade, ainda não decidimos se vamos assinar ou não – inclusive porque custaria muito dinheiro. O TNP já inclui visitas avisadas e não avisadas. O que o protocolo adicional faz é mudar o enfoque, porque atualmente a inspeção é feita a partir do que o país declara. Ou seja, se baseia na confiança internacional nas informações divulgadas. O protocolo adicional se tornou importante depois do 11 de Setembro e impõe garantias para o caso de você querer esconder alguma coisa. Os detalhes são muito técnicos, mas a diferença principal é essa.

"O BRASIL NÃO TEM VOCAÇÃO PARA A BOMBA ATÔMICA. EM UM MUNDO EM QUE A GUERRA É BASEADA EM ALTA TECNOLOGIA, NÃO ADIANTA TER UM REVOLVERZINHO. É PURA BURRICE."

Quais motivos o Brasil tem para restringir o acesso de inspetores às centrífugas da fábrica de Resende?

Antes de Resende, nós já havíamos feito uma fábrica piloto no interior de São Paulo. Ela foi construída de uma maneira que as centrífugas ficavam guardadas dentro de armários para proteger a propriedade tecnológica. Quando desenhamos a fábrica de Resende, simplesmente transportamos para lá esse modelo. Mas no meio do processo aconteceu o 11 de Setembro, que mudou os parâmetros internacionais de segurança, e a Aiea passou a não aceitar mais os procedimentos de salvaguarda que já havíamos combinado. No final, eles tiveram todo o acesso que julgaram necessário.

Não é exagerada essa preocupação com espionagem industrial por parte de técnicos da Aiea, entidade que, por princípio, não possui interesses comerciais?

Não existe área da tecnologia em que as pessoas não protejam seus segredos. Não temos suspeitas sobre a agência, o problema são as pessoas. A tecnologia brasileira tem uma eficiência maior que a de outros países, sobretudo no que diz respeito à resistência do equipamento. A maior parte das centrífugas possui um eixo no qual elas são apoiadas. E, como giram em velocidade supersônica, o desgaste desse eixo é enorme. A nossa não fica apoiada num eixo, fica levitando num campo magnético. É um sistema de dupla levitação, que reduz o atrito e dá uma resistência muito maior para o equipamento. Na área nuclear, não é possível registrar patentes, inclusive porque para isso seria necessário divulgar uma série de informações que poderiam ser usadas para fins não pacíficos. Então temos de nos proteger.

Há denúncias, também, de que o Brasil estaria pesquisando o enriquecimento de urânio a porcentagens maiores que 5% – a utilizada em usinas energéticas. É verdade?

As pessoas dizem o que querem. A revista *Science* saiu com um artigo que, entre outras coisas, afirmava que o Brasil teria capacidade de produzir 6 bombas atômicas por ano ou qualquer coisa do gênero. É um absurdo, nós mandamos cartas para as pessoas e para a própria revista perguntando como havia sido calculado esse número. Eles sequer sabem quanto urânio a gente produz. Isso é especulação mal-intencionada. Eu posso afirmar que o Brasil não estão produzindo urânio enriquecido além de 5%.

"NÃO SUSPEITAMOS DA AGÊNCIA DE ENERGIA ATÔMICA, O PROBLEMA SÃO AS PESSOAS. NOSSA TECNOLOGIA NUCLEAR É MAIS EFICIENTE QUE AS OUTRAS E TEMOS DE NOS PROTEGER."

Mas um ex-inspetor da ONU, David Albright, afirmou ter trabalhado com você, no Brasil, em um projeto para fabricar centrífugas que enriquecem urânio a mais que 5%.

Eu conheço o David e ele nunca fez afirmações desse tipo. Inclusive, negou algumas falas atribuídas a ele pela *Science*. David é um cara responsável que jamais diria isso sem conhecer todo o sistema.

Você defende que o Brasil pesquise o desenvolvimento da bomba atômica?

Claro que não. Acho que todo país tem direito de investir em defesa. Os EUA, por exemplo, são os que mais investem e desenvolvem armamentos. Acontece que essa não é a vocação do Brasil. Mesmo porque, num mundo em que a guerra é toda baseada em alta tecnologia, não adianta você ter um revolverzinho de brinquedo – é burrice pura.

Nos últimos meses, ambientalistas historicamente avessos à energia nuclear, como o fundador do Greenpeace Patrick Moore, passaram a defender o uso dessa fonte como parte do combate ao aquecimento global. A que você atribui essa mudança de postura?

Acho que a tecnologia nuclear avançou. Hoje os reatores estão mais seguros do que no passado e o tratamento de rejeitos passou a ser mais eficiente. A energia nuclear é limpa, só emite vapor d'água para a atmosfera. Não contribui para o aquecimento global. Hoje sabemos que até a energia hidrelétrica, até bem pouco tempo atrás considerada limpa, provoca emissões de gás quando inunda campos.

Mas há o problema do lixo radioativo, que é tóxico e não pode ser eliminado.

É verdade, mas também não existe maneira de eliminar garrafas pet, que provocam uma quantidade de lixo absurda. A civilização humana produz muito lixo. A área nuclear também, mas pelo menos guarda tudo. Respondemos por toda grama de material produzido. E já existem várias pesquisas procurando soluções para o problema, como a reutilização do lixo atômico ou então o bombardeamento do núcleo radioativo para que ele deixe de emitir radiação. Já conhecemos a parte física desses processos, só não sabemos fazê-los em escala. Mas creio que em 30 anos seremos capazes de reverter todo o lixo produzido.

O Brasil já teve um sério acidente radioativo, com césio 137 em Goiás. Hoje o país tem segurança para implementar um programa nuclear?

As usinas são as menos perigosas entre as instalações que lidam com radiação. O sistema mundial é tão detalhado e preciso que é muito difícil acontecer acidentes. Com 440 usinas instaladas no mundo, até hoje só aconteceram dois acidentes significativos. E, em matéria de vítimas, apenas Chernobyl.

A energia nuclear é economicamente viável para o Brasil?

As melhores opções de energia que temos são a hidrelétrica e a nuclear. Há alguns anos, o preço do petróleo era baixo e a energia nuclear, cara. Hoje não. Ela é extremamente competitiva no custo – incluindo o valor da instalação da usina. E é preciso lembrar que o país tem poucas reservas de gás, as energias eólica e solar servem mais para sítios e casas do que para aglomerados urbanos, e não há mais grandes quedas de água disponíveis para a instalação de hidrelétricas.

O CASO CONTRA O BRASIL

A desconfiança mundial recaiu sobre o programa nuclear brasileiro em 2004. Naquele ano, inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea), órgão ligado à ONU, foram proibidos de ter acesso ilimitado às instalações da fábrica de enriquecimento de urânio, então em construção, em Resende. A alegação oficial foi de que o país não mostraria suas centrífugas por temer ser vítima de espionagem industrial. Pouco meses depois, a revista *Science* esquentou a polêmica ao afirmar que o Brasil tinha tecnologia para produzir 6 ogivas nucleares por ano. Para a revista, a postura brasileira de enfrentar a Aiea estava abrindo precedentes para que qualquer outro país evitasse as inspeções.

As inspeções existem porque, em tese, a mesma tecnologia que produz eletricidade pode ser utilizada na fabricação de bombas atômicas. O urânio que abastece usinas elétricas tem enriquecimento de 5%. O que alimenta bombas atômicas, 90%. Cabe à Aiea checar como cada país processa seu urânio – e como signatário do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares, o Brasil se compromete a permitir a presença dos técnicos da Aiea em suas instalações.

Em fevereiro de 2006, após dois anos de negociações, a Aiea aprovou o funcionamento da fábrica de Resende. Mas as críticas ao Brasil não cessaram. Um antigo inspetor da ONU, David Albright, afirmou já ter trabalhado em pesquisas brasileiras para enriquecimento de urânio com fins não revelados. Outro especialista estrangeiro, Marshall Eakin, disse que o Brasil está se beneficiando da perseguição internacional ao Irã, e desenvolve a mesma tecnologia na surdina.

EDIÇÃO DE RAFAEL KENSKI
(RKENSKI@ABRIL.COM.BR)
DESIGN DE BIANCA GRASSETTI

TECH DE BOLA

Os robôs atacam

E DEFENDEM E CORREM ATRÁS DA BOLA. CONHEÇA A OUTRA COPA DO MUNDO QUE ACONTECE ESTE MÊS NA ALEMANHA: A ROBOCUP, A GRANDE DISPUTA ENTRE OS ROBÔS-BOLEIROS. POR ALESSANDRO ROVEDA

Robôs que dirigem um carro pelo deserto ou que mergulham no fundo do mar são legais, mas, convenhamos, o que o povo gosta mesmo é de futebol. É por isso que, desde 1997, equipes do mundo inteiro se reúnem todos os anos para disputar a 10ª edição da RoboCup, uma Copa do Mundo em versão mecânica. A longo prazo, o projeto é mais ambicioso: estimular a robótica a ponto de criar máquinas capazes de derrotar, sem qualquer ajuda humana, o time vencedor da Copa do Mundo de 2050. Não vai ser fácil e, pelo modo como essas máquinas têm evoluído *(veja ao lado)*, alguns consideram a proposta inviável. É que os desafios que o futebol apresenta para máquinas – identificação precisa de objetos e de sua velocidade, jogo de corpo, tomada de decisões e cooperação – ainda estão longe de ser resolvidos. Mas, se um dia forem, essas mesmas tecnologias poderão ter diversas outras utilidades: de cirurgias ultraprecisas a resgates em locais de difícil acesso. Por enquanto, os campeões da robótica batem uma pelada com o que têm à mão. Nesta edição da RoboCup, 350 equipes de 40 países vão se enfrentar em Bremen, na Alemanha, entre 14 e 20 de junho. As categorias vão desde softwares competindo em uma espécie de videogame (a única em que participará um time brasileiro, do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, de São José dos Campos, São Paulo) até robôs humanóides disputando um gol-a-gol.

Ilustrações dos robôs Maurício Morais / fundo: Luiz Iria e Bianca Grassetti.

ATLÉTICO ANDRÓIDE F.C. A história dos jogadores robôs, das origens ao campeão de 2050.

1 O pioneiro

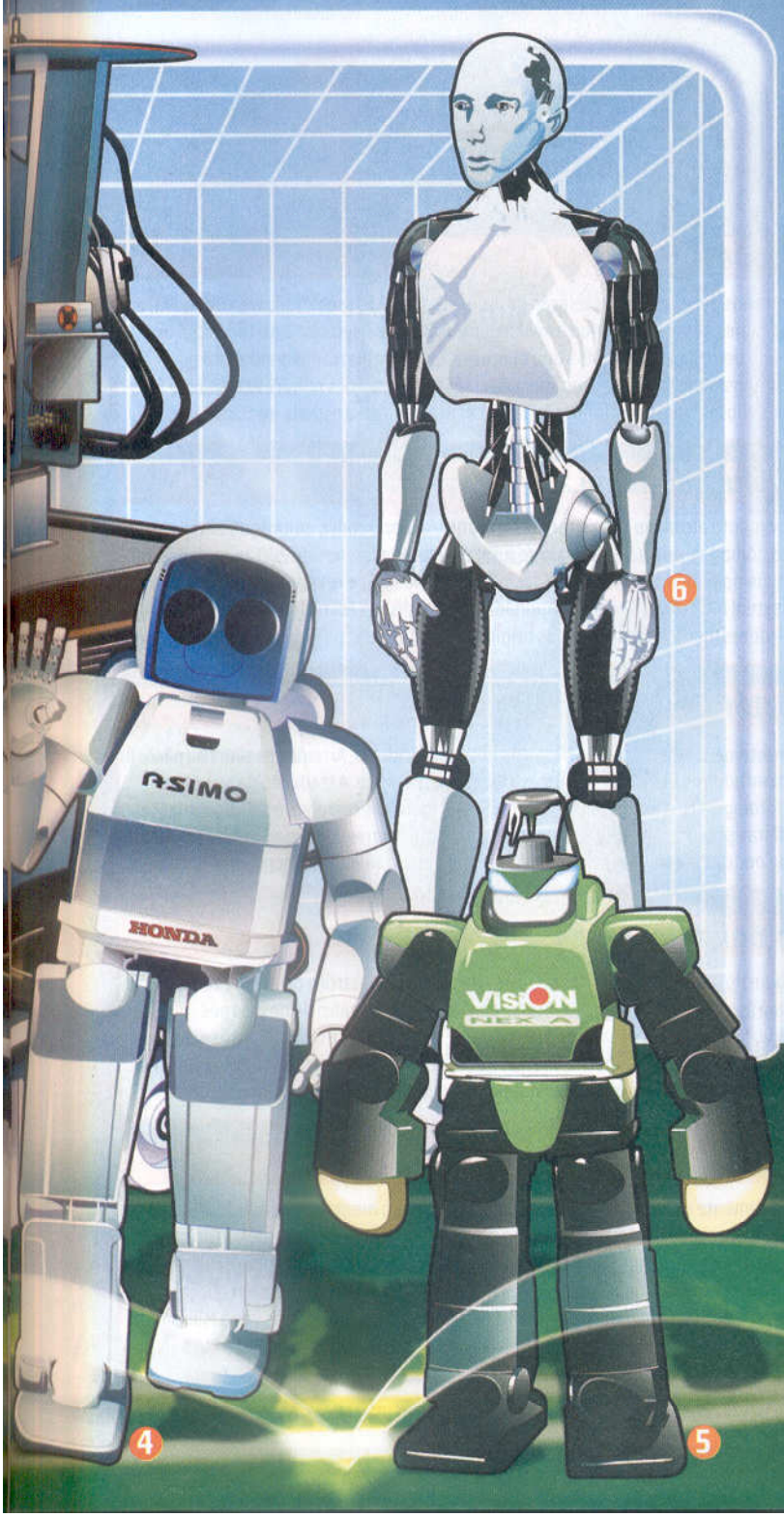
1969 - SHAKEY

O primeiro robô móvel controlado por inteligência artificial foi construído pelo Instituto de Pesquisa de Stanford, EUA. A máquina usava câmeras para localizar sozinha objetos e se dirigir até eles com movimentos meio desengonçados – o que lhe rendeu o nome de Shakey ("trêmulo", em inglês). O computador responsável por sua autonomia tinha o tamanho de um quarto e pesava cerca de 1 tonelada.

2 Braços e pernas

1973 - WABOT-1

O primeiro robô com um formato e movimentos mais ou menos parecidos com os de um humano surgiu na Universidade Waseda, em Tóquio, Japão. Era quase capaz de andar – na verdade, apenas gingava de uma perna para outra alternadamente –, mas falava algumas palavras em japonês, reconhecia objetos e os segurava. Evoluiu rápido: a segunda edição até tocava piano.



3 Os bons de bola

1997 – CUBOS

Surge a RoboCup, em Nagoya, Japão, com apenas duas ligas. A primeira era para robôs virtuais, softwares que competiam em um simulador. A segunda era para robôs reais, em times de 5 máquinas que disputavam partidas de 5 minutos. Todos tinham formato de cubo e usavam rodinhas para se movimentar em campo. Os robôs em si eram meio burros: tinham apenas sensores e enviavam por rádio dados para um computador, onde ficava o programa de inteligência artificial que dizia a eles o que fazer.

4 Soltaram os cachorros

1999 – ASIMO E AIBO

Na segunda edição da RoboCup, os robôs ganham design mais arrojado, surge a liga humanóide e o evento se transforma num espaço publicitário, a ponto de duas potências da robótica apresentarem ali suas principais inovações. A Honda lança o Asimo, um humanóide que pode trabalhar como recepcionista e servir cafezinhos. E a Sony, o cão Aibo, que se tornaria um dos mais populares robôs domésticos já feitos, capaz de interagir com o dono, aprender comandos e simular emoções. O que as empresas apresentarão este ano? Façam suas apostas.

5 O Ronaldinho da robótica

2004 – VISION

Considerada a seleção brasileira da RoboCup, o Team Osaka, do Japão, vai para o mundial tentar o tricampeonato na categoria humanóide. O craque é o robô VisiOn, de 39 centímetros de altura e visão de 360°. "Ele tem movimentos muito precisos, o que exige um esforço incrível de programação", diz Jackson Matsuura, coordenador da equipe brasileira. Além de reconhecer a bola, aproximar-se dela e chutar, ele também é capaz de fazer defesas, e, de quebra, ainda dá uma de gandula: busca a bola e guarda.

6 Campeões do mundo

2050 – ???

Não é fácil ganhar uma Copa do Mundo, especialmente se você ainda mal consegue correr direito. Alguns cientistas acreditam que, daqui a 44 anos, a capacidade de processamento dos computadores terá superado a do cérebro humano. Mas ainda será preciso aprimorar sensores táteis, visuais e auditivos, além de sistemas de equilíbrio, raciocínio e estratégia. Os robôs têm algumas vantagens: que outros jogadores além deles conversam telepaticamente por rádio e ignoram a pressão da torcida?

SUPERNOVAS

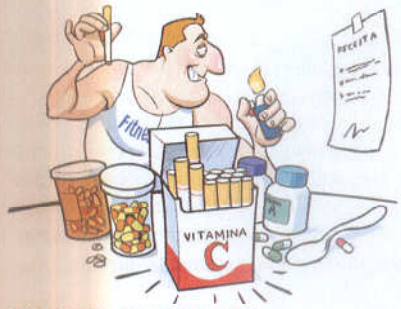
Receba Ciência Maluca todos os dias. Pág. 19

CIÊNCIA MALUCA

POR RAFAEL KENSKI

REZANDO NOS CÉUS

A Malásia enviará dois astronautas à Estação Espacial Internacional. Dos 4 candidatos, 3 são muçulmanos e deverão rezar ajoelhados em direção a Meca. Agora, especialistas pesquisam como ajoelhar em gravidade zero, como achar Meca lá de cima e como definir o horário da prece quando se dá a volta no planeta em poucas horas.



CIGARRO TURBINADO

Uma empresa canadense está vendendo um cigarro enriquecido com vitamina C. O produto, chamado Vitacig, pretende ser uma altenativa "saudável" para os clientes. Ou seja, ele pode trazer problemas pulmonares, mas ao menos previne os males da falta de vitamina.

APARÊNCIA IMPORTA

O ensinamento de que não se deve julgar um livro pela capa foi derrubado por cientistas da Universidade de Tilburg, Holanda. Eles mostraram capas de obras pouco conhecidas a 32 pessoas e pediram que descrevessem o tipo de texto que havia ali. Eles acertaram em 77% das vezes.

CONEXÕES DE MAOMÉ À MONTANHA

POR RODRIGO REZENDE

② Divulgação

Maomé

Aos 40 anos, recebeu uma revelação do anjo Gabriel em pessoa: "Há um só Deus, Alá, e um só profeta, Maomé". Captou a mensagem, montou em seu camelo e foi pregar aos povos do deserto. Mas ninguém deu muita bola para um mercador analfabeto que queria aposentar os 360 deuses adorados pelas tribos árabes no século 7. Maomé foi perseguido e só se tornou influente ao trocar a palavra pela espada e dar início à...

Revolução Islâmica

O movimento alcançou todo o território árabe e acabou com o qüiproquó entre as tribos nômades, que não paravam de lutar entre si. Em menos de 200 anos, expandiu o islamismo para mais da metade dos países conhecidos e revitalizou o mundo intelectual da Europa, então mergulhada no feudalismo. Foi nesse período que pensadores mouros traduziram os originais das obras de...

Aristóteles

Diferentemente de Platão, que vivia no mundo das idéias, Aristóteles tinha os pés tão plantados no chão que costumava escrever sobre ele. A tradução da sua obra *Meteorologica* ressuscitou questões como a origem dos terremotos. Dali em diante, cientistas procuraram uma resposta melhor que a do grego (segundo ele, a terra treme por causa do vento). O problemafoi resolvido no século 20 com a teoria da...

Tectônica de Placas

A origem do nome veio do grego *tektoon*, "aquele que constrói e destrói". E tem tudo a ver com as placas subterrâneas em constante choque embaixo de nossos pés. A teoria, formulada na década de 1960, diz que esse choque é o principal responsável pela transformação da superfície terrestre. É ele que detona terremotos, faz vulcões entrar em erupção e cria novas formas de relevo, como uma ilha, um lago ou uma...

Montanha

E é exatamente entre duas placas tectônicas que fica o monte Safa, na Arábia Saudita. Uma vez, para provar a força da religião aos novos súditos, Maomé ordenou ao monte que viesse até ele. O monte não andou. Então Maomé disse: "Alá é misericordioso. Se Ele tivesse ouvido minhas palavras, a montanha iria cair sobre nossas cabeças". Moral da história: se Maomé não vai à montanha, as placas tectônicas vão a Maomé.

① Sattu ② Divulgação

JOGO DE BURACO

Construa o seu buraco negro

ELES SÃO OS MAIORES, MAIS PODEROSOS E MISTERIOSOS OBJETOS DA GALÁXIA, E UM DIA PODERÃO ESTAR EM UM LABORATÓRIO PERTO DE VOCÊ.

POR RENATA HYDALGO

Imagine uma estrela tão grande que nem ela mesma conseguisse suportar o próprio peso e acabasse colapsando toda a sua massa em um pequeno ponto. A gravidade em volta dela seria tão forte, mas tão forte, que engoliria tudo o que estivesse em volta. Até mesmo a luz, a coisa mais rápida do Universo, ficaria presa ali. Os físicos há décadas imaginam e calculam como seriam esses objetos: os buracos negros. Mas, como nenhuma luz sai dali, ninguém nunca pôde ver um deles no espaço – o máximo que se pode fazer é deduzir onde eles estão pela forma como atraem os objetos ao redor. Mas agora o físico brasileiro Mario Novello e seus colegas do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, no Rio de Janeiro, estão imaginando uma outra forma de pesquisá-los: construindo um em laboratório. E o melhor: sem o risco de que ele engula as ferramentas, o cientista e o planeta inteiro.

É claro que o buraco negro seria um pouco diferente. Para começar, ele só absorveria a radiação eletromagnética, como a luz, raios X e ondas de rádio. As idéias que dão base a esse tipo de experiência começaram na primeira década do século 20, com Albert Einstein. Antes dele, acreditava-se que a luz era uma onda que se propagava no espaço em linha reta, não sofrendo qualquer interferência de campos gravitacionais fortes como o do Sol. Einstein demonstrou que a luz também é atraída pela gravidade e que não é apenas uma onda, mas também é composta de corpúsculos, os fótons. Já na metade do século, o físico alemão Werner Heisenberg descobriu que esses fótons podiam interagir consigo próprios: mesmo sem apresentarem cargas elétricas, eles conseguiam se atrair e se repelir. Descobriu-se então que a luz obedece a uma geometria diferente da que rege os outros corpos, válida apenas para os fótons, essas pequenas partículas de luz.

Com base nessas teorias, Novello e outros pesquisadores imaginaram que seria possível fabricar processos em laboratório nos quais se criaria um campo muito denso de radiação eletromagnética, que faria fótons atrair fótons da mesma forma que um buraco negro atrai qualquer matéria. "Não seria um verdadeiro campo gravitacional, mas as propriedades de ordem prática seriam as mesmas", diz o físico. Nesse buraco negro eletromagnético, toda a matéria sairia intacta, mas a luz seria aprisionada.

Novello diz que não será ele o professor Pardal a pôr em prática sua tese. "Você pode dar asas à imaginação e visualizar as estranhas e formidáveis situações que estes buracos negros eletromagnéticos permitirão realizar quando conseguirmos a tecnologia para desenvolvê-los em laboratório. Por enquanto, temos só a teoria", afirma. Se for construída, a experiência poderia ser algo como uma sala esférica fechada e escura, em que a única coisa visível seriam grandes feixes de laser projetados em direção ao centro. Com o passar do tempo, os feixes de laser começariam a se entortar e tangenciar o ponto central, até se tornarem invisíveis. Estaria ali um buraco negro. Inofensivo, mas com os mesmos enigmas dos seus irmãos gigantescos.

Ilustração Luiz Iria

SÓ PENSA NAQUILO

Sexo no laboratório

Veja como baixar esta imagem na pág. 19

CIENTISTAS DO MUNDO INTEIRO ESTÃO TRABALHANDO DURO PARA ENTENDER MELHOR A LIBIDO HUMANA. SÃO MILHÕES DE DÓLARES GASTOS PARA DESCOBRIR O QUE AJUDA E O QUE ATRAPALHA O PRAZER SEXUAL. VEJA O QUE ALGUNS ESTUDOS VÊM INDICANDO.

POR MARCELO BORTOLOTI

Ilustração Raphael Righi

O QUE AJUDA?

Leite materno

Substâncias no cheiro do leite materno aumentam em 24% o desejo sexual das mulheres. Para descobrir isso, cientistas da Universidade de Chicago, EUA, colocaram uma pequena almofada no sutiã de mães de recém-nascidos e, depois, expuseram um grupo de 90 mulheres à substância.

Suor

Cientistas da Universidade da Pensilvânia, EUA, colheram suor da axila de homens há 4 semanas sem desodorante. Aplicaram abaixo do nariz de 18 mulheres, que disseram ter ficado relaxadas e alegres. É que o suor tem feromônios, substâncias que animais usam para atrair fêmeas.

Museu

Quem admira obras de arte é pelo menos 3 vezes mais sexualmente ativo do que quem foge dos museus, disse uma pesquisa do Instituto de Psicologia Analítica de Roma com casais entre 25 e 30 anos. O segredo estaria em uma maior "cumplicidade erótica" entre os casais.

Doce

Nutricionistas americanos descobriram que o açúcar eleva a produção de estrogênio, que é um dos hormônios sexuais femininos. Já nos homens, o açúcar pode diminuir a potência sexual.

O QUE ATRAPALHA?

Trabalho

Mulheres que trabalham fazem menos sexo, segundo mostrou uma pesquisa do Instituto Kinsey, EUA, com 853 mulheres. O relatório diz que na década de 1950 as mulheres tinham mais tempo livre e faziam sexo com mais freqüência do que hoje.

Telefone

Parece brincadeira, mas 14% das pessoas param de fazer sexo para atender a chamadas no celular. A revelação foi de um estudo da agência de publicidade Proximity Worldwide, com 3 mil pessoas no mundo todo. Os índices mais altos estão na Alemanha e na Espanha.

Casamento

Não só a rotina, mas também a biologia age contra os casais. Uma pesquisa da Universidade de Pisa, Itália, apontou que a substância neurotrofina, que provoca o desejo, é abundante no sangue durante o início da relação, mas diminui ao fim de dois anos.

Televisão

Uma pesquisa da psicóloga italiana Serenella Salomoni com 523 casais indicou que TV no quarto reduz pela metade a freqüência de relações. Quem não tinha TV ali disse fazer sexo 8 vezes por mês. Já quem tinha ficava em apenas 4.

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

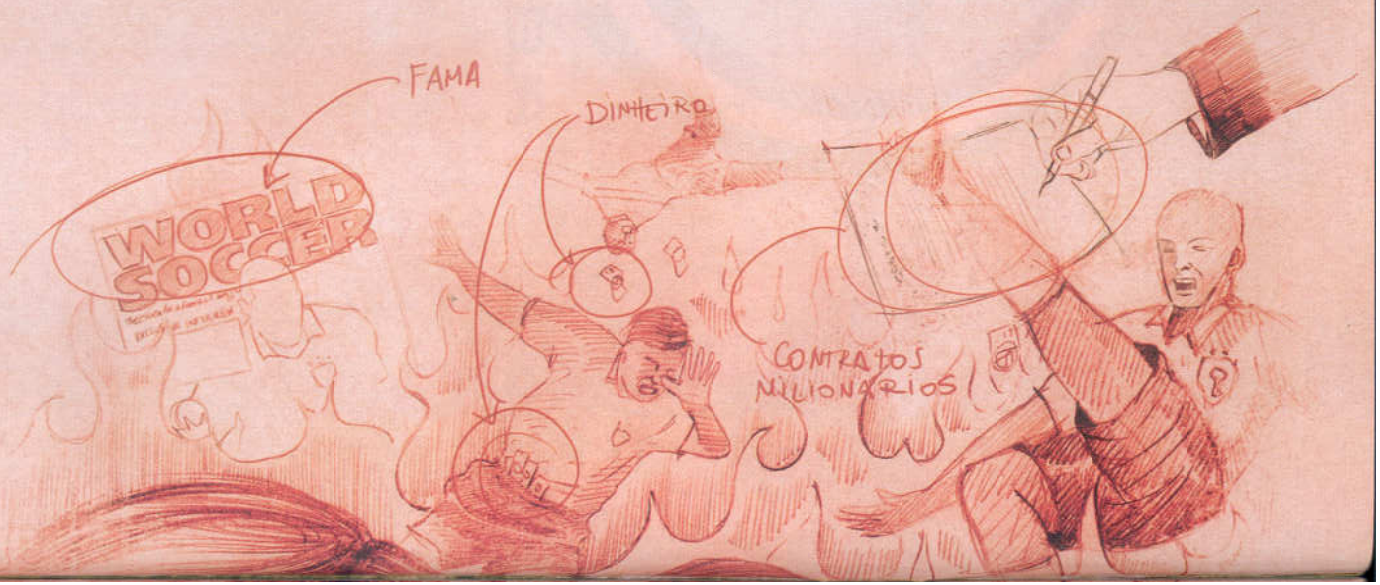
COMO O SUICÍDIO DE VARGAS, A REVOLUÇÃO DE 1930 E O MEDO DO COMUNISMO MUDARAM A HISTÓRIA DO BRASIL NA COPA. ***POR MARCELO OROZCO***

Em cada copa, a seleção parece absorver características do que acontece no país em sua época, meio moldada pelos ares políticos. Em umas mais nitidamente, em outras menos. Das mais explícitas, a de 1990 ficou com a "cara" dos tempos de governo Collor. E foi a única a ter um presidente querendo bancar o jogador de futebol. Pouco antes do embarque para a copa na Itália, Collor (sempre afeito a se exibir atleticamente) visitou a concentração da seleção disposto a participar de um "rachão". O mau tempo impediu a formação de um histórico triângulo mágico no meio-de-campo, com Alemão, Dunga e Collor. Uma pena, ainda mais porque quem lá estava teve de assistir a um bate-bola chocho na quadra de futebol de salão, com o presidente esportista ganhando de presente uma cobrança de pênalti e Taffarel não se importando em engolir o frango.

Não foi o único encontro entre o presidente e o time de 90. Nos ideais, eles também se pareciam. Collor se envolveu em escândalos de corrupção e inundou o país de produtos importados. A seleção era vorazmente gananciosa – brigava por dinheiro de patrocínio e sonhava com contratos polpudos após o Mundial. E pretensamente "modernizada", a ponto de o técnico Sebastião Lazaroni importar da Europa um esquema tático retranqueiro, que usava um líbero – Lazaroni, elegantemente, preferia chamá-lo de *stopper*, como na Europa. Deu tudo errado. Collor sofreu o famoso impeachment. O Brasil foi eliminado cedo da copa e a equipe, jogada na lata de lixo do futebol brasileiro. Foram todos condenados ao inferno do folclore nacional: Collor, Lazaroni e o *stopper* – o que quer que seja um *stopper*.

1954

Foi dos anos mais turbulentos no país. Em agosto, Getúlio Vargas se suicidou. Em junho, o país enviou para a copa sua seleção mais neurótica de todos os tempos. Os jogadores arranjavam confusões bobas e sofriam de complexo de inferioridade crônico. Antes de enfrentar a Hungria, por exemplo, foram levados ao treino adversário para ver que os húngaros eram melhores. Depois, ouviram discurso exigindo vitória para "vingar os mortos de Pistóia", batalha da 2ª Guerra que pouco tinha a ver com a Hungria. Só podia acabar em confusão: o jogo terminou numa das maiores pancadarias da história das copas, "A Batalha de Berna".



COMUNISMO X BOM-MOCISMO

Supostamente, o time de 1958 gozou dos ares mais otimistas de todas as seleções. Eram os tempos de JK, o presidente gente fina que convenceu os brasileiros de que o país tinha jeito. Antes do embarque da delegação, no entanto, JK mandou um "alerta" para o time: o Brasil podia perder de todo mundo, menos da União Soviética. O motivo? Nos bastidores do governo, temia-se que uma derrota desse corda à propaganda comunista dos que acreditavam que bem mesmo se vivia no frio de Moscou.

A FRASE

"O PRESIDENTE NÃO ESCALA MEU TIME E EU NÃO ESCALO O MINISTÉRIO."

João Saldanha, a 3 meses da Copa de 1970, rebatendo o lobby para que ele convocasse o atacante Dadá Maravilha, queridinho do presidente, o general Emílio Médici. A declaração ajudou a causar a demissão de Saldanha – um esquerdista que nunca foi bem-visto pelos militares.

MEIO-CAMPO, VOLVER!

A ditadura brasileira não costumava fazer cerimônia para usar o futebol em proveito próprio. No México, em 1970, a comissão técnica incluía do capitão Cláudio Coutinho (preparador físico) ao brigadeiro Jerônimo Bastos (chefe da delegação) – equação repetida em 1974. Em 1978, Coutinho virou técnico. Mas acabou hierarquicamente engolido pelo almirante (e vascaíno) Heleno Nunes, chefe da CBD (atual CBF). Às vésperas da estréia, contra a Áustria, Nunes impôs a escalação de seu ídolo Roberto Dinamite.

RAÍZES DO BAIRRISMO

A década de 1930 marcou o fim do poder paulista. O estado foi derrotado pela revolução de 1930 e no levante de 1932. No futebol, a fase não era melhor. Na Copa de 1930, São Paulo se recusou a enviar jogadores após perder a briga por cargos na delegação. Em 1934, os paulistas já eram profissionais e a CBD mantinha um amadorismo de araque – tão de araque que tentou contratar profissionais para jogar a copa como amadores. Novamente São Paulo não mandou atletas – o Palestra Itália chegou a esconder o time num sítio com seguranças armados.

PELÉ, OPRESSOR DAS MASSAS

Nem tudo era fraternidade na "melhor seleção de todos os tempos" em 1970. Pelé e o zagueiro reserva Fontana viviam em clima de guerra fria. O esquerdista Fontana questionava abertamente os privilégios do "Rei do Futebol" e dizia que só não era titular porque Pelé não deixava. Depois de uma discussão, Pelé pediu desculpas a Fontana diante de todo o grupo, o que apaziguou o ambiente. Mas não dobrou as convicções do camarada Fontana.

SUPERNOVAS PÔSTER

Só dá bandeira

CADA PAÍS FAZ DA BANDEIRA SUA IMAGEM E SEMELHANÇA. MAS QUE IMAGEM É ESSA? CONHEÇA AS PRINCIPAIS FAMÍLIAS DE BANDEIRAS DO MUNDO E SAIBA O QUE ELAS TÊM A DIZER.

FAMÍLIA DA CRUZ ▲

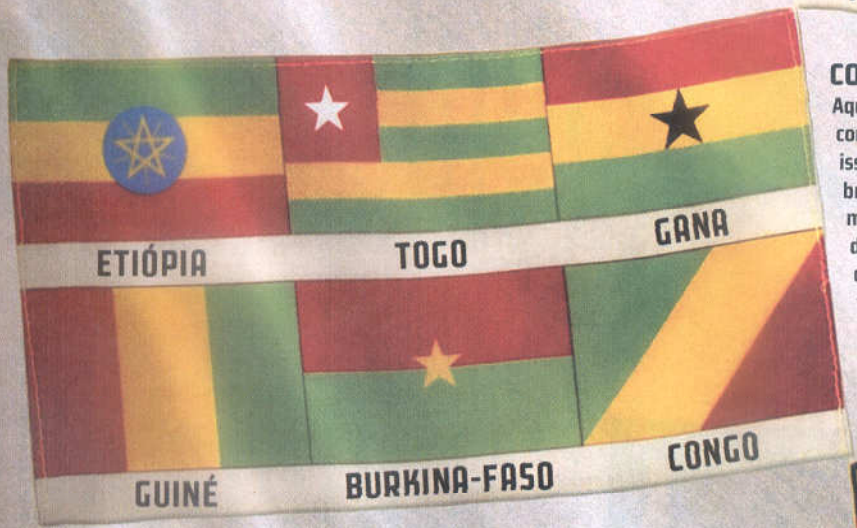
A bandeira da Dinamarca, conhecida como *Dannebrog*, é considerada a mais antiga do mundo em uso contínuo. Os dinamarqueses também foram os primeiros a posicionar a cruz mais à esquerda, dando origem à subfamília das cruzes escandinavas. A lenda conta que o *Dannebrog* caiu do céu durante uma batalha na Estônia, em 1219. Mais provável mesmo é ser uma evolução de um antigo estandarte religioso-militar em que a cruz, logicamente, simboliza a fé cristã. Uma de suas primeiras aparições em bandeiras modernas foi na que representava o reino de Jerusalém, no século 12, época das cruzadas.

OUTROS PAÍSES: Noruega, Finlândia, Suíça, República da Geórgia e Tonga.

PAN-ÁRABES ▼

A bandeira da Revolta Árabe, movimento independentista da década de 1910, serve de base para os países da região. As cores, símbolo do pan-arabismo, representam antigas dinastias muçulmanas. Branco para a dos omíadas, preto dos abássidas, vermelho dos hashemitas e verde dos fatímidas. O verde também é associado ao Islã – daí sua presença nas bandeiras de nações muçulmanas.

OUTROS PAÍSES: Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Omã e Síria.



PAN-AFRICANAS ▲

A bandeira da Etiópia, mais antigo Estado independente da África, serviu de inspiração para vários países da região (o brasão azul foi introduzido apenas em 1996). Gana, por exemplo, adotou as mesmas cores e ainda adicionou o preto, homenagem ao primeiro movimento de unificação negra, iniciado em 1914 pelo jamaicano Marcus Garvey. Garvey serviu também de inspiração para a presença das estrelas África afora: o símbolo estava na bandeira da Black Star Line, a empresa de navegação fundada por ele para transportar negros de volta para o continente africano.

OUTROS PAÍSES: Benin, Cabo Verde, Mali, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Senegal e Zimbábue.

CORES NACIONAIS ▼

Aqui não tem losango ou design moderno. País com cores dispostas em duas ou 3 faixas. E não mais. Há isso: as bandeiras são traduções simplificadas dos brasões nacionais. A espanhola, por exemplo, é mais antigos reinos ibéricos: vermelho de León e de Castilla, Aragón e Navarra. O azul e o amarelo do brasão da cidade de Lviv, extremo oeste da foi atribuído um simbolismo mais poético: azul e amarelo para os campos de trigo. As cores da as mesmas do brasão do Sacro Império

OUTROS PAÍSES: Polônia, Romênia e Mônaco.

ESTRELAS E LISTRAS ▲

Stars and Stripes ("estrelas e listras") é o apelido da bandeira dos EUA. As 13 listras representam as colônias que deram origem ao país. As estrelas, os estados que formam a União. O desenho americano se espalhou pelo mundo feito fábrica da Coca-Cola e serviu de inspiração para que muitos países independentes no século 19 manifestassem sua adesão aos ideais republicanos de liberdade e democracia – caso do Chile e do Uruguai.

OUTROS PAÍSES: Cuba e Porto Rico.

tradição usa as
motivo para
centenários
herança dos
vermelho e amarelo
da Ucrânia vieram
país. Posteriormente,
para os céus do país
Alemanha são
Romano-Germânico.

TRICOLOR DE GRAN COLOMBIA ▲

A Gran Colombia existiu de 1822 a 1830, reunindo as atuais Colômbia, Venezuela e Equador sob esse tricolor horizontal. Originalmente, é a bandeira independentista venezuelana: o amarelo simboliza a América dourada, separada, pelo azul do Atlântico, da metrópole, a Espanha vermelho-sangue. Quando a união se desfez, em 1830, cada país atribuiu novos significados às cores.

AZUL-BLANCO-AZUL ▲

Inspirado na bandeira argentina, o padrão foi adotado em 1823 pelas Províncias Unidas del Centro de América, que compreendiam Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica. Em 1838, a federação se dissolveu e cada país inventou um significado próprio ao modelo – em Honduras, por exemplo, o azul é pela fraternidade e o branco, pela paz. As estrelas relembram as antigas Províncias Unidas.

MATEMÁTICA À MODA BRITÂNICA

O *Union Jack* representa o Reino Unido, que compreende Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte. A imagem é o resultado da sobreposição das bandeiras da Inglaterra (cruz de são Jorge), Escócia (cruz de santo André) e Irlanda do Norte (cruz de são Patrício).

O CLONE

Em *La Estrella Solitária*, a bandeira cubana , a estrela ilumina o caminho rumo à liberdade e o triângulo é um símbolo maçônico de liberdade, igualdade e fraternidade. Os vizinhos de Porto Rico gostaram da simbologia e dos ideais cubanos. E daí tiraram inspiração para sua *La Monoestrellada*.

A OUTRA FACE

O Paraguai tem a única bandeira dupla face do mundo. À frente, o escudo nacional e a inscrição "República do Paraguai". No verso, o selo do Tesouro e o lema "Paz e Justiça". As faixas têm as cores da República.

MEU QUERIDO BRASIL

O amarelo é do ouro, o verde é das matas... esqueça esse papo. Nossa atual bandeira foi adaptada do estandarte do Império. O verde vem da casa real de Bragança, de dom Pedro 1º, e o amarelo, dos Habsburgos, da imperatriz Leopoldina. Só adicionou-se a imagem da abóbada celeste na noite da Proclamação da República (nosso lábaro estrelado, manja?).

TEXTO CARLOS BRIGHETTI
EDIÇÃO SÉRGIO GWERCMAN
DESIGN ADRIANO SAMBUGARO E LUIZ IRIA
FOTO MANUEL NOGUEIRA

SUPERRESPOSTAS
PARA ENTENDER O MUNDO
EDIÇÃO DE ALEXANDRE VERSIGNASSI
(AVERSIGNASSI@ABRIL.COM.BR)
DESIGN DE JOSI CAMPOS

90 BILHÕES EM AÇÃO

Quais são os jogadores mais caros da história?

POR ALEXANDRE VERSIGNASSI E ALESSANDRO ROVÊDA

O francês Zinedine Zidane e o português Luís Figo, os meias-ofensivos do time aí ao lado, encabeçam a lista. Uma lista em que boa parte dos melhores de todos os tempos não entra. É que as 50 transações mais caras da história aconteceram do final dos anos 90 para cá. Antes os jogadores não valiam tanto. Olha só: em 1973 o Barcelona pagou 30 milhões de reais (em valores de hoje) pelo holandês Johan Cruyff. Nove anos depois, o time catalão pagaria os mesmos 30 milhões de reais (também em valores corrigidos) por Diego Maradona, então com 21 anos. Isso é a metade do que o Corinthians desembolsou com outro jovem portenho, Carlos Tevez – cujo valor de mercado estaria em mais de 100 milhões de reais. A culpa por tanta inflação é do crescimento dos clubes europeus. Em 1997, a receita dos 20 maiores times, juntos, era de 3,3 bilhões de reais. Agora esse ganho já está na faixa dos 8,5 bilhões. É que os grandes clubes nunca lucraram tanto fora de campo. O Real Madrid, por exemplo, fez 344 milhões de reais só em patrocínios e venda de produtos com a marca do clube. Boa parte graças ao superstar David Beckham, considerado o 2º jogador com maior potencial de marketing no mundo. O 1º? Ele mesmo: Ronaldinho Gaúcho, que hoje nem tem preço.

Veja como baixar esta imagem na pág. 19

O TIME DOS SONHOS DO TIO PATINHAS

Asier del Horno
IDADE: 25 anos
POSIÇÃO: Lateral-esquerdo da Espanha
TIME ATUAL: Chelsea (Ing)
CUSTOU: 12 milhões de euros
QUEM PAGOU: O Chelsea (Ing), ao Athletic Bilbao (Esp), em 2005

Rio Ferdinand
IDADE: 27 anos
POSIÇÃO: Zagueiro da Inglaterra
TIME ATUAL: Manchester United (Ing)
CUSTOU: 42,8 milhões de euros
QUEM PAGOU: O Manchester, ao Leeds United (Ing), em 2002

Gianluigi Buffon
IDADE: 28 anos
POSIÇÃO: Goleiro da Itália
TIME ATUAL: Juventus (Ita)
CUSTOU: 48 milhões de euros
QUEM PAGOU: A Juventus, ao Parma (Ita), em 2001

Alessandro Nesta
IDADE: 30 anos
POSIÇÃO: Zagueiro da Itália
TIME ATUAL: Milan (Ita)
CUSTOU: 28 milhões de euros
QUEM PAGOU: O Milan, à Lazio (Ita), em 2001

Lilian Thuram
IDADE: 34 anos
POSIÇÃO: Zagueiro da França (fez carreira na lateral-direita)
TIME ATUAL: Juventus (Itália)
CUSTOU: 33,2 milhões de euros
QUEM PAGOU: a Juventus, ao Parma (Ita), em 2001

BANCO DE RESERVAS

Ronaldo
IDADE: 29 anos
POSIÇÃO: Atacante do Brasil
TIME ATUAL: Real Madrid (Esp)
JÁ VALEU: 41,8 milhões de euros
QUEM PAGOU: O Real, à Inter de Milão (Ita), em 2002

Rui Costa
IDADE: 34 anos
POSIÇÃO: Meia (fora da copa)
TIME ATUAL: Milan (Ita)
CUSTOU: 41 milhões de euros
QUEM PAGOU: O Milan, à Fiorentina (Ita), em 2001

SUPER INTERESSANTE ESSENCIAL

Confira os jogadores mais dispendiosos de todos os tempos para cada posição

Juan Sebastián Verón

IDADE: 31 anos
POSIÇÃO: Volante (fora da copa)
TIME ATUAL: Inter de Milão (Ita)
CUSTOU: 41,3 milhões de euros
QUEM PAGOU: Manchester United (Ing), à Lazio (Ita), em 2001

Christian Vieri

IDADE: 32 anos
POSIÇÃO: Atacante italiano (fora da copa)
TIME ATUAL: Monaco (Fra)
CUSTOU: 47,1 milhões de euros
QUEM PAGOU: Inter de Milão (Ita), à Lazio (Ita), em 1999

Zinedine Zidane

IDADE: 33 anos
POSIÇÃO: Meia da França
TIME ATUAL: Aposentou-se no Real Madrid (Esp)
CUSTOU: 67,1 milhões de euros
QUEM PAGOU: O Real Madrid, à Juventus (Ita), em 2001

Luís Figo

IDADE: 33 anos
POSIÇÃO: Meia de Portugal
TIME ATUAL: Inter de Milão (Ita)
CUSTOU: 54,4 milhões de euros
QUEM PAGOU: Real Madrid (Esp), ao Barcelona (Esp), em 2000

TOP 10 DE ONTEM

Os protagonistas das maiores transferências.

1º	Zinedine Zidane	R$ 192,3*
2º	Luís Figo	R$ 155,9
3º	Hernán Crespo	R$ 149,6
4º	Gianluigi Buffon	R$ 137,0
5º	Christian Vieri	R$ 135,0
6º	Rio Ferdinand	R$ 122,7
7º	Gaizka Mendieta	R$ 122,1
8º	Ronaldo	R$ 119, 8
9º	Juan Sebastián Verón	R$ 118,3
10º	Rui Costa	R$ 118,1

*milhões

TOP 10 DE HOJE

Os jogadores com marketing mais poderoso.**

1º	Ronaldinho (Brasil e Barcelona)
2º	David Beckham (Inglaterra e Real Madrid)
3º	Wayne Rooney (Inglaterra e Manchester Untd.)
4º	Samuel Eto'o (Camarões e Barcelona)
5º	Lionel Messi (Argentina e Barcelona)
6º	Zlatan Ibrahimovic (Suécia e Juventus)
7º	Ronaldo (Brasil e Real Madrid)
8º	Frank Lampard (Inglaterra e Chelsea)
9º	Thierry Henry (França e Arsenal)
10º	Michael Ballack (Alemanha e Bayern Munique)

**segundo a consultoria alemã BBDO

Gaizka Mendieta

IDADE: 32 anos
POSIÇÃO: Volante (fora da copa)
TIME ATUAL: Middlesbrough (Ing)
CUSTOU: 42,6 milhões de euros
QUEM PAGOU: A Lazio (Ita), ao Valencia (Esp), em 2001

Hernán Crespo

IDADE: 30 anos
POSIÇÃO: Atacante da Argentina
TIME ATUAL: Chelsea (Ing)
CUSTOU: 52,2 milhões de euros
QUEM PAGOU: Lazio (Ita), ao Parma (Ita), em 2000

Mikael Essien

IDADE: 23 anos
POSIÇÃO: Atacante de Gana
TIME ATUAL: Chelsea (Ing)
CUSTOU: 35,8 milhões de euros
QUEM PAGOU: O Chelsea, ao Lyon (Fra), em 2005

Pavel Nedved

IDADE: 33 anos
POSIÇÃO: Meia da República Tcheca
TIME ATUAL: Juventus (Ita)
CUSTOU: 37,3 milhões de euros
QUEM PAGOU: A Juventus, à Lazio, (Ita) em 2001

Foto Manuel Nogueira

①

PLEITO CAÍDO

O que aconteceria se o voto nulo ganhasse as eleições?

POR RAQUEL COZER

Guerra? Tumulto? Que nada: os votos nulos até podem melar eleições se chegarem a mais de 50% do total, só que a Lei Eleitoral exige um novo pleito. Deve rolar outra votação entre 20 e 40 dias depois, com os mesmos candidatos. E isso vale tanto em eleições para o Executivo como para o Legislativo. Já, se os nulos chegarem na frente sem passar dos 50%, não contece nada. Num eventual 2º turno, eles também não contam. Mesmo se um candidato levar por dois votos a um, está valendo – os nulos acabam subtraídos do resultado final, do mesmo jeito que os votos em branco. A única diferença entre brancos e nulos, aliás, é justamente a chance de estes últimos invalidarem a eleição. "Em tese, o branco significa aceitação, tipo: 'Qualquer candidato está valendo'. E o nulo é de quem diz 'Nenhum candidato merece meu voto'", diz o cientista político Carlos Melo, da Faculdade Ibmec São Paulo. Nos tempos pré-urna eletrônica, quando os eleitores podiam escrever na cédula, os descontentes tinham como mostrar quem "merecia" mesmo seus votos. Em 1958, por exemplo, o grande nome das eleições para vereador em São Paulo foi um rinoceronte, o Cacareco. Ele já freqüentava as colunas sociais desde a inauguração do Zoológico de São Paulo, e entrou na política pelas mãos do então bairro de Osasco, que brigava para se tornar uma cidade. O chifrudo ficou em 1º, com 100 mil votos. No Rio, 30 anos depois, foi a vez de outro ilustre mamífero: o macaco Tião. Lançada pela revista *Casseta & Planeta*, a candidatura do chimpanzé à prefeitura rendeu um imponente 3º lugar – foram 400 mil votos, ou 9,5% do total.

3 PERGUNTAS PARA ENTENDER A NACIONALIZAÇÃO DO GÁS NA BOLÍVIA

POR BRUNO VIEIRA FEIJÓ

1 ELA FOI ILEGAL?

A ONU garante a soberania de um país sobre seus recursos naturais e reconhece a nacionalização como algo legítimo. O Brasil, por exemplo, começou a dar concessões de exploração de petróleo a estrangeiros em 1864, e em 1938 resolveu nacionalizar o produto. Mas do ponto de vista diplomático o ato foi, sim, ilegal, já que a Petrobras atua lá sob contratos que só venceriam em 2019.

2 QUAL A ALTERNATIVA?

Poderíamos importar gás natural liquefeito, que é transportado de navio e pode ser comprado de qualquer produtor. O problema é o preço (7 dólares*, contra os 3,7 em que o gás boliviano estava fixado). Quanto à Petrobras, ela promete auto-suficiência em gás até 2008.

3 QUE TIPO DE SANÇÃO A BOLÍVIA PODE SOFRER?

Quem supervisiona contratos entre países são fóruns internacionais. Os contratos de importação de gás entre Brasil e Bolívia prevêem que conflitos sejam levados a um deles: o Tribunal Arbitral de Nova York, composto de 450 membros da sociedade civil de 90 países. Lá a Petrobras pode até exigir bens do governo boliviano para recuperar o que investiu no país. Ela também pode recorrer ao Centro Internacional para Resolução de Disputas de Investimento, criado para casos assim e aprovado por vários países, inclusive a Bolívia.

* Preço do milhão de BTU, antes do transporte. Cada BTU equivale a 26,8 metros cúbicos de gás. Fonte: Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura - CBIE e professor da UFRJ.

COMO SURGIU?

O GUARDA-CHUVA?

Ele começou a vida no seco: foi bolado para funcionar como guarda-sol no Egito antigo. Usado para proteger os membros da corte da fúria do deus Sol, virou um símbolo de status. Depois os gregos levaram o objeto à Europa. E, sob os generosos indíces pluviométricos do Velho Continente, ele encontrou sua verdadeira vocação.

②

O KETCHUP ?

Os chineses inventaram o *ke-tsiap*, um molho à base de vinagre e frutos do mar, no século 17. Marinheiros levaram a idéia para a Inglaterra. O tomate só entrou no século 19. E em 1872 o americano H.J. Heinz passou a vender o molho numa barraquinha na Filadélfia, EUA. Ficou milionário.

① Flávio Rossi ② Divulgação

CALIBRADA NOS PNEUS

Como funcionam as balanças que medem a porcentagem de gordura?

POR LUIANA FARNESI

1 Cadastro

Para as balanças tradicionais, 1 quilo de músculo vale o mesmo que 1 de gordura. Já a nova geração desses aparelhos diz quanta banha você tem. Para saber o resultado, você primeiro digita alguns dados na balança: idade, sexo, altura e nível de atividade física (numa escala de 1 a 4, por exemplo). Fica faltando o peso, mas esse ela mesma mede.

2 Corrida de obstáculos

Os 4 pontos de metal (a) são eletrodos. Por ali, você recebe uma descarga elétrica – nada que dê choque. Os elétrons percorrem suas pernas pela água, que ela é boa condutora de eletricidade. O melhor caminho é pelos músculos, que têm 75% de H_2O. Mas os elétrons também trombam com um obstáculo: a gordura, que só tem 20% de água (b). A banha dificulta a jornada dos elétrons. Então quanto mais rápido a corrente voltar para a balança, menos gordura você tem no corpo.

3 Calculadora

A balança junta todos os dados em uma fórmula, faz as contas e dá o veredicto. A altura serve pra indicar o tamanho do percurso que a corrente elétrica fez. A idade e o peso entram na conta do volume total de água do corpo. Claro: quanto mais pesado, mais água você tem. E quanto mais velho, menos água. Se você é mulher, já sai perdendo, pois em geral tem mais gordura que um homem. Já a coisa do nível de atividade física indica se você acumulou mais músculos que a média.

4 Enganando a balança

Espera aí: já que a chave da equação está na água, significa que, se você beber 10 litros de líquido antes de se pesar, a balança vai achar que você tem mais músculo. Da mesma forma, se você estiver desidratado, ela vai dizer que sua porcentagem de gordura aumentou. Por isso o ideal é que você só se pese quando estiver de bexiga vazia e há 12 horas sem fazer exercícios (já que malhar desidrata). Outras coisas que causam desidratação: tomar café e bebidas alcoólicas. Também não pode subir na balança com os pés úmidos, já que isso acelera a corrente elétrica – e ilude a coitada.

5 E funciona?

A balança só pode detectar gordura nas pernas e em parte do tronco, segundo especialistas. O resultado que o aparelho dá para o corpo todo é só uma estimativa. Em tese, se você tem pernas fortes a balança vai achar que você é inteirinho musculoso, ainda que seu bíceps nunca tenha chegado perto de um par de pesos. "Essas balanças servem para monitorar as variações no seu percentual de gordura, não para dar valores exatos", diz o nutricionista Stephen Pintauro, da Universidade de Rhode Island, EUA.

6 Ah, claro:

A porcentagem de gordura para adultos em forma varia entre mais ou menos 13% e 19% (nos homens) e 18% e 24% (nas mulheres). Depois dos 40 a proporção ideal sobe um ponto percentual a cada 10 anos.

Foto Manuel Nogueira

Veja como baixar esta imagem na pág. 19

DOENÇAS DA PESTE

Quais são as pestes mais avassaladoras?

POR TARSO ARAÚJO

PESTE NEGRA

ONDE: Europa
QUANDO: 1347 a 1351
ESTIMATIVA DE MORTES: 25 milhões

Dizimou um terço da população européia.
Na Inglaterra, centro da epidemia, a estimativa é que pelo menos 1 000 vilarejos tenham virado cidades fantasmas. Tudo culpa da bactéria Yersinia pestis, que infesta pulgas de ratos e, na carona dos roedores, espalhou a peste bubônica (e outras variedades dessa doença) pelo continente. Quando ela invade o corpo, causa inflamações, hemorragias e mata em até 5 dias. E é tão letal que foi usada como arma biológica: povos em guerra catapultavam cadáveres contaminados com a peste às cidades que queriam invadir. Hoje, dá para controlar a doença com antibióticos. Mas ela ainda é uma ameaça.

GRIPE ESPANHOLA

ONDE: No mundo todo
QUANDO: 1918 a 1919
ESTIMATIVA DE MORTES: 25 milhões

A primeira manifestação da epidemia aconteceu em San Sebastián, na Espanha, e daí veio o apelido da doença. Mas o fato é que a gripe mais letal da história fez vítimas em todos os lugares habitados do globo. Só na Índia foram 12,5 milhões de vítimas. Na cidade de Okak, na Groenlândia, foram só 215 – mas isso representava 81% da população. O Brasil também entrou na rota da gripe, que geralmente se alastrava a partir dos portos. No Rio de Janeiro, por exemplo, a doença matou 17 mil pessoas em dois meses. No país, foram pelo menos 300 mil mortos. O vírus era tão violento que provocava hemorragia nos pulmões e matava os doentes em dois dias.

EPIDEMIA DE VARÍOLA

ONDE: México e América Central
QUANDO: 1520 a 1521
ESTIMATIVA DE MORTES: 4 milhões

A doença que dizimou os astecas com a invasão do espanhol Hernán Cortés é um exemplo de como uma epidemia depende do "fator surpresa" para acontecer. A varíola já existia na Europa, então os espanhóis tinham desenvolvido anticorpos contra ela. Estavam naturalmente imunizados. Mas os nativos não. Aí, quando o vírus da varíola chegou carregado pelos europeus, não teve jeito. Boa parte dos astecas acabou infectada. Tanto que, com a ajuda da epidemia, Cortés derrotou um exército de milhões com apenas 500 homens. A doença só foi erradicada em 1979. Hoje, só existem duas amostras do vírus, preservadas em laboratórios na Rússia e nos EUA.

DOENÇA DO SUOR

ONDE: Inglaterra
QUANDO: 1485-1551
ESTIMATIVA DE MORTES: 3 milhões

Até hoje ninguém sabe o que causava a doença. Ela atacou na Inglaterra em 5 surtos durante 6 décadas. Cada um durou só algumas semanas. Mas com uma intensidade digna de filme de terror: os sintomas começavam com uma sensação exagerada de calor, depois vinham dores de cabeça fortes, delírios, taquicardia e suor em bicas. A morte vinha em 3 a 18 horas. Quem agüentasse um dia inteiro geralmente sobrevivia, só que não ficava imune à doença. Então não faltou gente que a pegasse mais de uma vez. Em 1997, pesquisadores britânicos cogitaram que o agente da doença pode ter sido um tipo de vírus que mora em fezes de rato. Mas ainda é só uma hipótese.

PESTE DE JUSTINIANO

ONDE: Constantinopla
QUANDO: 542
ESTIMATIVA DE MORTES: 300 mil

"Naqueles dias houve uma peste que fez com que toda a raça humana chegasse perto da aniquilação", escreveu Procópio, historiador romano do século 6. A tal peste foi a primeira epidemia de peste bubônica de que se tem notícia. Trazida por ratos a bordo de navios vindos do rio Nilo, ela matou pelo menos 60% dos então 500 mil habitantes de Constantinopla (atual Istambul). Caos total: os habitantes que sobraram nem tinham como produzir seus próprios alimentos. Depois de arrasar a capital do Império Romano do Oriente, a peste se espalhou com menor intensidade para a Europa. Até o imperador Justiniano pegou a doença que levou seu nome. Mas sobreviveu.

Ilustração Rômulo Pacheco

① Ilustração sobre foto Josi Campos

Qual o náufrago que ficou mais tempo à deriva?

POR MARCELO BORTOLOTI

Foi o chinês Poon Lim (1917-1991), que agüentou mais de 4 meses no mar. Em 1942, o navio inglês Benlomond, do qual Lim era tripulante, afundou próximo à costa da África. Lim se atirou ao mar e achou uma jangada que vagava na correnteza. Lá dentro tinha uma lanterna, 6 caixas de biscoito, 10 latas de conserva, uma garrafa de suco de limão, 5 latas de leite em pó, barras de chocolate e 10 galões de água. Sem remos nem vela, só lhe restava esperar. E no 15º dia o rango acabou. Lim teve de improvisar um equipamento de pesca, e conseguiu fazer um anzol com uma mola da lanterna. À base de peixe cru, e estocando água da chuva, ele agüentou mais algumas semanas. Depois de algum tempo o chinês enjoou dos peixes. Aí teve a idéia de usá-los como isca para capturar gaivotas. Deu certo, e Lim passou a ter aves no menu. Quatro meses e meio depois ele percebeu que a cor do mar estava mudando de azul escuro para esverdeado. Lim estava perto da terra firme. Foi quando viu um barco. Era uma família de pescadores paraenses. Ele tinha chegado à costa brasileira. Emocionado com a história do náufrago, o patriarca da família ofereceu-lhe a filha em casamento ainda no barco. Ele recusou. Finalmente em terra, na cidade de Belém, nosso herói embarcou de volta para a Inglaterra. Foi recebido pelo rei George 6º, e ganhou a Comenda do Império Britânico. Nada mal por 133 dias à deriva.

PERGUNTA SEM RESPOSTA:

DEVEMOS USAR ANIMAIS EM PESQUISAS CIENTÍFICAS?

POR INGRID TAVARES

"Não. E se só der para impedir à base de violência, então essa é uma solução justificável. Você nem precisa matar tantos pesquisadores. Para cada 5, 10, 15 vidas humanas, poderemos salvar 1, 2, 10 milhões de vidas não humanas."

Jerry Vlasak,
MÉDICO AMERICANO E ATIVISTA CONTRA O USO DE ANIMAIS EM PESQUISAS.

"Sim. Os animais usados em pesquisas têm um tratamento médico melhor que grande parte dos seres humanos. Em geral, essa é uma questão em que as pessoas usam a emoção, e não a razão, para fazer seus argumentos."

Miguel Nicolelis,
NEUROCIENTISTA BRASILEIRO DA UNIVERSIDADE DUKE.

"Se você não pode fazer esse tipo de experimentação, ninguém mais vai tomar vacina, por exemplo. Sem os testes com animais, como é que você vai vacinar alguém se não sabe como é que o medicamento funciona?"

Carlos Muller,
COORDENADOR DO CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL DO INSTITUTO OSWALDO CRUZ, EM SÃO PAULO.

"Temo que se dê pouca importância ao sofrimento dos animais, e ficaria contente com alguma lei contra essa desumanidade. Mas sei que a fisiologia não teria avançado se não fossem experimentos com animais vivos. E quem retarda esse progresso comete um crime."

Charles Darwin,
ELE MESMO: O INGLÊS QUE DEU À LUZ A TEORIA DA EVOLUÇÃO.

Fonte: revista *NewScientist*, nº 2540, 25/2/2006.

PÁ PUM

QUAL A QUANTIDADE DE ÁGUA USADA NO CAMPO PARA PRODUZIR 1 LITRO DE LEITE?
2 mil litros, tanto para irrigar pasto como para matar a sede da vaca.

E 1 QUILO AÇÚCAR?
3 mil litros.

PARA UMA CAMISETA DE ALGODÃO?
7 mil litros.

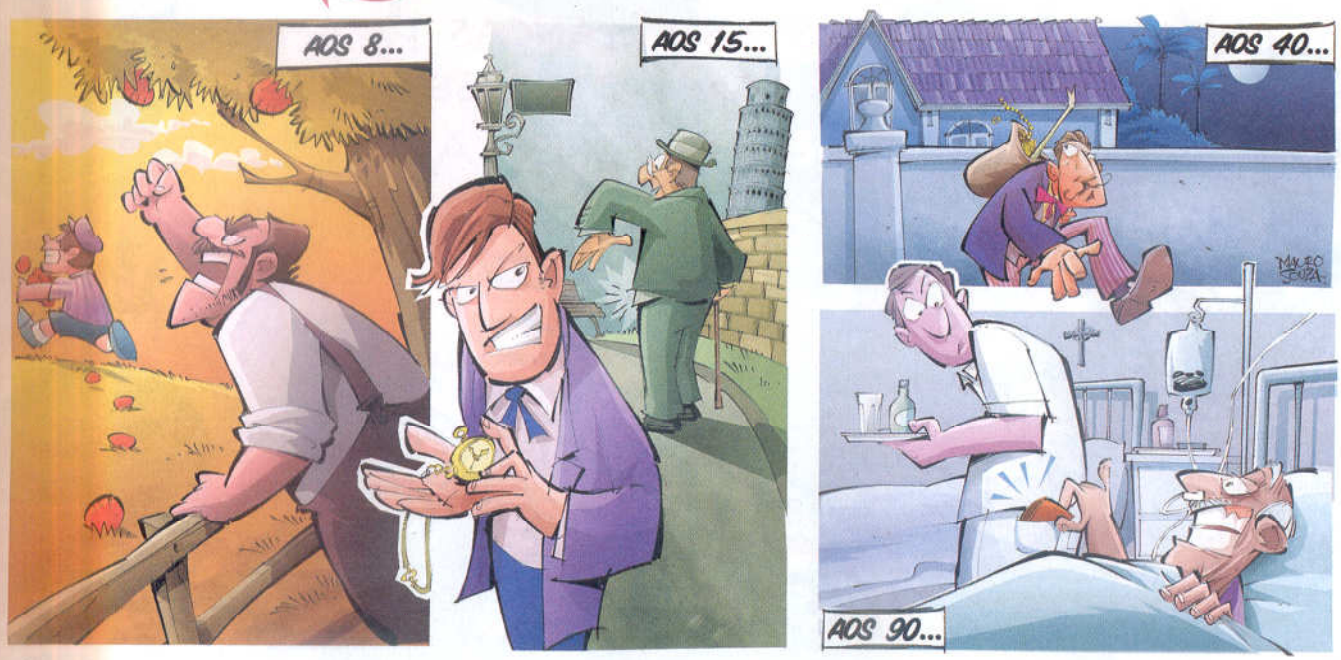
E UM QUILO DE QUEIJO?
5 mil litros.

PARA CONSEGUIR 1 HAMBÚRGUER DE 125 GRAMAS?
11 mil litros.

E 1 QUILO DE CAFÉ?
20 mil litros.

Mande perguntas para superrespostas@atleitor.com.br ou escreva para av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar, 05425-902, São Paulo, SP.

Quer mais perguntas interessantes? Não perca a nova edição da revista *Mundo Estranho*. Já nas bancas.
mundo estranho



VICIADO NO CRIME

AMLETO MENEGHETTI TORNOU-SE FAMOSO EM TODO O PAÍS GRAÇAS À INCRÍVEL HABILIDADE DE ROUBAR E FUGIR DA PRISÃO.

POR KEILA BIS

Meneghetti começou sua prolífica carreira roubando frutas e, depois, relógios. Em 1893, aos 15 anos, ao deixar a aldeia de pescadores onde nascera, perto de Pisa, Itália, já tinha sido preso 4 vezes. Foi para Marselha, onde acabou na cadeia por porte ilegal de armas. Ao sair, realizou pequenos serviços na Suíça e na Áustria, mas foi preso de novo ao alugar um navio e entrar como clandestino na Córsega. A prisão ficava em um castelo medieval em uma ilha do mar Adriático. O muro tinha 25 metros de altura, mas ele fugiu usando como escada um banco para 78 detentos tirado do refeitório. Saltou e nadou por meia hora até a praia mais próxima.

Ao voltar para Pisa, sua irmã lhe escreveu insistindo para que viesse ao Brasil. Em 1913, Meneghetti desembarcou em São Paulo. Aqui, furtava principalmente jóias, que considerava bens supérfluos. Agia sozinho e não gastava mais de 5 minutos em cada roubo, graças à habilidade para saltar muros e subir em telhados. Ainda recém-chegado, foi detido e instalado, nu, em uma solitária: um poço redondo com forro de ferro. Apoiou os pés em uma parede, as costas na outra, forçou a tampa e escapuliu, com uma audácia que ganhou as páginas dos jornais. Fugiu para o Sul e depois para Minas Gerais, ficando em cada cidade só até se tornar conhecido pela polícia. Para voltar a São Paulo, viajou debaixo de um vagão de trem, enrolado em uma toalha molhada para se proteger das faíscas e não ser reconhecido. Tornou-se ainda mais audacioso, a ponto de deixar seu cartão de visita nas casas assaltadas. O chefe da polícia paulista Roberto Moreira, ao assumir o cargo, reuniu a imprensa e disse que prenderia Meneghetti em 48 horas. Este, por sua vez, enviou uma carta aos jornais dizendo: "Então por que não me prendeu? Eu estava na coletiva".

Quando, por fim, foi pego em 1926, ficou no pau-de-arara por duas semanas. Jogaram-no então em uma cela blindada, com grades de aço duplo, feita só para ele. Turistas faziam fila para vê-lo. Ficou 35 anos preso, dos quais 18 na solitária. Solto, recebeu do então prefeito Ademar de Barros uma banca de jornais, com a qual começou a se reerguer. Um dia, a polícia encontrou ali uns pés-de-cabra, a ferramenta que usava nos arrombamentos. Cumpriu mais uns meses de pena e faleceu já livre, aos 98 anos.

GRANDES MOMENTOS

- **Aos 92 anos, tentou arrombar uma casa e foi levado para a delegacia. Disse ao delegado: "Não é possível ser um bom ladrão sem ter os ouvidos funcionando direito. Acho que terei de me aposentar".**
- **Revoltado com os maus-tratos na cadeia, defecava e guardava as fezes na boca. Quando um policial aparecia, cuspia-lhe no rosto.**
- **Seus roubos renderam dinheiro suficiente para comprar uma casa para sua amada e seus dois filhos.**
- **"Para mim, roubar é uma necessidade quase física. No dia que não roubo, não durmo direito", dizia ele.**

Ilustração Mauro Souza

E SE... o Brasil se dividisse em vários países?

POR RAQUEL PAULINO
DESIGN DE JOSI CAMPOS

De cara, o outrora pacífico Brasil entraria em pé de guerra: os conflitos pipocariam com o esfacelamento do poder central. O foco da violência estaria na Amazônia. Essa região, com população esparsa e um imenso potencial econômico, poderia ser prontamente invadida pelos vizinhos que, hoje em dia, respeitam o Brasil – ainda que não sejamos nenhum EUA, somos a nação mais poderosa da América do Sul.

Questões econômicas, políticas e culturais motivariam as uniões e separações mais tranqüilas. "Já há uma estruturação político-econômica que divide o Brasil em regiões distintas", diz o pesquisador de geopolítica André Roberto Martin, da USP, autor do livro *Fronteiras e Nações*.

Mesmo numa situação de paz entre as novas nações, seria inevitável uma monstruosa burocracia alfandegária e de imigração para quem transitasse entre elas.

Imagine só: num dos cenários possíveis *(veja abaixo)*, um pernambucano que quisesse ir e voltar de ônibus para São Paulo precisaria passar pelo menos 12 vezes por postos fronteiriços. Isso sem contar a avalanche de pedidos (e convites) de naturalização para montar todas as novas seleções de futebol. No terreno da bola, a já forte rivalidade entre paulistas e cariocas seria tão grande quanto a birra entre brasileiros e argentinos. S

UM PAÍS EM RETALHOS

O território que hoje é o Brasil poderia se dividir em 10 nações independentes.

Amazônia Ocidental
(sob tutela da ONU)
CAPITAL: Manaus

O Amazonas assumiria seu papel de reserva florestal da humanidade, e a tutela da ONU (e seu contingente de "capacetes azuis") seria imprescindível para proteger a mata de madeireiros ilegais, ecopiratas, grupos militares e paramilitares, além de criminosos comuns. A elite cabocla amazonense tomaria o poder e, aproveitando a preocupação global com ecologia, se beneficiaria de alianças com o primeiro mundo.

República do Baixo Amazonas
CAPITAL: São Luís

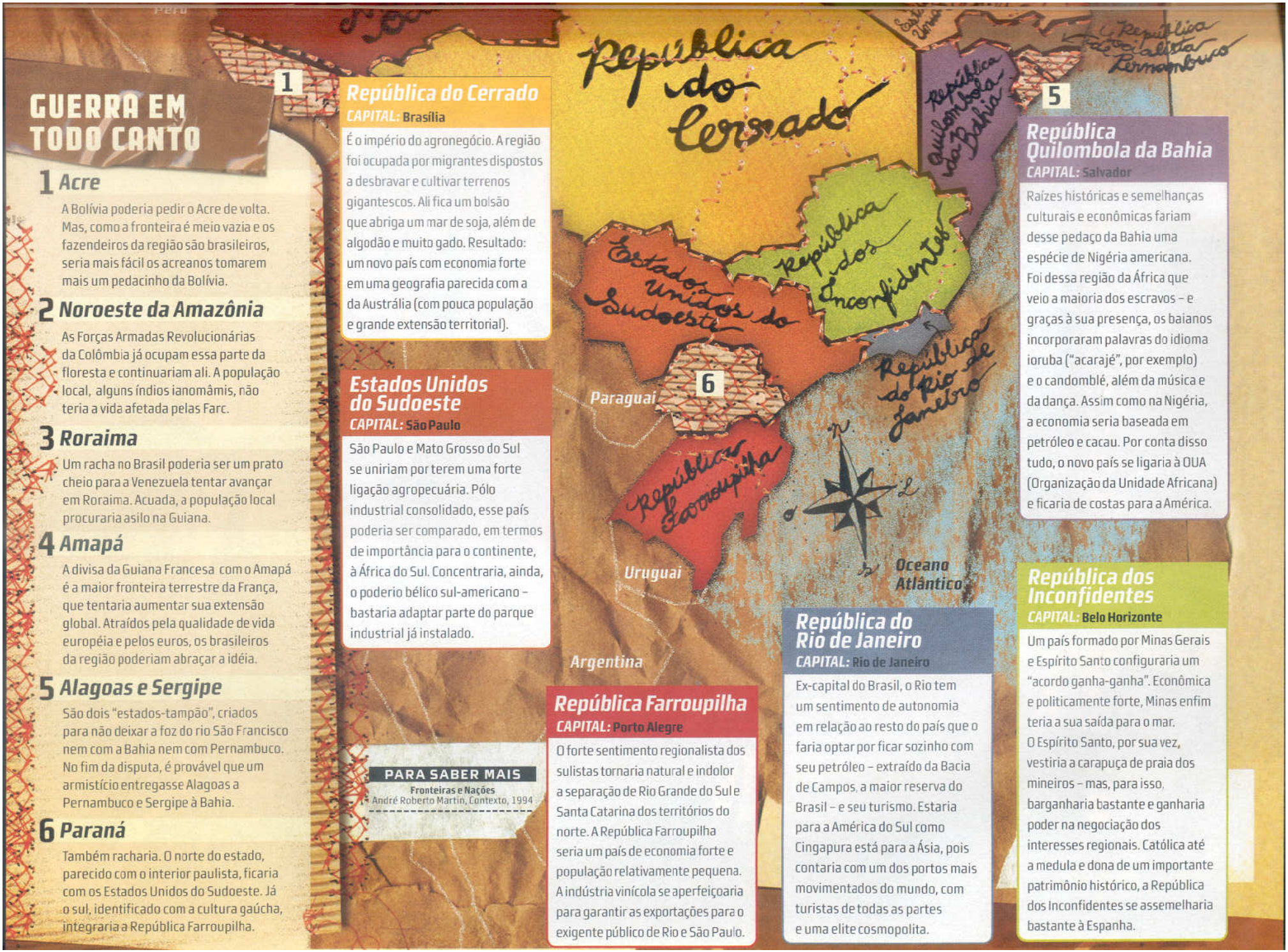
Apesar de estar na região amazônica, a porção norte do Pará e do Maranhão se separaria do Amazonas por ter uma característica muito própria: a floresta pluvial aliada à mineração forte. Apesar de ser menor que Belém, a cidade de São Luís seria o maior pólo econômico da região, já que abriga o porto por onde escoa o minério que chega por trem de Carajás.

Estados Unidos do Cariri
CAPITAL: Fortaleza

As praias na curva norte do litoral brasileiro se tornariam um rico pólo turístico, freqüentado sobretudo por visitantes europeus, que ocupariam os diversos *resorts* costeiros. Já o interior... A região sertaneja tenderia a ser relativamente despovoada e com atividade econômica pouco relevante.

República Socialista de Pernambuco
CAPITAL: Recife

Eis a Cuba brasileira, com território comprido, capital litorânea e tendência ao socialismo. Palco de revoltas como a Revolução Pernambucana (1817), ela poderia se isolar e virar uma república socialista. Temendo o surgimento de um dublê de Fidel Castro na América do Sul, a Otan ficaria de olho nela.



GUERRA EM TODO CANTO

1 Acre

A Bolívia poderia pedir o Acre de volta. Mas, como a fronteira é meio vazia e os fazendeiros da região são brasileiros, seria mais fácil os acreanos tomarem mais um pedacinho da Bolívia.

2 Noroeste da Amazônia

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia já ocupam essa parte da floresta e continuariam ali. A população local, alguns índios ianomâmis, não teria a vida afetada pelas Farc.

3 Roraima

Um racha no Brasil poderia ser um prato cheio para a Venezuela tentar avançar em Roraima. Acuada, a população local procuraria asilo na Guiana.

4 Amapá

A divisa da Guiana Francesa com o Amapá é a maior fronteira terrestre da França, que tentaria aumentar sua extensão global. Atraídos pela qualidade de vida européia e pelos euros, os brasileiros da região poderiam abraçar a idéia.

5 Alagoas e Sergipe

São dois "estados-tampão", criados para não deixar a foz do rio São Francisco nem com a Bahia nem com Pernambuco. No fim da disputa, é provável que um armistício entregasse Alagoas a Pernambuco e Sergipe à Bahia.

6 Paraná

Também racharia. O norte do estado, parecido com o interior paulista, ficaria com os Estados Unidos do Sudoeste. Já o sul, identificado com a cultura gaúcha, integraria a República Farroupilha.

República do Cerrado

CAPITAL: Brasília

É o império do agronegócio. A região foi ocupada por migrantes dispostos a desbravar e cultivar terrenos gigantescos. Ali fica um bolsão que abriga um mar de soja, além de algodão e muito gado. Resultado: um novo país com economia forte em uma geografia parecida com a da Austrália (com pouca população e grande extensão territorial).

Estados Unidos do Sudoeste

CAPITAL: São Paulo

São Paulo e Mato Grosso do Sul se uniriam por terem uma forte ligação agropecuária. Pólo industrial consolidado, esse país poderia ser comparado, em termos de importância para o continente, à África do Sul. Concentraria, ainda, o poderio bélico sul-americano – bastaria adaptar parte do parque industrial já instalado.

PARA SABER MAIS

Fronteiras e Nações
André Roberto Martin, Contexto, 1994

República Farroupilha

CAPITAL: Porto Alegre

O forte sentimento regionalista dos sulistas tornaria natural e indolor a separação de Rio Grande do Sul e Santa Catarina dos territórios do norte. A República Farroupilha seria um país de economia forte e população relativamente pequena. A indústria vinícola se aperfeiçoaria para garantir as exportações para o exigente público de Rio e São Paulo.

República do Rio de Janeiro

CAPITAL: Rio de Janeiro

Ex-capital do Brasil, o Rio tem um sentimento de autonomia em relação ao resto do país que o faria optar por ficar sozinho com seu petróleo – extraído da Bacia de Campos, a maior reserva do Brasil – e seu turismo. Estaria para a América do Sul como Cingapura está para a Ásia, pois contaria com um dos portos mais movimentados do mundo, com turistas de todas as partes e uma elite cosmopolita.

República Quilombola da Bahia

CAPITAL: Salvador

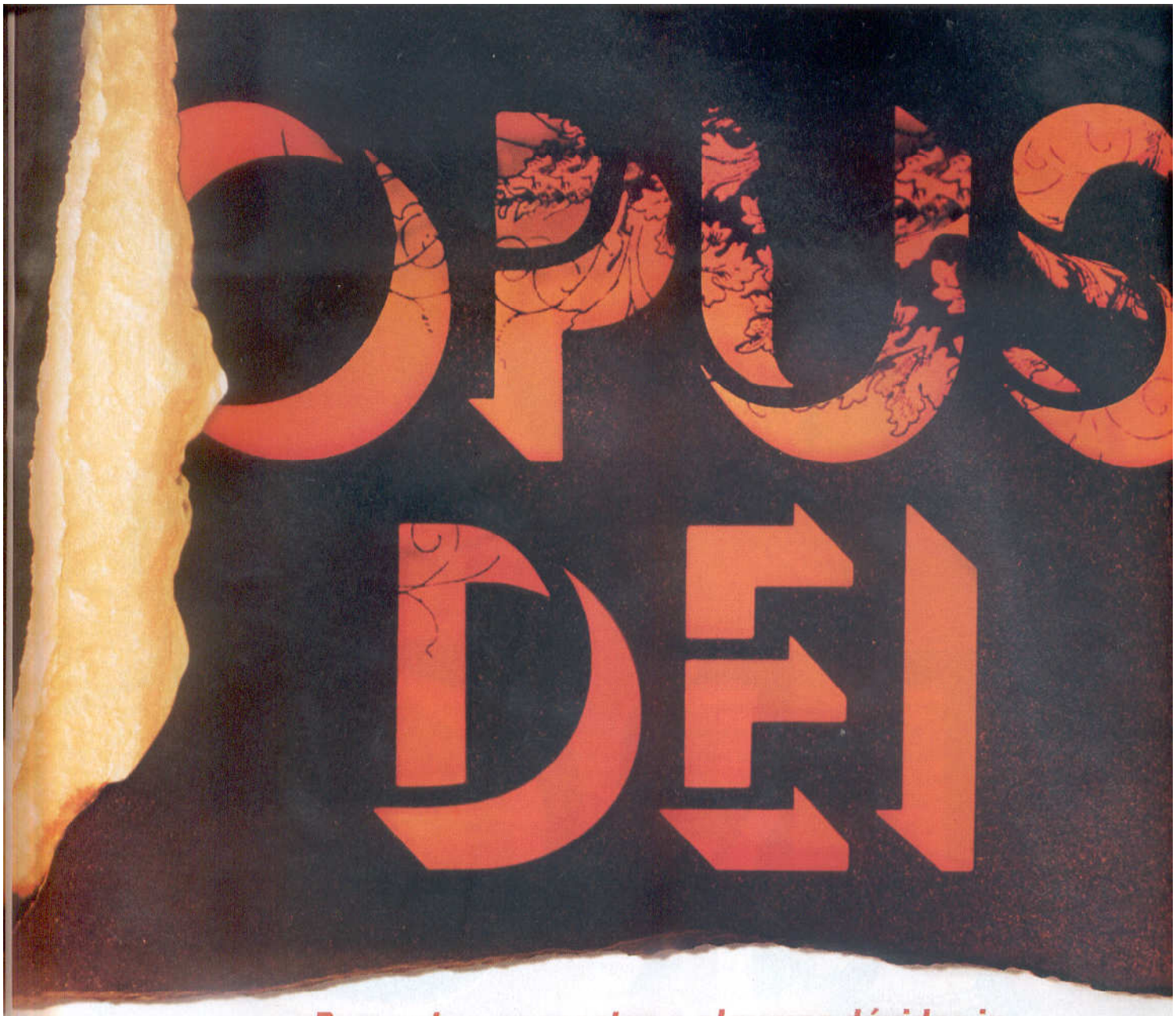
Raízes históricas e semelhanças culturais e econômicas fariam desse pedaço da Bahia uma espécie de Nigéria americana. Foi dessa região da África que veio a maioria dos escravos – e graças à sua presença, os baianos incorporaram palavras do idioma ioruba ("acarajé", por exemplo) e o candomblé, além da música e da dança. Assim como na Nigéria, a economia seria baseada em petróleo e cacau. Por conta disso tudo, o novo país se ligaria à OUA (Organização da Unidade Africana) e ficaria de costas para a América.

República dos Inconfidentes

CAPITAL: Belo Horizonte

Um país formado por Minas Gerais e Espírito Santo configuraria um "acordo ganha-ganha". Econômica e politicamente forte, Minas enfim teria a sua saída para o mar. O Espírito Santo, por sua vez, vestiria a carapuça de praia dos mineiros – mas, para isso, barganharia bastante e ganharia poder na negociação dos interesses regionais. Católica até a medula e dona de um importante patrimônio histórico, a República dos Inconfidentes se assemelharia bastante à Espanha.

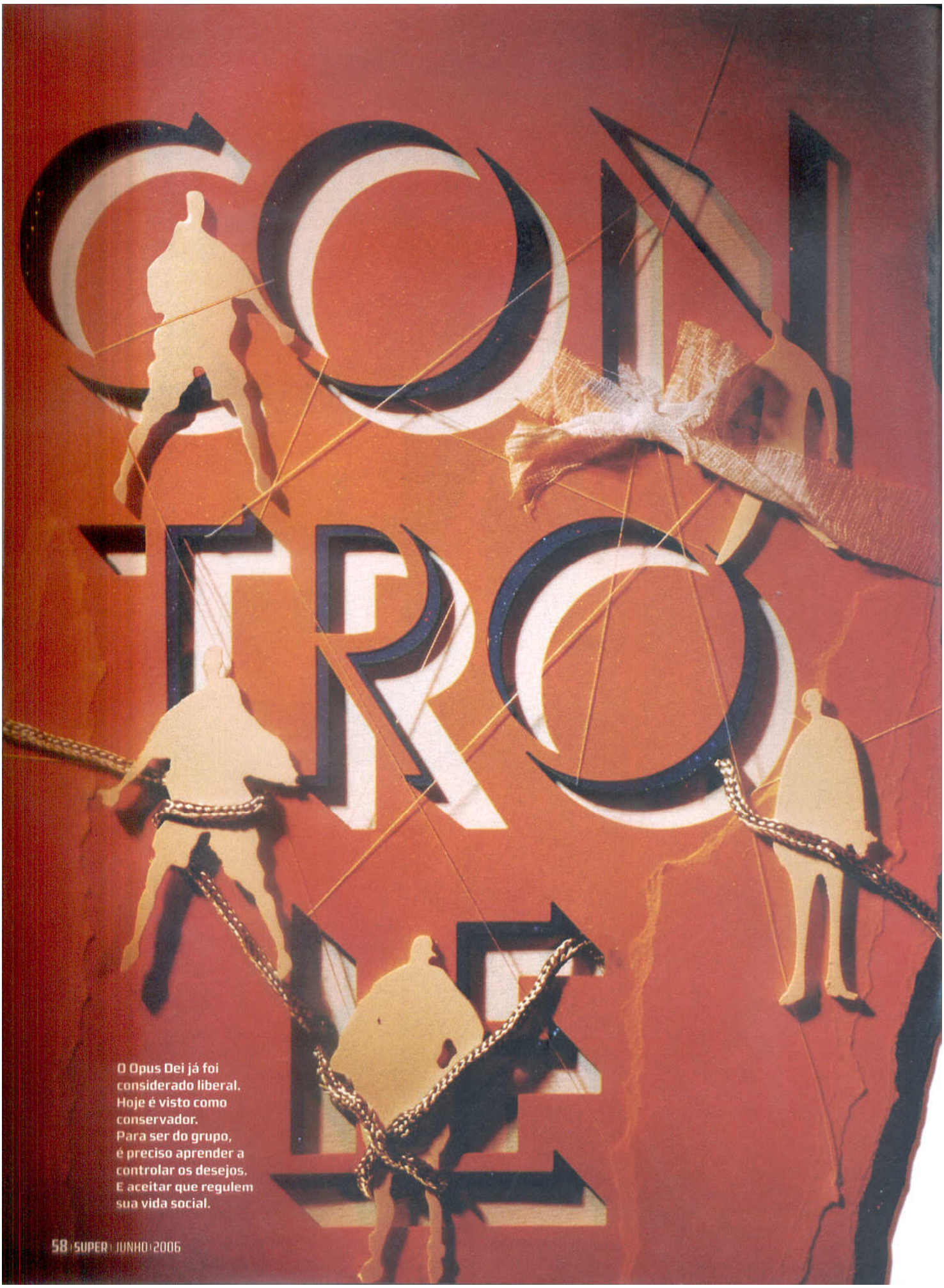
A mensagem é simples: busque a santidade em todos os seus atos. Agora mesmo, por exemplo. Como você poderia transformar esta leitura em um encontro com Deus?



Perguntas, respostas e algumas dúvidas inquietantes sobre uma organização católica que prefere viver no silêncio.

Na Espanha, durante os anos 40, era raro passar por um grupo de homens sem avistar um cigarro. O tabagismo era comum à maioria da população masculina, como bem sabia o sacerdote Josemaría Escrivá de Balaguer, fundador da organização católica Opus Dei. Tanto que, em 1944, quando foram ordenados os 3 primeiros padres do grupo, Escrivá ficou preocupado ao perceber que nenhum deles fumava. Afinal de contas, o Opus Dei pretendia ser (nas palavras do fundador) "uma injeção intravenosa na corrente sanguínea da sociedade". Ou seja: uma legião de homens e mulheres comuns, que se misturassem ao mundo sem se distinguirem por sinais exteriores – mas que fossem, todos, fiéis a um mesmo objetivo e obedientes a uma mesma direção espiritual. Se sentassem na mesa de um café de Madri, aqueles 3 padres recém-ordenados poderiam chamar a atenção pela inusitada ausência de cigarros. Pareceriam diferentes. Escrivá resolveu o problema com uma decisão categórica: determinou que pelo menos um dos jovens adquirisse, de propósito, o vício do tabaco. O escolhido para executar a missão foi Alvaro del Portillo, que mais tarde sucederia Escrivá no comando da organização. ►

TEXTO **JOSÉ FRANCISCO BOTELHO**
DESIGN **ADRIANO SAMBUGARO**
ILUSTRAÇÕES **TIDE HELLMEISTER**



O Opus Dei já foi considerado liberal. Hoje é visto como conservador. Para ser do grupo, é preciso aprender a controlar os desejos. E aceitar que regulem sua vida social.

Essa história, famosa nos círculos internos da instituição, ilustra uma das características mais notórias do Opus Dei – expressão latina que significa "Obra de Deus". Seus membros podem ser motoristas de táxis, donos de lavanderias, banqueiros, médicos, editores de revistas. Embora conte com padres e bispos em suas fileiras, o grosso da organização é formado por membros laicos, que não usam hábitos monásticos, uniformes característicos ou crachás de identificação. Em vez de se isolarem atrás dos muros de um mosteiro, os membros da Obra, como é chamada entre os íntimos, fundem-se à sociedade, como as peças de um mecanismo invisível, para realizar o grande objetivo de seu fundador: "transformar o mundo de dentro para fora".

Para milhares de católicos, o Opus Dei é um dos fenômenos mais admiráveis da Igreja contemporânea, um movimento que promove o bem e santifica a humanidade. Para outros, o grupo desperta sentimentos que vão desde a desconfiança até a hostilidade aberta. Segundo os detratores mais ferozes, os objetivos piedosos do grupo são apenas uma fachada, escondendo uma organização implacável, inescrupulosa e autoritária. A versão mais radical dessa crítica surgiu em 2003, nas páginas de *O Código Da Vinci*, de Dan Brown. O best seller mostra a Obra como um onipresente partido de fanáticos religiosos, vilão de um complô internacional e responsável por assassinatos para impedir a revelação de segredos sobre a vida de Cristo. Uma imagem que ganhou tintas ainda mais fortes com a estréia da versão hollywoodiana do romance. Verdade seja dita, esse relato é o principal responsável por hoje se escrever e falar tanto sobre a Obra. Afinal, em termos numéricos, o Opus Dei está longe de ser um fenômeno do catolicismo. Tem cerca de 85 mil seguidores, entre leigos e sacerdotes, uma ninharia se comparado aos cerca de 120 milhões de fiéis do movimento da renovação carismática. Não fosse o livro – e também os boatos de que o grupo agia nos bastidores da escolha do papa Bento 16, no ano passado –, a Obra de Deus provavelmente estaria vivendo na mesma sombra em que se escondeu nos últimos 70 anos.

O sanguinário Opus Dei de Dan Brown, porém, é um personagem de ficção – até adversários públicos do grupo admitem que o retrato pintado pelo *Código* tem cores berrantes demais. Mas acrescentam: atrás de toda lenda há um traço de verdade. "O livro exagera na periferia, mas sugere algumas verdades centrais", diz Jean Lauand, professor titular de filosofia da USP, que pertenceu durante 35 anos à Obra e é um dos 3 autores de *Opus Dei: Os Bastidores*. Os defensores retrucam: o Opus Dei de *O Código Da Vinci* não tem absolutamente nada a ver com a realidade, e ponto final. "Aquilo não somos nós. Se as pessoas percebessem como somos normais, não haveria tanto interesse no assunto", diz Beatriz Willemsens, de 30 anos, que é membro da Obra desde 1995. No meio da controvérsia, resta apenas uma unanimidade: hoje, a Obra de Deus é a instituição mais intrigante – e uma das mais poderosas – no corpo da Igreja Católica. Para decifrar a polêmica, é preciso entender como surgiu, o que pensa e como se comporta esse organismo complexo.

O que é o Opus Dei?

O sacerdote de 26 anos estava no claustro de um mosteiro, em Madri, remexendo as anotações de seu diário. Era o dia 28 de outubro de 1928 e ele acabara de rezar a missa e agora se recolhia para meditar. De repente, levantou o rosto e seu olhar se perdeu no infinito. O que aconteceu nos minutos seguintes, de acordo com o dogma da Igreja, foi um milagre. O sacerdote era Josemaría Escrivá de Balaguer. E o que seus olhos contemplaram, segundo contaria mais tarde, foi uma iluminação enviada por Deus. Escrivá viu – essa era a palavra que sempre usava ao contar a história – homens e mulheres espalhados pelo mundo, realizando a "obra de Deus" e mudando os rumos da história. Imediatamente, compreendeu que transformar aquela visão em realidade era a missão de sua vida.

Lampejo de gênio ou linha direta com Deus, a idéia que surgiu naquela manhã era mesmo revolucionária. Na época, a cristandade estava radicalmente dividida em dois blocos: de um lado, padres, monges, cardeais e bispos; do outro, os "cristãos comuns", ou leigos. Aos primeiros, cabia levar uma vida santa. Aos demais, a maioria dos crentes, bastava ir ao confessionário, tomar a comunhão uma vez por semana e seguir acompanhado pela paz do Senhor. Escrivá, porém, viu que essa divisão não era completa. Para ele, o cristão verdadeiro tinha o dever de procurar a santidade em cada detalhe de sua vida: no trato com a família, no trabalho, ao entrar em um táxi. Como se Deus o estivesse olhando – e julgando – a cada segundo. O fervor relegado às missas de domingo deveria ser estendido aos 7 dias da semana e aos 12 meses do ano, 24 horas por dia.

Mas como espalhar essa idéia radical entre os milhões de cristãos ao redor do mundo? A solução encontrada por Escrivá – ou revelada por Deus, dependendo do ponto de vista – era criar, primeiro, um grupo de "super-heróis" espirituais, com profunda formação nas doutrinas cristãs e uma obediência total ao papa. Em vez de se isolar do mundo, como os monges e as freiras fizeram durante séculos, esses paladinos de Deus deviam mergulhar na sociedade, misturar-se, transformá-la de dentro para fora. O lema que Escrivá legou a seus seguidores é: "Seja santo. Santifique-se no seu trabalho. E santifique os outros com seu trabalho". Quando escreve um artigo para um jornal, prepara-se para uma reunião com a alta cúpula de sua empresa ou simplesmente dirige seu táxi pela cidade, o membro do Opus oferece mentalmente aquela ação a Deus e procura a perfeição, tanto moral quanto profissional – exatamente como se estivesse sendo observado por oniscientes olhos divinos.

Após receber sua epifania, Escrivá saiu em busca de seguidores. Mas o Opus teve uma juventude difícil. Em 1936, começaram os horrores da Guerra Civil Espanhola, que contrapôs o governo de inspiração marxista aos militares de extrema direita comandados pelo general Franco. As tropas de esquerda, que viam a Igreja como um de seus piores inimigos, incendiaram templos e massacraram milhares de padres e freiras. Para escapar aos fuzis do inimigo, Escrivá teve de se esconder com um grupo de seguidores na embaixada de Honduras, em Madri. Depois, ▶

procurou refúgio em um manicômio – durante 5 meses, fingiu-se de louco. Em 1937, fugiu para a França com seus primeiros adeptos, empreendendo uma perigosa jornada pelos montes Pirineus – a pé. O recém-nascido Opus Dei só retornaria à Espanha dois anos depois, quando Franco derrotou os comunistas e virou ditador. Sua relação com o generalíssimo, conhecido pela simpatia ao ideário fascista, seria apenas a primeira de outras tantas polêmicas em que Escrivá se veria metido *(conheça as outras no quadro da pág. 64)*. Quando morreu, em 1975, Escrivá era considerado ao redor do mundo uma figura quase mitológica, um emissário da vontade divina.

Hoje, a Obra controla bases em 62 nações. A tropa de elite é formada pelos numerários – membros que fazem voto de castidade e vivem em residências do Opus. A maioria deles segue carreira profissional, mas seus salários têm de pingar mensalmente nos cofres da instituição. Já os supernumerários podem casar, ter filhos e viver em suas próprias casas. Além disso, a organização conta com milhões de simpatizantes e colaboradores ao redor do mundo. Antes de ingressar no grupo, o membro passa por uma formação que inclui a doutrina católica, os livros de Escrivá e o aprendizado para a contemplação espiritual em meio à correria do mundo. Algo como um curso intensivo de santidade, que os detratores preferem chamar de lavagem cerebral.

O Opus Dei é uma organização ultra-conservadora?

A década de 1960 foi a época em que a Igreja Católica resolveu sair da geladeira. Em 1962, o papa João 23 convocou o Concílio Vaticano 2º com o objetivo de tornar o catolicismo mais adequado aos tempos modernos. Quando foi encerrado, 3 anos mais tarde, o concílio mudara conceitos petrificados havia centenas de anos. "A Igreja deixou de ver a si mesma como único caminho para Deus", diz o teólogo Fernando Altemeyer Júnior, da PUC de São Paulo.

Para os defensores do Opus Dei, o Vaticano 2º nada mais fez do que referendar as idéias de Escrivá. Foi naquele período que a Igreja lançou o "chamado universal à santidade". Ficou estabelecido que a tarefa de viver como santo não era monopólio de padres e freiras, mas dever de todo católico sincero. Escrivá já defendia essa filosofia havia 4 décadas – aliás, sempre sob olhares de reprovação de católicos tradicionalistas. "Naquela época, o Opus era encarado como um movimento revolucionário e liberalizante, pois desafiava o monopólio do clero", escreve John Allen Jr., um dos maiores especialistas em catolicismo, no enciclopédico *Opus Dei: os Mito e a Realidade*. Em 1948, Escrivá e seus seguidores chegaram a ser denunciados à Congregação para a Doutrina da Fé, antiga Inquisição. Por pouco, não foram julgados como hereges.

Críticos rebatem que, embora concordasse com aspectos do Vaticano 2º, Escrivá achava que a liberalização da Igreja ia longe demais. As mudanças na liturgia o teriam deixado especialmente irritado. Até os anos 60, a missa era rezada em latim, com os padres de costas para os fiéis. Depois do concílio, a celebração passou a ser feita na língua de cada país, com padre e público cara a cara. O Opus Dei, contudo, conseguiu uma licença especial para se ater ao rito antigo. Outra medida que teria ficado atravessada em sua garganta foi a abolição do *Index Librorum Prohibitorum*, o famoso "Índice dos Livros Proibidos". Criado no século 16, continha leituras consideradas "perigosas" para a fé e a moral dos cristãos.

No meio da disputa teológica, a Obra se viu numa posição surreal. Sem mudar sequer uma de suas opiniões sobre o mundo, o Opus Dei saiu do Vaticano 2º transformado: o grupo entrou a década de 1960 sendo considerado uma força jovem e liberal da Igreja e terminou visto como uma das alas mais conservadoras e rabugentas do catolicismo. A ponto de até hoje ter uma lista de livros desaconselhados, que inclui todas as obras do *Index* e acrescenta outras – como os romances de James Joyce e os trabalhos de Karl Marx. A função dessa lista é uma encruzilhada em que as versões se chocam de frente. Segundo *Os Bastidores*, o Opus classifica livros seguindo uma gradação de 1 a 6: no primeiro nível estariam as leituras permitidas a todos, e no último, as totalmente proibidas. No meio, ficariam as que só podem ser abertas com permissão dos diretores. O Opus Dei responde que o índice é apenas orientador: serve para dar uma idéia do que trata cada obra e não proíbe nada. A reportagem da SUPER visitou a biblioteca da Obra no Centro Mirador, em Porto Alegre. Encontrou livros de Thomas Mann, Tolkien, Ernest Hemingway, publicações científicas e, claro, ensaios sobre virtudes cristãs. Perguntei se os membros podem tirar das estantes o que bem entenderem. "Eu nunca proibi ninguém de ler nada", afirmou Renato Vieira, diretor do centro. Após uma pausa, acrescentou: "Só temos um certo cuidado para que as pessoas estejam preparadas para o que vão ler".

Quem tiver tempo para conferir os 60 mil itens no índice do Opus – disponível no site www.opuslibros.org – vai encontrar algo no mínimo curioso: dois livros escritos por Joseph Raztinger, o hoje papa Bento 16. *Tod und Ewiges Leben* e *Die Geschichtstheologie des Heiligen* ("Morte e Vida Eterna" e "A Teologia da História de São Boaventura") foram redigidos entre ▶

OPERAÇÃO LIMONADA

"Se a vida lhe dá um limão, faça uma limonada". Essa foi a conclusão a que chegaram os 12 homens reunidos no quartel-general do Opus Dei em Roma, em janeiro de 2006. Os líderes do grupo tinham viajado para a cidade com um objetivo: preparar-se para o estrago extra que o filme *O Código Da Vinci* causaria na imagem do grupo.

Nascia ali a "Operação Limonada". O Opus Dei decidiu aproveitar a péssima publicidade do filme para lavar sua imagem e, de quebra, fazer um pouco de proselitismo. A estratégia era bem simples: em vez de fugir de entrevistas, aceitá-las para mostrar o lado simpático do grupo.

A operação já estava sendo preparada desde 2003 , quando Dan Brown lançou seu livro. Desde então, a Obra vem se abrindo gradualmente à curiosidade alheia. Exemplo disso é o livro *Os Mito e a Realidade*, de John Allen Jr., repórter considerado o principal especialista em Vaticano no mundo. Para escrevê-lo, Allen entrevistou centenas de membros e diretores. Os limões deram suco: a obra é, de longe, o mais favorável retrato do Opus Dei já escrito por um não-membro.

A SUPER também bebericou nesse copo. O escritório de imprensa do Opus respondeu a todos os e-mails enviados e nenhum dos membros procurados se recusou a falar. Porém, sintomas do famoso sigilo foram sentidos quando pedimos para ver os "documentos secretos" – publicações religiosas e administrativas cuja leitura é vedada a não-membros. Para escrever seu livro, Allen consultou trechos dos documentos. Disse não ter achado "nada de terrível ou explosivo". A SUPER não pode confirmar ou negar a afirmação, já que a diretoria nacional da Obra de Deus preferiu manter os textos em segredo. A limonada, como se vê, ainda tem um gosto levemente azedo.

Duas horas diárias de dor provocada por um arame com farpas encravado na coxa. É uma sessão semanal de chicoteamento. É a a rotina dos membros do Opus Dei.

O valor exato ninguém sabe. Mas não há dúvidas de que o Opus Dei tem uma bolada em caixa – seu patrimônio inclui um arranha-céu em Manhattan. Dá para construir escolas, hospitais e universidades. Ou então, dizem, financiar a queda do comunismo.

as décadas de 1950 e 1970, quando Ratzinger tinha fama de ser um teólogo progressista, bem diferente do conservador que é hoje. O primeiro texto é uma reflexão sobre o fim do mundo, a morte, o céu e o inferno. O segundo, a tese de doutorado de Ratzinger, estuda as obras de São Boaventura, um polêmico filósofo da Idade Média. Hoje Ratzinger mudou de time e está no rol dos falcões do Vaticano. E essa ortodoxia o aproximou bastante do Opus Dei. Mas isso é coisa que você vai saber em detalhes mais adiante.

Os seguidores do Opus Dei são obrigados a se flagelar?

Ao chegar em casa, o brutamontes se ajoelha na sala e tira as roupas. Primeiro, espia a coxa, onde está amarrado o cilício, arame com pontas de ferro que pressionam a carne. Insatisfeito com as manchas roxas que o instrumento deixa na pele, ele aperta ainda mais o arame. Em seguida, apanha um chicote pesado e golpeia violentamente as costas. O sangue começa a escorrer. O penitente é Silas, "monge" do Opus Dei retratado em *O Código Da Vinci*. A cena atingiu a imagem pública da Obra como bomba. Na cabeça de muita gente, a Obra passou a ser vista como uma confraria de masoquistas.

Até críticos ferozes concordam que a cena é exagerada. Em primeiro lugar, porque não existe monge da Opus Dei.

SEIS PALAVRAS PARA ENTENDER O OPUS DEI

CILÍCIO
Corrente de metal com pontas que pressionam a pele. Os membros do Opus o utilizam na coxa, duas horas por dia.

APITAR
Gíria interna usada quando alguém se torna membro. O termo, inventado por Escrivá, é referência ao barulho de uma chaleira com água prestes a ferver – metáfora para a "ebulição" espiritual de quem decide dedicar a vida a Deus.

PRELAZIA PESSOAL
Figura de Direito Canônico, dá aos seus membros o direito de seguir ordens do prelado, que mora em Roma, em vez de obedecer à autoridade católica regional. Nas dependências da ordem, por exemplo, as cerimônias e os aconselhamentos não precisam seguir orientações do bispo local.

NUMERÁRIOS
Fazem voto de castidade e vivem nos centros da Obra. Alguns trabalham em tempo integral para o grupo, outros têm suas profissões. Os numerários detêm postos de liderança e são responsáveis pela expansão do grupo – são eles que fundam novos centros e dão formação espiritual a outros membros.

SUPERNUMERÁRIOS
São os membros que vivem em suas próprias residências e são livres para casar. Contribuem financeiramente com o Opus, mas têm patrimônio próprio. Dos 85 mil membros do grupo, cerca de 70% são supernumerários.

ASSOCIADOS
Membros que fazem voto de celibato, como os numerários, mas vivem em suas próprias casas ou com a família.

Monges, por definição, vivem isolados em mosteiros. Como a intenção do Opus Dei é se misturar à sociedade, a Obra tem apenas leigos e padres. O instrumento usado pelos membros da Obra tampouco é um chicote pesado, mas uma pequena corda com nós, conhecida como "disciplina", que geralmente não deixa marcas na pele. Mas o amor de Silas pelo flagelo tem, sim, um pezinho na realidade.

Para Escrivá, o corpo era um vespeiro de tentações – como a gula, a preguiça e, claro, o desejo sexual. A penitência física servia para matar o pecado na raiz e controlar instintos na marra. Hoje em dia, mesmo católicos praticantes acham essas idéias difíceis de engolir, mas, no passado, a mortificação foi praticada por muita gente. Uma das personalidades que costumavam chicotear as próprias costas é madre Teresa de Calcutá. A freira albanesa, Prêmio Nobel da Paz por seus trabalhos junto aos pobres da Índia, via na mortificação uma maneira de compartilhar e compreender o sofrimento dos miseráveis. Outro exemplo: durante todo o tempo em que ocupou o trono de são Pedro, de 1963 a 1978, o papa Paulo 6º usou uma camisa com correntes pontiagudas sob as vestes episcopais. E até hoje o cilício é comum em algumas ordens religiosas, como as Carmelitas Descalças e os Irmãos Franciscanos da Imaculada Conceição. O Opus argumenta: se eles podem, por que nós não?

Para a maioria dos numerários, o cilício é um hábito corriqueiro. Eles passam no mínimo duas horas por dia com o arame na coxa. Uma vez por semana, o diretor do centro determina um "dia da guarda" – em que se deve redobrar os esforços para ser santo. É nesse dia que o numerário tranca a porta do quarto, e enquanto reza o pai-nosso ou a ave-maria golpeia as costas e nádegas com a disciplina. "Algumas pessoas passam horas malhando para ficar bonitas. Nós oferecemos esforço e sofrimento a Deus. Qual a diferença?", diz Renato Vieira.

Apesar do favoritismo nas manchetes e na imaginação popular, a mortificação é apenas uma das controvérsias que cercam a vida no Opus. Segundo críticos (e eles são muitos), a Obra exige de seus membros obediência cega – a maior parte das acusações contra a ordem é encampada por grupos de ex-membros, como o americano Odan, o espanhol Opuslibros e o brasileiro Opuslivres.

Os relatos dão conta de que o funcionamento dos centros é semelhante ao de um miniestado totalitário. O simples ato de ver um filme ou visitar um amigo deve passar pela censura dos diretores. A delação de desvios é incentivada sob o eufemismo de "correção fraternal". Homens e mulheres vivem em centros separados – e elas são aconselhadas, embora não obrigadas, a dormir deitadas em tábuas acolchoadas colocadas sobre o chão. Eles dormem em colchões. Quem tenta abandonar o grupo, afirmam ex-membros, é ameaçado com o inferno. E, para quem está envolvido até o pescoço com a fé, essa é uma ameaça das mais terríveis.

O Opus Dei está infiltrado em governos mundiais?

Na década de 1940, o então chefe dos jesuítas, padre Vladimir Ledochowsky, enviou um memorando para o Vaticano. Ele escrevia para comentar sobre uma ordem novata que ganhava espaço na Espanha. Eram bons cristãos, dizia. Todos preocupados com a religião. Mas o real intuito da carta perdia-se nas entrelinhas. Casualmente, Ledochowsky deixou clara sua opinião. Achava que o Opus tinha "o desejo secreto de dominar o mundo".

O documento de Ledochowsky teve dois efeitos. Primeiro: inaugurou a birra entre Opus e jesuítas, que dura até hoje (nos anos 80, outro líder jesuíta, Pedro Arrupe, afirmaria que "vendo o que o Opus Dei é hoje, vejo o que nós fomos no passado e nunca deveríamos ter sido". Fundada no século 16 para evangelizar a Ásia e as Américas, a Companhia de Jesus também foi acusada de armar complôs maquiavélicos e manipular governos). Segundo: deu o tom que dominaria a "mitologia opusdéica" nos anos seguintes. No livro *O Mundo Secreto do Opus Dei*, o jornalista canadense Robert Hutchinson afirmou que o Opus é dono de uma fortuna de 400 bilhões de dóla- ▶

TODAS AS POLÊMICAS DE SÃO ESCRIVÁ

A PERSONALIDADE DE ESCRIVÁ

Paternal e compreensivo. Controlador e paranóico. Os testemunhos de quem conheceu Escrivá costumam ser conflitantes. Segundo o ex-membro Miguel Fisac, que conviveu com Escrivá, o fundador da Obra costumava tratar a todos como inferiores. Maria Angustinas Moreno, numerária de 1959 a 1973, descreveu o fundador como um "ditador arrogante". Quando Escrivá morreu, ela comentou: "Não sabia que algo tão humano quanto a morte poderia acontecer com ele". Do outro lado, amigos de Escrivá garantem que ele era bem-humorado, corajoso, dotado de grande compaixão e dono de uma paciência de Jó.

A CANONIZAÇÃO DE ESCRIVÁ

O fundador do Opus Dei ganhou sua auréola 26 anos depois de morto. Para se ter uma idéia: Joana d'Arc teve de esperar 6 séculos para virar santa. A pressa fez o americano Kenneth Woodward, especialista em religiões da revista *Newsweek*, acusar o Opus de usar a influência para comprar um atestado de santidade. Três ex-numerários que haviam conhecido Escrivá na intimidade e tinham uma visão crítica dele foram proibidos de depor no processo de canonização. E o arcebispo italiano Luigi de Magistris, um dos únicos no júri que se opôs à decisão, acabou demitido pelo Vaticano. O resultado da polêmica é que muitos vêem Escrivá como um "falso santo" – opinião que certamente é rejeitada pelas 300 mil pessoas que, em 2002, foram à praça de São Pedro aplaudir o anúncio da canonização.

ESCRIVÁ E FRANCO

"Escrivá, com toda certeza, era fascista", diz Diane DiNicola, do grupo Opus Dei Awareness. O fundador do Opus Dei teria escrito cartas a Franco e aproveitado o clima ultracatólico do governo para aumentar seu poder. Abertamente, Escrivá jamais defendeu o regime franquista. "Se o Opus Dei se meter em política, eu o abandonarei imediatamente", escreveu.

ESCRIVÁ ERA ANTI-SEMITA?

Em 1992 um ex-membro do Opus Dei afirmou que Escrivá lhe dissera: "Hitler foi maltratado pela opinião mundial. Ele jamais poderia ter matado 6 milhões de judeus. No máximo, foram 4 milhões". Os arquivos do Opus Dei oferecem uma evidência em contrário. Numa palestra gravada em 1945 Escrivá diz: "Amo os judeus, pois amo Jesus loucamente, e Jesus é judeu".

Bons contatos políticos, membros em ministérios mundo afora e até um escritório de lobby na capital dos EUA. A obra é de Deus, mas defende seus interesses na Terra.

res. Essa riqueza teria sido usada para, entre outros objetivos, financiar o sindicato Solidariedade, na Polônia, que teve papel central na derrubada do comunismo nos anos 80. O "complô" explicaria a amizade entre o Opus e João Paulo 2º – que era polonês e anticomunista. Tudo, claro, feito em completo e profundo sigilo.

Histórias nunca confirmadas como essa renderam à ordem o apelido de *Octopus Day*, um trocadilho com a palavra *octopus* ("polvo", em inglês). Com sua filosofia de mudar o mundo de dentro para fora, a Obra estaria é estendendo seus tentáculos para dentro das escolas, das universidades e dos governos. Dinheiro nunca foi problema. Não são exatamente 400 bilhões de dólares. Mas, nas investigações para o livro *Os Mitos e a Realidade*, John Allen avaliou a riqueza do grupo em 2,8 bilhões de dólares – o patrimônio inclui uma sede de 60 milhões de dólares em Manhattan. É uma bela bolada, que mantém faculdades, hospitais e escolas ligadas ao Opus Dei. Todos com nomes genéricos, que escondem a filiação religiosa. Nada de Colégio Sagrado Coração ou Hospital de Santa Helena. A ordem prefere nomes como Universidade de Navarra, na Espanha, ou Heights School, em Washington, onde estudam os filhos de diversos congressistas do Partido Republicano.

Laços com a política também são cultivados. Na rua K de Washington, onde todos os lobistas que atuam no Congresso americano têm seus escritórios, o Opus Dei mantém uma salinha. Não que isso seja essencial para os contatos com o alto comando dos EUA. Pelo menos dois senadores e um ministro do Supremo Tribunal são bastante próximos de padres da Obra. Em outras partes do mundo, existem casos de membros do Opus galgando espaço nos altos escalões do governo. O ministério de Franco, por exemplo, tinha 3 numerários. O governo de Lech Kaczynski, da Polônia, tem em seu gabinete um ministro que pertence ao Opus. Kaczynsky se elegeu em 2005 com a promessa de trazer de volta os valores cristãos para a política do país – filosofia que parece seguir de perto uma das máximas de Escrivá: "Você já pensou em quão absurdo é deixar de lado o seu catolicismo ao entrar em uma universidade, em uma associação profissional ou no Congresso, como quem pendura um chapéu ao lado da porta?" O jornalista espanhol Jesus Infante chegou a chamar o grupo de "máfia santa" – uma espécie de "Internacional Conservadora", que não mede escrúpulos para modelar a sociedade à sua visão de mundo. No Brasil um dos políticos mais ligados à Obra de Deus é o candidato a presidente Geraldo Alckmin, que em seus tempos de governador de São Paulo costumava assistir a palestras sobre doutrina cristã ministradas por numerários e se confessar com um padre do Opus. Alckmin, porém, nega fazer parte da ordem.

O Opus Dei comanda os bastidores da Igreja?

Durante 5 décadas, a Obra cresceu em silêncio. Mas tudo mudou em novembro de 1982, quando João Paulo 2º transformou a Obra em "prelazia pessoal", figura de Direito Canônico criada na década de 1960. O Opus ganhou um grau de independência inédito. Seus membros passaram a ser subordinados não aos bispos de suas cidades, mas diretamente ao chefe supremo da organização, o "prelado", posto hoje ocupado pelo espanhol Javier Echevarría. E o prelado, por sua vez, responde apenas ao papa.

A decisão atraiu holofotes nem sempre confortáveis para a discreta organização. Muita gente opinou que o posto de prelazia pessoal havia conferido à Obra um poder desmesurado – o jornalista americano Kenneth Woodward, especialista em religiões, escreveu que o Opus Dei estava se tornando uma espécie de "Igreja dentro da Igreja". Ainda em 1982, Karol Wojtyla oficializou a idéia de que a Obra foi fundada por vontade divina – para a Igreja, Deus realmente tocou a mente de Escrivá naquela manhã de 1928. Uma década depois, o sacerdote espanhol foi transformado em beato e depois em santo, em um processo que alguns chamaram de ilegítimo e escandaloso. A beatificação de Escrivá foi uma formidável demonstração de força do Opus Dei dentro do Vaticano – e o entusiasmo de João Paulo 2º pelo grupo começou a assustar católicos liberais. Para eles, o sucesso dos seguidores de Escrivá é um sinal de que a ala conservadora está novamente tomando as rédeas da Igreja, depois da liberalização que se seguiu ao Vaticano 2º. O tamanho desse poder é motivo de polêmica. John Allen afirma que a Obra tem 20 membros nos altos escalões, contra 24 dos arquirivais jesuítas. Jean Lauand rebate dizendo que o enorme poder do Opus na Cúria não nasce do tamanho, mas de sua organização política.

O papa Bento 16 ainda não deu mostras tão claras de favoritismo, e sua relação com o Opus é pouco definida. Mas o Ratzinger da "fase conservadora" sempre teve uma ligação amigável com o Opus. Em 2001, quando era prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o então cardeal lançou o polêmico documento *Dominus Iesus*, em que dizia que todas as outras religiões são "deficientes" em comparação com o cristianismo. Foi a partir daí que sua fama de ultra-ortodoxo cresceu e as obras progressistas que escrevera na juventude foram colocadas de lado pelos especialistas. Na conferência em que apresentou o *Dominus Iesus* ao mundo, Ratzinger estava sentado ao lado do monsenhor Fernando Ocáriz – o segundo na hierarquia mundial do Opus Dei e co-autor do texto-bomba. O papel que a Obra de Deus terá no papado de Bento 16 – e, por conseguinte, no futuro da Igreja – é mais um enigma esperando por solução.

PARA SABER MAIS

Opus Dei – Os Mitos e a Realidade
John Allen Jr., Campus, 2006

Opus Dei: Os Bastidores
Dario Ferreira, Jean Lauand e Marcio Silva, Versus, 2005

www.opusdei.org.br

HISTÓRIA

DERRETERAM A TAÇA ERRADA?

REPORTAGEM **SIMON KUPER***
ROTEIRO **MARCOS NOGUEIRA**
ILUSTRAÇÕES **FÁBIO MOON**
DESIGN **JOSI CAMPOS**
TRADUÇÃO **ANNA MENK**

Leiloeiro inglês diz que a taça Jules Rimet roubada no Brasil não passava de uma réplica. Onde estaria, então, a original?

ESTA É A HISTÓRIA VERÍDICA DO MAIOR PRÊMIO ESPORTIVO DE TODOS OS TEMPOS: A COPA DO MUNDO ORIGINAL, A TAÇA JULES RIMET.

AS PESSOAS PENSAM QUE ELA FOI ROUBADA NO BRASIL EM 1983 E DERRETIDA PARA VIRAR BARRAS E OURO.

MAS QUEM GARANTE QUE ISSO É VERDADE?

MINHA CERTEZA ESTREMECEU QUANDO OUVI DE UM HOMEM A SEGUINTE VERSÃO: A TAÇA CONTINUA INTEIRA E FOI RECENTEMENTE VENDIDA EM LONDRES.

ANOS ATRÁS, ENCONTREI EM LONDRES UM FUNCIONÁRIO DE UMA CASA DE LEILÕES.

ELE TINHA ALGO MUITO SÉRIO A ME CONTAR. NÓS, ENTÃO, NOS ENCONTRAMOS EM UM PUB.

ENTRE SANDUÍCHES DE FILÉ, O LEILOEIRO ME CONTOU UMA HISTÓRIA DE MISTÉRIO REAL. A TRAMA ENVOLVIA A TAÇA JULES RIMET, QUE, SEGUNDO MEU AMIGO, NUNCA SAIU DE LONDRES DESDE 1966, ANO EM QUE FOI ENTREGUE AOS JOGADORES CAMPEÕES DA SELEÇÃO DA INGLATERRA.

A HISTÓRIA DA TAÇA COMEÇA EM 1928...

...QUANDO O CARTOLA JULES RIMET MARCOU A DATA DA PRIMEIRA COPA DO MUNDO...

"...PARA DOIS ANOS MAIS TARDE, NO URUGUAI. ELE ENCOMENDOU UM TROFÉU AO FRANCÊS ABEL LAFLEUR, QUE PREPAROU UMA PEÇA MAGNÍFICA:

UMA ESTATUETA, DE 35 CENTÍMETROS DE ALTURA, DE NIKÉ, A DEUSA GREGA DA VITÓRIA."

EM SEUS PRIMEIROS 40 ANOS, A TAÇA TEVE DOIS CONTRATEMPOS:
PASSOU A SEGUNDA GUERRA NUMA CAIXA DE SAPATOS DE UM CARTOLA...
...E, EM 20 DE MARÇO DE 1966, POUCO ANTES DE A INGLATERRA SEDIAR A COPA DO MUNDO, FOI ROUBADA DE UMA EXPOSIÇÃO DE SELOS EM LONDRES.
O ROUBO FEZ A FOOTBALL ASSOCIATION (FA), A CBF INGLESA, PASSAR POR UM PAPELÃO MUNDIAL.
A CARTOLAGEM BRASILEIRA CRITICOU VIOLENTAMENTE OS COLEGAS DA INGLATERRA, DIZENDO QUE ISSO NUNCA ACONTECERIA NO BRASIL.
O LADRÃO NUNCA FOI PEGO, MAS A SALVAÇÃO INGLESA FOI O CÃO PICKLES, QUE ACHOU, NA NOITE DE 27 DE MARÇO, UM PACOTE SOB UMA MOITA.
O MARINHEIRO DAVE CORBETT, DONO DO ANIMAL, RASGOU O EMBRULHO E DESVELOU A ESTATUETA. O HOMEM GANHOU UMA RECOMPENSA MAIOR QUE SEU SALÁRIO DE UM ANO.O CÃO PICKLES VIROU HERÓI NACIONAL.
O QUE POUCA GENTE SABE É QUE OS INGLESES MANDARAM FAZER UMA SEGUNDA TAÇA JULES RIMET.
NA NOITE DO ROUBO, DOIS POLICIAIS E O SECRETÁRIO DA FA, DENNIS FOLLOWS, HAVIAM VISITADO O OURIVES GEORGE BIRD, QUE COSTUMAVA FAZER TROFÉUS E MEDALHAS PARA O FUTEBOL INGLÊS.
DENNIS PEDIRA A BIRD UMA CÓPIA DA TAÇA DESAPARECIDA. PARA QUE NENHUM DETALHE FOSSE PERDIDO, ELE ENTREGOU FOTOS AO OURIVES.
QUERO UMA RÉPLICA EXATA EM OURO, QUE NÃO POSSA SER DISTINGUIDA DA ORIGINAL.
A FIFA FICARIA ALHEIA À TRAMÓIA.
1966

A JULES RIMET FOI ACHADA ANTES DE O PLANO SER LEVADO A CABO, MAS O TRABALHO DE BIRD NÃO ACABARA: A FA DECIDIU QUE A TAÇA ESTARIA MELHOR NAS MÃOS DELE

ACHO QUE ISSO NÃO É LÁ MUITO SEGURO...

QUE COM ELA MESMA. DURANTE DIAS, O OURIVES ANDARIA POR LONDRES COM A COPA DO MUNDO VERDADEIRA NA SUA BICICLETA, COBERTA SÓ POR UM PANO.

POR ORDEM DE DENNIS, ELE FEZ A RÉPLICA FUNDIDA EM BRONZE.

ERA MAIS BARATA E MAIS RÁPIDA QUE UMA DE OURO.

PSSSS

NINGUÉM NOTARIA A DIFERENÇA. A OPINIÃO DA FIFA, QUE DESAUTORIZARA O SERVIÇO, FOI IGNORADA. ÀS VÉSPERAS DO 7º MUNDIAL, HAVIA DUAS COPAS DO MUNDO.

NA MANHÃ DE SÁBADO, 30 DE JULHO DE 1966, A TAÇA VERDADEIRA FOI LEVADA AO ESTÁDIO DE WEMBLEY, ONDE A INGLATERRA BATERIA A ALEMANHA POR 4 A 2 E CONQUISTARIA SEU PRIMEIRO TÍTULO MUNDIAL. O CAPITÃO BOBBY MOORE RECEBEU O TROFÉU AUTÊNTICO DA RAINHA ELIZABETH 2ª.

"WE ARE THE CHAMPIONS..."

COM A TAÇA GENUÍNA, O BANGUELA NOBBY STILES DANÇOU EM CAMPO.

MAS AS ESTRIPULIAS DO MEIO-CAMPISTA FORAM INTERROMPIDAS PELA POLÍCIA, QUE TROCOU O TROFÉU PELA RÉPLICA DE BRONZE.

NA FESTA, A SELEÇÃO SE EXIBIU NA SACADA DO HOTEL ROYAL GARDEN...

...ACENANDO COM A RÉPLICA NA MÃO. OS JOGADORES NUNCA NOTARAM QUE A TAÇA HAVIA SIDO TROCADA – NEM...

...O CÃO PICKLES, QUE FOI O CONVIDADO DE HONRA DA COMEMORAÇÃO.

ENQUANTO ISSO, O MAIOR TESOURO DO FUTEBOL REPOUSAVA EM UM COFRE.

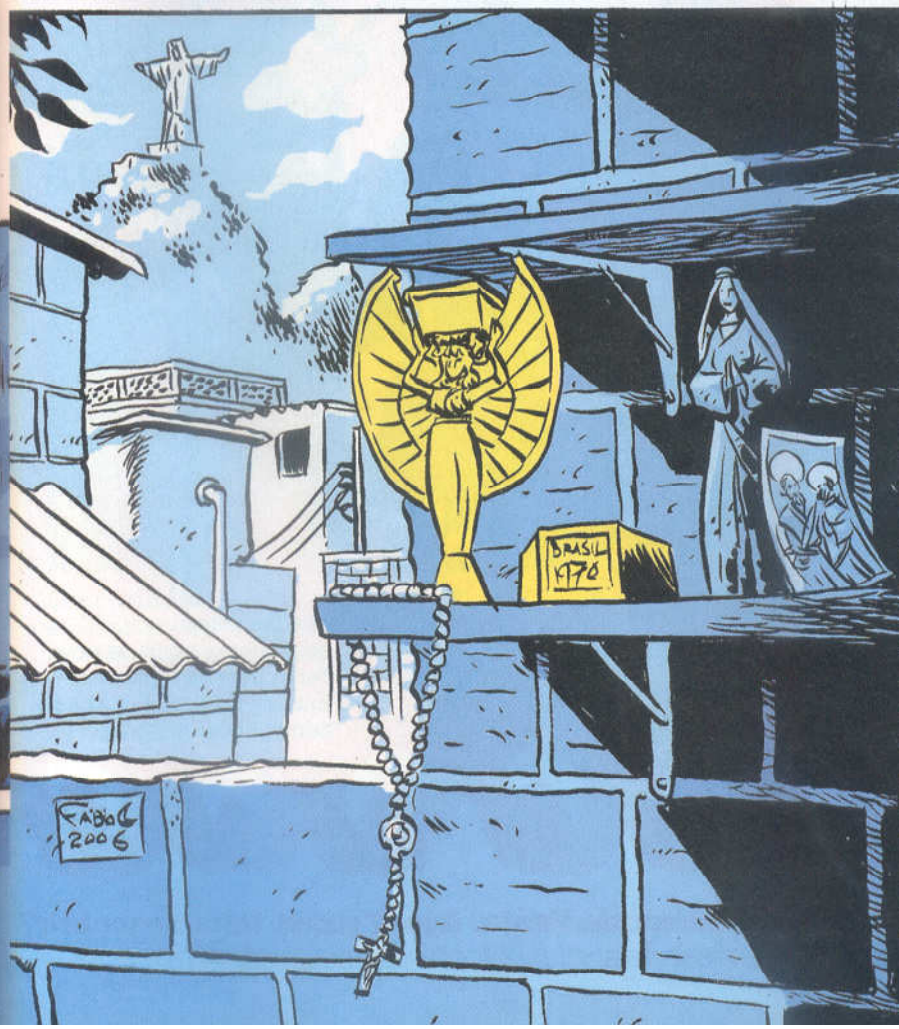
A COPA FICOU SOB A GUARDA INGLESA ENTRE 1966 E 1970.

NESSES ANOS, A TAÇA FOI EXIBIDA VÁRIAS VEZES – OU PELO MENOS A RÉPLICA FOI, POIS A ORIGINAL SE MANTEVE NO COFRE.

COM A APROXIMAÇÃO DO MUNDIAL DO MÉXICO, OS INGLESES DEVOLVERAM O TROFÉU À FIFA, E O RESTO SE SABE: O BRASIL FOI TRICAMPEÃO E GANHOU A POSSE DA JULES RIMET PARA SEMPRE.

"A TAÇA DO MUNDO É NOSSA, COM BRASILEIRO NÃO HÁ QUEM POSSA..."

MAS OS BRASILEIROS LEVARAM GATO POR LEBRE, DIZ MEU AMIGO.
NO LUGAR DA TAÇA ORIGINAL, A INGLATERRA DEVOLVEU A RÉPLICA À FIFA!
EM DEZEMBRO DE 1983, JULES RIMET FOI ROUBADA DA SEDE DA CBF, NO RIO DE JANEIRO.
O CHEFE DOS LADRÕES, SÉRGIO PERALTA, SABIA ONDE ENCONTRÁ-LA PORQUE VISITAVA A CBF COMO REPRESENTANTE DO ATLÉTICO MINEIRO.
A RELÍQUIA MAIOR DO FUTEBOL BRASILEIRO FOI DERRETIDA POR CARLOS HERNANDEZ – CIDADÃO DA REPÚBLICA ARGENTINA.
MAS LEMBRE-SE: O TROFÉU ROUBADO NÃO ERA A COPA DO MUNDO VERDADEIRA. ERA A RÉPLICA.
ENQUANTO ISSO, DIZIA O LEILOEIRO, A TAÇA REAL FICOU COM O OURIVES GEORGE BIRD – QUE DORMIA COM O TROFÉU SOB SUA CAMA – E ESCAPOU INCÓLUME DE DOIS ASSALTOS.
O OURIVES MORREU EM 1995, E A FAMÍLIA DELE LEILOOU A ESTATUETA EM JULHO DE 1997.
O PREÇO DE RESERVA ERA ENTRE £ 20 MIL E £ 30 MIL (O EQUIVALENTE A 80 MIL E 120 MIL REAIS).
NADA MAU PARA UMA CÓPIA CUJO VALOR EM METAL ERA £ 1 500 (6 MIL REAIS). O PREÇO SUBIU RÁPIDO. TRÊS HOMENS DESCONHECIDOS DISPUTAVAM LANCE A LANCE.
£ 210 MIL!
£ 200 MIL!
£ 220 MIL!
O LEILOEIRO BATEU O MARTELO PELO PREÇO DE £ 254 500 (MAIS DE 1 MILHÃO DE REAIS). O COMPRADOR DEIXOU A CASA DE LEILÕES AINDA INCÓGNITO.
£ 254 500



ACABEI SABENDO QUE O LANCE FORA FEITO EM NOME DA FIFA. ESPECULA-SE QUE UM DOS RIVAIS DA FIFA NO LEILÃO ERA A CBF. A FIFA E OS BRASILEIROS TINHAM TOMADO CONHECIMENTO DA HISTÓRIA QUE SUCEDEU O ROUBO DA TAÇA JULES RIMET NA INGLATERRA. A ASSESSORIA DE IMPRENSA DA CBF DISSE IGNORAR O CASO. PARA MINHA SURPRESA, A FIFA ME ENVIOU O SEGUINTE E-MAIL: "A FIFA TOMOU A DECISÃO DE COMPRAR ESSE TROFÉU PORQUE PENSOU QUE PODERIA SER O VERDADEIRO". "PODERIA SER O VERDADEIRO" SIGNIFICA QUE PAIRAVA UMA DÚVIDA. MAS COMO A PRÓPRIA FIFA NÃO SABERIA DISTINGUIR UMA TAÇA DE OURO MACIÇO DE UMA RÉPLICA EM BRONZE? ELA PROVAVELMENTE MANDOU UM ESPECIALISTA PARA INSPECIONAR A PEÇA ANTES DO LEILÃO. MAS, SEGUNDO UM JOALHEIRO QUE EU CONSULTEI, ESSE TESTE EXIGE EQUIPAMENTO ESPECIAL E LEVANTARIA SUSPEITAS. APÓS O ARREMATE DA PEÇA, O PERITO ATESTOU: ERA A RÉPLICA. A FIFA HAVIA JOGADO FORA MAIS DE 1 MILHÃO DE REAIS. A ESTATUETA FALSA AGORA ESTÁ NO MUSEU NACIONAL DO FUTEBOL, EM PRESTON, NORTE DA INGLATERRA. MAS UMA DÚVIDA PERSISTE: NÃO HÁ COMO PROVAR QUE A VERDADEIRA TAÇA FOI DERRETIDA. QUEM GARANTE QUE ELA NÃO ESTÁ EM ALGUM CAFOFO NA AMÉRICA LATINA? S

AS FACÇÕES CRIMINOSAS DO PAÍS SE BALA. ENTENDER COMO FUNCIONAM

Houve uma época em que os criminosos eram simpáticos. Com chapéu de lado e navalha no bolso, os malandros passeavam pelas ruas cometendo pequenas transgressões, aplicando golpes e tentando ganhar a vida do jeito que desse. Ao menos era assim que o mundo do crime era visto – e homenageado – em livros, músicas e filmes. Até ladrões de casas e de jóias poderiam se tornar celebridade *(veja na página 50)*. Cerca de meio século depois, no mês passado, o retrato do crime era outro. O Primeiro Comando da Capital (PCC), uma facção criminosa nascida nas cadeias de São Paulo, aterrorizou a capital paulista a ponto de fechar lojas, parar o trânsito e, na prática, instituir um toque de recolher na cidade. Uma operação tão bem organizada que, nas piadas que circularam na capital nos dias seguintes, se dizia que, nas próximas eleições, o ideal seria não votar nem no PT nem no PSDB, mas sim no PCC, que costuma ter ações mais eficientes.

Não era a única quadrilha a demonstrar organização em suas ações no país – e nem os partidos políticos são a melhor metáfora para explicar o nosso crime organizado. Tanto as chamadas facções criminosas como as grandes quadrilhas especializadas nas diversas atividades fora-da-lei assemelham-se muito mais a grandes corporações do mundo empresarial. Elas não disputam poder com o Estado, embora demonstrar força faça parte da sua estratégia de posicionamento. Lidam com negócios que vão do tráfico de drogas à venda de ambulâncias superfaturadas. É praticamente impossível calcular quanto cada um desses setores

SOFISTICARAM E VIRARAM EMPRESAS QUE GARANTEM O LUCRO À – E COMO SURGIRAM – PODE SER A ÚNICA FORMA DE COMBATÊ-LAS.

TEXTO **CRISTINA CHARÃO, LUÍS INDRIÚNAS E FÁBIO DE CASTRO DA AGÊNCIA REPÓRTER SOCIAL**
DESIGN **JOSI CAMPOS**
ILUSTRAÇÕES **NELSON PROVAZZI**

do crime movimenta, mas estimativas apenas sobre o tráfico de drogas apontam que este movimenta cerca de US$ 1 trilhão no mundo por ano. Pelo Brasil, grande consumidor e ponto importante de várias rotas de transporte de entorpecentes, passaria uma boa parte disso.

Não houve um grande passo que levou o malandro romantizado do início do século 20 ao crime organizado e violento de hoje. Em pequenos passos e se aproveitando de várias das mudanças pelas quais o país passou ao longo desse tempo, os criminosos foram se tornando mais profissionais. E um dos primeiros motivos dessa mudança foi, à primeira vista, bem inocente: o crescimento das cidades.

Ladrões de rua

Nos anos 70, o crescimento econômico levou muitas pessoas a sair do campo em direção às cidades. Em 1970, 56% da população brasileira vivia em regiões urbanas. Dez anos depois, esse índice passou para 67,6% e, em 1996, já era de quase 80%. Só que, ainda nos anos 80, a situação havia mudado para essas famílias de migrantes: a economia havia enfraquecido e, evidentemente, não oferecia muitas oportunidades de trabalho ou moradia. "O problema não era só pobreza, mas também a urbanização precária, a desigualdade e a falta de chance de ascender socialmente. São questões muito mais complexas que a pobreza", diz José Marcelo Zacchi, coordenador institucional do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, uma união de ongs relacionadas a segurança.

Para muitos, ingressar na economia ilegal se tornou uma alternativa atraente. Espaços não faltavam: periferias e favelas, os terrenos que mais cresceram com a chegada de novos moradores à cidade, estavam pouco atendidos pela polícia e pelos serviços governamentais. Eram, enfim, lugares propícios para atividades criminosas. "São zonas de marginalidade, que tendem a se auto-regular sem a presença do Estado", afirma José Marcelo. Até esse momento, o crime ainda mantinha um pouco daquela aura da malandragem, de saber se virar pela cidade. O que mudaria tudo, e em pouco tempo, era o surgimento de novas oportunidades de negócios ilegais – e o volume de riqueza que passariam a movimentar.

Até os anos 80, as estruturas criminosas limitavam-se ainda a quadrilhas de ação localizada. E ao jogo do bicho. Ele surgiu no Brasil no fim do século 19, em uma situação inusitada – o dono do antigo Jardim Zoológico de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, vendo-se diante da falência, estimulou a visitação trocando o ingresso por um papel com o nome de um dos 25 animais do parque; o animal sorteado pagava 20 vezes o preço do ingresso. Até ser proibido na década de 1890, era um jogo aristocrático, com os resultados dos sorteios publicados nos jornais. Desde então, mantém a popularidade entre as classes mais baixas graças, em parte, à facilidade na aposta, uma vez que se pode jogar qualquer quantia. Além disso, é até hoje considerado contravenção e não crime, o que ajuda os bicheiros a formar quadrilhas poderosas. Não à toa, muitos especialistas consideram que ainda hoje eles são o grupo mais representativo do crime organizado no Brasil. "O jogo do bicho contempla boa parte da definição desse termo: tem território definido, faz lavagem de dinheiro e tem forte penetração na máquina do Estado", diz Michel Misse, coordenador do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (Necvu), da UFRJ.

O grande divisor de águas, que tornaria o crime organizado muito mais complexo e violento, foi a entrada com força da cocaína no mercado nacional. A gestão diária do jogo não exigia uma estrutura muito complexa, mas as drogas sim. Para operar nesse novo mercado, era preciso montar quase uma indústria, com estratégias para criar e manter pontos-de-venda e sistema de transporte pa- ▶

© Jean Miele/CORBIS

O COMANDO DO COMANDO

Como se organiza o PCC, a maior facção criminosa de São Paulo.

O PCC é um dos mais organizados grupos criminosos brasileiros. Influenciado pelos integrantes do CV, o grupo era, no início, um time de futebol de detentos. Nos anos 90, fortaleceu-se principalmente dentro das cadeias e acabou criando uma estrutura maior e mais complexa que a dos grupos cariocas. Em São Paulo, domina 90% dos presídios e a maioria dos criminosos soltos.

Poder
Ação
Dinheiro

Liderança
Burocratas
Base
Áreas de atuação e fontes de renda

LÍDER

Desde 2002, o ex-trombadinha e ex-ladrão de bancos Marcola é o grande chefe da organização, considerado também o mais intelectualizado e pragmático. Diz ter lido mais de 3 mil livros. Da prisão, e sem falar ao celular, ele controla a organização, que conta com cerca de 140 mil filiados.

PILOTOS

São aqueles que, dentro ou fora da cadeia, organizam os filiados para operações como as megarrebeliões e os ataques do mês passado. Alguns deles são os intermediários em negociações com autoridades.

CONTADORES

O PCC tinha um único contador até 2005, ano em que ele foi preso. Agora a administração dos R$ 700 mil arrecadados por mês passou para cerca de 6 contadores, que usam até registros em livros-caixas.

ADVOGADOS

A polícia estima que o grupo tenha cerca de 18 advogados trabalhando a seu favor. Eles também usam artifícios ilegais, como a compra da gravação dos depoimentos sigilosos da CPI do Tráfico de Armas.

CRIMINOSOS

O PCC ajuda seus filiados a realizar crimes como assaltos à mão armada e seqüestros. Também garante proteção aos vendedores das bocas-de-fumo, que pagam ao grupo uma porcentagem dos seus lucros.

PRESOS

A maior força do PCC, eles se unem ao grupo para ganhar prestígio e proteção contra estupros e espancamentos. A polícia reconhece que a ação deles diminuiu o índice desses delitos nas cadeias.

COMUNIDADE

Além dos criminosos, a comunidade do PCC conta com simpatizantes, como cantores de funk que os homenageiam. O grupo também financia estudos para quem quer ser um advogado do crime organizado.

BIN LADENS

Pessoas em débito com o PCC acabam sendo manipuladas pelo grupo. Ameaçadas, são obrigadas a participar das ações coordenadas, como os ataques violentos do último mês em São Paulo.

ARMAS

São compradas principalmente de fornecedores no Brasil, no Suriname e no Paraguai. O arsenal do PCC pode ser usado em ações do grupo ou alugado para que outros criminosos levem adiante suas ações.

AÇÃO SOCIAL

Como os traficantes do Rio, o PCC mantém creches em favelas, paga enterros e ajuda os familiares dos detidos. Para quem tem parentes presos no interior de São Paulo, o grupo arca com os custos das visitas.

RIFAS

Detentos, criminosos soltos e familiares participam de rifas que custam até R$ 7 o número. Os principais prêmios são carros populares, mas há outros, como eletrodomésticos. O resultado sai pela Loteria Federal.

CONTRIBUIÇÕES

Como um sindicato, os filiados têm que pagar mensalidades para o PCC. Presos pagam R$ 50 e, para quem está fora, esse dízimo pode chegar a R$ 500 em cima do lucro de assaltos, furtos, seqüestros e tráfico.

DROGAS

Apesar de contar com alguns pontos-de-venda, o PCC não é um grupo de traficantes. A principal ação é proteger as bocas-de-fumo da polícia e de outros boqueiros, em troca de contribuições mensais.

POLÍTICOS

Com pouca penetração no Estado, o PCC começa a articular possíveis candidatos para as próximas eleições, usando como moeda de troca os votos de seus milhares de filiados.

ra garantir a oferta constante. "A logística da economia da droga exigiu mudanças estruturais na forma como os grupos atuavam", diz a antropóloga Jacqueline Muniz, ex-diretora da Secretaria Nacional de Segurança Pública e professora da Universidade Cândido Mendes (Ucam), do Rio de Janeiro. Em especial, era preciso mais gente envolvida. E é com o tráfico que a imagem positiva do malandro – "aquela de saber se virar pela cidade" – é substituída pela do bandido feio e mau.

O aumento de complexidade da atividade criminosa significa, também, o crescimento da violência. Não é de espantar: a violência é uma das formas de administrar esse novo negócio. É preciso garantir segurança em todas as etapas de operação e, como diz Jacqueline, "se não há leis para garantir o funcionamento, existe a arma". Daí a aceleração paralela de outro setor do crime, o tráfico de armas. Dados do Necvu mostram o paralelismo dos dois tráficos: em 91, foram feitas 1 866 apreensões de entorpecentes e de 3 958 armas na cidade do Rio de Janeiro. Em 2005, os números são 11 761 e 14 876. "Na verdade, esses grupos trabalham com uma relação de confiança e desconfiança mútuas entre seus membros. A linha tênue pode romper-se rapidamente", diz Michel Misse. Mas, mesmo com mais violência, os traficantes continuavam a ter relações entre si e com as comunidades ao redor de forma bem parecida com a praticada pelos bicheiros.

De um modo geral, traficar drogas era um trabalho que exigia o emprego de uma mão-de-obra maior do que as atividades criminosas mais comuns até ali. Com muita gente no crime, aumentou também o número de prisões relacionadas ao tráfico. A população carcerária explodiu. E isso teve conseqüências graves no modo como o crime operava.

Onde nascem as gangues

Da mesma forma que o crescimento da população nas cidades levou ao aumento da criminalidade, o crescimento da população nas cadeias levou à radicalização do crime. O berço das principais facções criminosas do Brasil são os presídios. Aqui, como em outros países, o melhor lugar para o crime se organizar ou aumentar seu poder é atrás das grades. "Há vários casos no mundo, inclusive de movimentos religiosos, como os islamitas americanos. É angustiante que isso apareça exatamente entre os bandidos que estão sob a tutela do Estado", diz Norman Gall, do Instituto Fernand Braudel, uma ong de pesquisas econômicas e sociais.

A primeira a sair dos presídios brasileiros foi o Comando Vermelho (CV), ainda na década de 1970. Posteriormente, ela teria dado origem a todas as demais grandes facções cariocas *(veja quadro na página 80)*. Acredita-se que seus primeiros líderes tenham convivido com grupos guerrilheiros de esquerda no presídio Cândido Mendes, em Ilha Grande, Rio de Janeiro, e se inspirado neles para criar sua organização (daí o "vermelho" no nome). A princípio, eram apenas quadrilhas de ladrões tentando criar uma unidade para facilitar seu trabalho. Com a chegada das drogas, tornou-se um grupo voltado para o tráfico. A primeira conseqüência foi exacerbar dois componentes que já existiam no bicho: o terror aplicado àqueles que se voltassem contra a facção e o assistencialismo à comunidade. Houve até uma época em que o Comando Vermelho especializou-se em uma tática Robin Hood: assaltar caminhões com mercadorias e distribuir para os moradores das favelas.

Se as prisões são o berço de tantas organizações criminosas, isso não é por acaso. Em primeiro lugar, é um espaço em que os fora-da-lei mais experientes podem transmitir seus conhecimentos para os mais jovens – uma escola, por assim dizer. Em segundo, a situação das cadeias brasileiras sempre foi tão degradante que acabou exigindo dos presos alguma organização própria. "Na verdade, alguns grupos surgem como uma forma de os próprios presos se protegerem das mortes e dos estupros nas cadeias", diz o cientista político Guaracy Minguardi, do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (Ilanud). As várias tentativas dos presos ao longo da história de se organizarem e discutirem com as autoridades uma solução para o abandono e o desrespeito a que são submetidos também ajudaram a criar as facções. "Mas qualquer tentativa de se organizar era vista como dotada de propósitos ilegais, o que eliminava a possibilidade de diálogo", diz Jacqueline. Nesse cenário, é ▶

CADEIA INTERNACIONAL

O crime organizado brasileiro vai além das nossas fronteiras?

O traficante Fernandinho Beira-Mar, antes de ser preso em 2001, estava escondido na selva colombiana com a ajuda das Farc, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia. Não foi um episódio isolado: as Farc também tiveram um papel importante na formação das quadrilhas. Integrantes da guerrilha colombiana teriam vindo para o Brasil, por exemplo, para treinar os traficantes no uso do armamento pesado que eles compravam dos mesmos fornecedores. Foi mais um exemplo da relação entre o crime organizado brasileiro e o internacional. Na maioria dos casos, a parceria obedece às regras de mercado. "Eles se plugam e desplugam de acordo com as conveniências", diz Walter Maierovitch, do Instituto Giovanni Falcone e ex-Secretário Nacional Anti-Drogas. Grupos brasileiros e estrangeiros, segundo ele, atuam em sinergia, num sistema de redes de cooperação.

O tráfico de drogas, a estrutura mais internacionalizada, é um bom exemplo dessa cooperação. Os plantadores da Bolívia fornecem 80% da pasta de coca e da cocaína que entra no Brasil, mas precisam de insumos químicos como o permanganato de potássio. Esse é fornecido por brasileiros que o encontram facilmente na indústria nacional. Outra parte das drogas e armas que chegam ao Brasil vem do Suriname e do Paraguai. Mas o tráfico internacional propriamente dito – aquele que, por conta da geografia, precisa passar pelo Brasil para chegar à Europa – não seria controlado por grupos como o PCC e o CV. "Metade do que chega ao Brasil vai para fora num esquema mais sofisticado e até hoje praticamente não desbaratado", diz o coronel José Vicente Silva Filho, ex-secretário de Segurança Pública do governo FHC.

BANDIDO DO RIO

As principais facções criminosas cariocas

Comando Vermelho

A primeira facção criminosa carioca, de onde surgiram todas as demais. Surgiu em 1979 em um presídio em Ilha Grande, levando para o mundo do crime ensinamentos dos guerrilheiros de esquerda presos no mesmo local. Controla cerca de 60% das favelas cariocas, entre elas a do Complexo do Alemão e a de Vigário Geral. Entre seus principais líderes estão Fernandinho Beira-Mar e Elias Maluco (ambos presos). O único fundador vivo é Willians da Silva Lima, o Professor, com 60 anos de idade e ainda preso.

Comando Vermelho Jovem

A briga pelo controle dos pontos do tráfico de drogas no Complexo do Alemão criou a dissidência liderada pelo traficante Marcinho VP. O líder da facção é suspeito de ser um dos mandantes da morte, em 2000, de Sidneya dos Santos Jesus, uma diretora linha-dura da penitenciária de Bangu 1. Além do comércio de drogas, é responsável por várias blitze policiais falsas nas vias públicas do Rio de Janeiro para roubar carros. Não costuma se relacionar com os moradores. Hoje, divide o Complexo do Alemão com o Comando Vermelho.

Terceiro Comando

Outra dissidência do Comando Vermelho, surgida nos anos 80 de maneira ainda pouca clara para a polícia. Controla favelas do Complexo da Maré, área estratégica por estar às margens da baía da Guanabara. Evita a violência contra policiais – mas não contra outros traficantes – e costuma praticar, nas áreas onde age, o assistencialismo. Seu principal líder é o Linho, também chamado de Paulinho, que já foi dado como morto, mas está foragido há anos. Tem um acordo de atuação amigável com a Amigos dos Amigos.

Terceiro Comando Puro

É uma facção de uma facção. O grupo surgiu depois de uma briga entre seu principal líder, Robinho Pinga, e Linho, do Terceiro Comando. São donos do tráfico em favelas como as da Coréia. Tem o segundo maior arsenal de armas dos grupos cariocas, com cerca de 180 fuzis. Nos seus depósitos foram encontradas granadas e até minas terrestres. Tem ajuda de ex-militares do Exército. Religioso, Robinho Pinga só deixa as festas nas favelas começarem depois de uma oração.

Amigos dos Amigos

Dissidência do Comando Vermelho, fundada pelo Uê, que, mesmo preso na penitenciária de Bangu 1, chegou a comandar ataques a postos da Polícia Militar e a delegacias. Uê foi assassinado em 2002 durante uma rebelião no presídio. Hoje, seu maior líder é Celsinho da Vila Vintém. É o mais capitalista dos grupos e também um dos mais brutais. Não faz assistencialismo e aterroriza a população. Comanda as favelas do Complexo de São Carlos, Adeus/Juramento, Caju e Vila Vintém.

fácil a ascensão de qualquer líder – por mais tirano que seja – com a mínima chance de organizá-los em torno de suas reivindicações. Não por acaso, e por mais que pareça irônico, o CV diz ser seu objetivo a luta pela liberdade, pela justiça e pela paz. E essas mesmas 3 palavras estavam pintadas no chão dos pátios dos presídios na primeira megarrebelião organizada pelo PCC, em 2001. "A reivindicação de melhorias nas cadeias é uma estratégia de cooptação de membros e de validação dessas organizações criminosas", diz José Marcelo.

Rede do crime

Estava nascido o crime organizado no país. Favelas e periferias haviam fornecido o território; os presídios deram origem à organização, aos funcionários e a um motivo de existir; as drogas trouxeram dinheiro, muito dinheiro, tanto que acabou criando um efeito cascata que estimulou várias outras redes criminosas.

À medida que aumentou o comércio ilegal de drogas, cresceram também crimes como roubo de carga, assalto a bancos, seqüestros, pirataria e contrabando. Não foi necessariamente por financiamento dos traficantes, ou por interesse deles em diversificar os negócios. Uma das formas como eles estimularam outras redes criminosas foi criando um mercado consumidor de produtos ilegais – afinal, traficar não é fácil e, como em qualquer empresa, envolve uma cadeia produtiva complicada. Daí o estímulo a redes de compra ilegal ou roubo de cargas químicas (para refino da coca, por exemplo), de tráfico de armas (para municiar os pontos-de-venda) ou de lavagem de dinheiro (para legalizar as fortunas ganhas com o tráfico). É sabido, por exemplo, que líderes do PCC e do CV trocam figurinhas, embora não se tenha definido exatamente para quê. "As facções formam cadeias de negócios", diz José Marcelo. "São sócias ou parceiras, mas não precisam fundir uma 'empresa' com a outra."

Outro motivo para a diversificação da criminalidade foi que, assim como os bicheiros abriram caminho para as redes de tráfico, essas criaram rotas de distribuição e contatos dentro da burocracia estatal que, depois, serviram também a outras quadrilhas. Um exemplo é o Cartel de Medellín, na Colômbia, que, sem abandonar o tráfico, usou a sua infra-estrutura para fornecer serviços a outras organizações. "Em um dado momento, ele se especializou no transporte de drogas. Abriu rotas, modelos de segurança, tornou-se um DHL do crime. Depois disso, essa estrutura serviu a todo tipo de tráfico, do contrabando ao comércio ilegal de biodiversidade", diz Jacqueline.

A interligação dessas redes ganhou um bom aliado com a tecnologia. Assim como os líderes do PCC encontraram nos celulares uma forma de organizar a facção mesmo de dentro do presídio, várias ferramentas de comunicação auxiliam

AS SOLUÇÕES

Quatro propostas para controlar o crime organizado

Serviço de inteligência

O crime organizado atua em rede. Em suas ações, ele costuma mobilizar desde outros grupos criminosos até comparsas dentro do governo e da polícia. A maioria dos especialistas defende que a inteligência – e não a força – é o meio mais eficiente para combatê-lo. Os métodos incluem escutas telefônicas, agentes infiltrados nas facções e troca de informações entre as polícias. "Só a Receita Federal e o Disque-Denúncia do Rio de Janeiro fazem um trabalho assim. O Brasil também usa pouco o serviço da Interpol *[uma agência internacional de inteligência]*", diz o coronel José Vicente Silva Filho, ex-secretário de Segurança Pública do governo FHC.

União entre os governos

As facções criminosas muitas vezes atuam com conexões em vá[rios] estados e países. Por isso, não faz sentido que cada polícia tente combater isoladamente o crime em seu estado. Especialistas como Norman Gall, do Instituto Fernand Braudel, acreditam que a gestão da segurança pública é trabalho para o governo federal. Os governos estaduais, segundo ele, não têm os contatos, a capacidade técnica nem a perícia para combater o crime organizado. Ele propõe a criação de um Ministério de Segurança Pública e de uma Guarda Nacional - uma polícia militar que atue em todo o território nacional, e dispense o uso do Exército em ações contra o crime.

Legislação

Endurecer as penas, embora seja uma idéia popular, não é a solução contra o crime organizado. Mesmo assim, algumas mudanças nas leis poderiam ajudar. Hoje elas impedem, por exemplo, escutar conversas entre os criminosos e seus advogados, que acabam levando recados para fora das cadeias. "Devia se isolar esse tipo de criminoso. É preciso um *big brother* nas cadeias", diz Walter Maierovitch, do Instituto Giovanni Falcone. As leis brasileiras também poderiam ter leis específicas para o crime organizado. "Nossa legislação só considera a 'formação de quadrilha'. Tipificar o crime organizado poderia ampliar as penas", diz o coronel José Vicente Silva Filho.

Mudanças nas polícias

A polícia de todos os estados sofre com baixos salários, equipamento precário e planos de carreira inconsistentes. Além disso, a Polícia Civil e a Militar acabam atuando separadas e muitas vezes invadindo as funções uma da outra, o que acaba gerando rivalidades. Enquanto os policiais ficam brigando entre si, a vida do crime organizado fica mais fácil. Uma saída possível é integrar as duas forças policiais em uma só organização, com estrutura e burocracia mais modernas e capaz de coordenar melhor a estratégia de combate ao crime. "É preciso investir também em recursos humanos e diminuir o desvio de policiais para serviços burocráticos", diz Norman.

as redes criminosas a se expandirem.

Existe, entretanto, uma ferramenta que, para os criminosos, é mais importante do que todas as outras: a corrupção. Em maior ou menor grau, todas dependem de algum tipo de infiltração no aparelho do Estado para prosseguir com suas atividades. Alguns pesquisadores chegam a considerar que o nível de corrupção é o que diferencia cada organização. "Não dá para comparar o nível de organização do PCC com o da Operação Sanguessuga *[de compra superfaturada de ambulâncias envolvendo deputados federais]*. O PCC não tem adeptos de alto escalão", diz Adriano de Oliveira, do Núcleo de Instituições Coercitivas da Universidade Federal de Pernambuco. Diferentemente das quadrilhas envolvendo altos funcionários, o PCC e outras organizações criminosas que não aquelas que surrupiam diretamente o erário público encontram brechas no governo com a mesma técnica que usam no controle interno da organização: a intimidação. Usando diferentes níveis de violência, eles podem conseguir favores no sistema policial, judicial ou penitenciário. "Um carcereiro pode ser corrompido por dinheiro ou ser intimidado por ameaças de um preso que sabe onde sua filha estuda e a que horas sai da escola", diz José Marcelo.

E agora?

Todos os especialistas concordam que o grande culpado pelo crescimento do crime organizado são os vazios deixados pelo Estado. A criminalidade prospera graças às brechas abertas pela corrupção e pela desproteção policial.

O ideal seria, com ações sociais, resolver os próprios fatores que deram origem às facções, como a superlotação nos presídios, a desigualdade e as áreas não atendidas pelo Estado. Essa é, no entanto, uma estratégia de longo prazo e que tampouco pode ser justificada apenas pelo combate à criminalidade.

De imediato... bom, de imediato, não há consenso sobre o que fazer. Os episódios registrados em São Paulo no último mês tendem a acirrar o debate sobre as soluções. Quase sempre, eles desembocam em cobranças sobre a Justiça para que seja "mais dura", com penas maiores. Apesar de popular, é uma das poucas propostas em que os especialistas estão de acordo: ela não funciona. A frase parece batida, mas resume bem o espírito da idéia: não é o tamanho da pena, mas a certeza de sua aplicação que tem realmente algum efeito. Existem várias sugestões, cada uma mais ou menos viável *(veja quadro acima)*. Difícil dizer qual delas é a mais promissora. Assim como fazem os criminosos, o ideal talvez seja atacar em em várias frentes. E rápido.

PARA SABER MAIS

Do CV ao PCC – A irmandade do crime
Carlos Amorim, Record, 2005

www.necvu.ifcs.ufrj.br
Núcleo de estudos de violência urbana da UFRJ

CULTURA

SORRIA, VOCÊ ESTÁ NO BUTÃO

Meninas saem da escola no Butão em reforma – cena que era rara num país com 63% de analfabetismo.

País mais isolado do mundo, aonde a televisão só chegou em 1999, vira a lógica de ponta-cabeça: rasga dinheiro em nome do bem-estar social e institui um novo elemento na economia, a Felicidade Interna Bruta.

TEXTO **RAQUEL COZER** DESIGN **JOSI CAMPOS** ILUSTRAÇÕES **NELSON PROVAZI**

Você decide: prefere ser chefe de multinacional, com uma conta bancária que não sai dos 6 dígitos e vários carros na garagem, ou... ser feliz? Bom, perguntar isso para alguém é ingênuo. Um sujeito pode muito bem viver de sorriso estampado na cara sem nunca ter saído do cheque especial. Já se você faz uma pergunta equivalente não a uma pessoa, mas a um país, a história é outra. Do ponto de vista de uma nação – ou seja, do de quem administra uma – a idéia de que a felicidade vem antes da riqueza simplesmente não faz sentido. Quer dizer: não fazia.

Existe, sim, um lugar onde a idéia da busca pela "alegria do povo" é uma prioridade maior do que o crescimento econômico. Uma prioridade oficial, diga-se. Esse lugar é um país quase anônimo, pouco maior que o estado do Rio de Janeiro, aninhado nas montanhas do Himalaia. Bem- vindo ao reino do Butão.

Foi lá que, em 1972, um reizinho de 17 anos que acabava de assumir o trono cravou: "Ei, o Produto Interno Bruto não é mais importante que a 'felicidade interna bruta'". Era Sua Majestade Jigme Singye Wangchuck, que, apesar de adolescente, não estava para brincadeira e pôs seus assessores para bolar uma política inédita no mundo, uma economia de cabeça pra baixo.

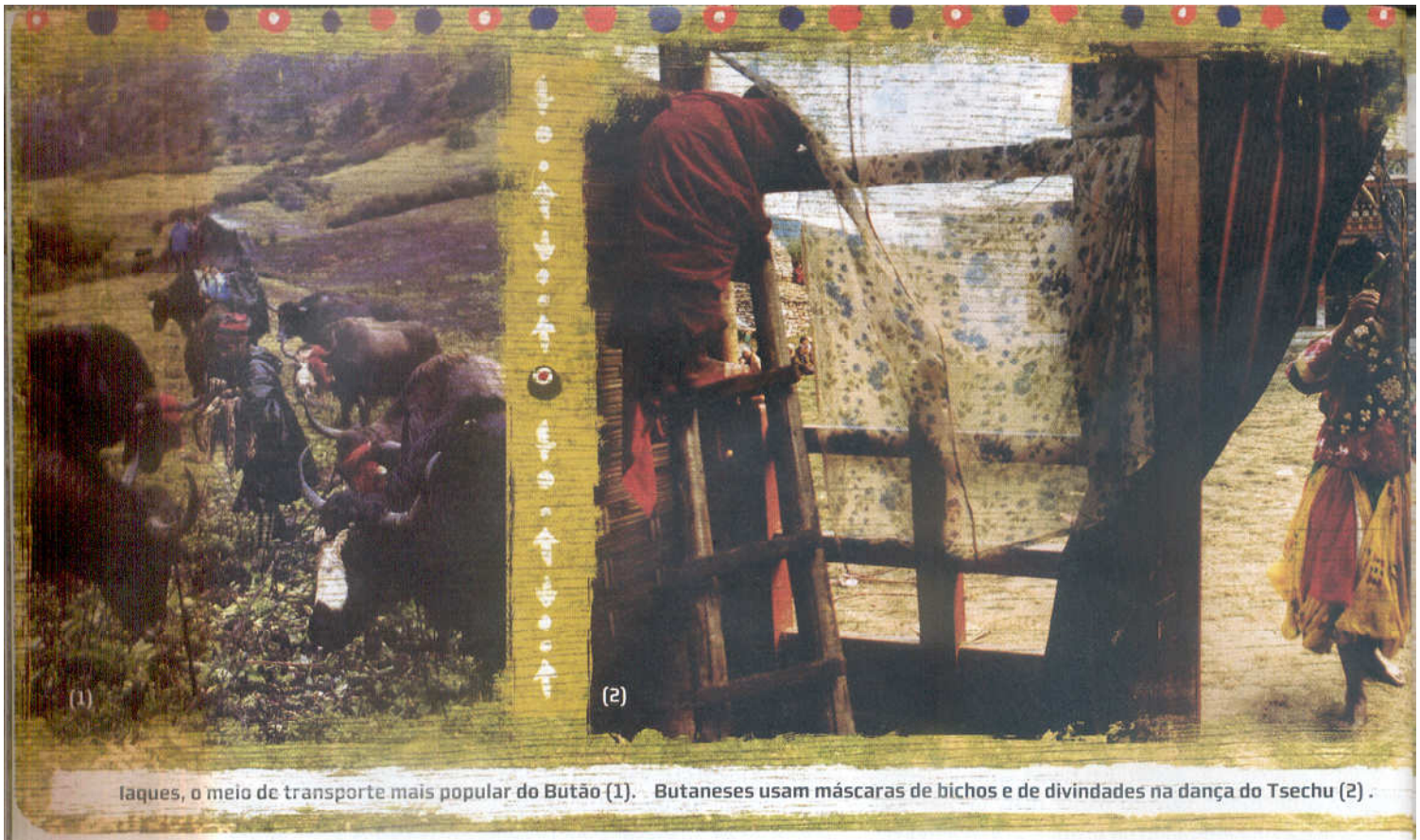
Ou muito pelo contrário: "O Butão devolve ao chão os pés da lógica ponta-cabeça do desenvolvimento", diz o economista alemão Johannes Hirata, da Universidade de Gallen, na Suíça, estudioso do papel da felicidade em políticas públicas. De trocadilho hippie, "felicidade interna bruta" virou um parâmetro de verdade, com direito a sigla (FIB) e tudo. "A filosofia da FIB é a convicção de que o objetivo da vida não pode ser limitado a produção e consumo seguidos de mais produção e mais consumo, de que as necessidades humanas são mais do que materiais", diz Thakur S. Powdyel, diretor do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Educacional da Universidade Real do Butão.

Para suprir essas "necessidades não materiais", o conceito da FIB prega 4 diretrizes: desenvolvimento econômico sustentável, preservação da cultura, conservação do meio ambiente e "boa governança". Não é nada diferente das coisas que você ouve nos horários políticos da vida, certo? Sim, mas no Butão o buraco é mais embaixo. Para o bem e para o mal.

Dinheiro? Tô fora

A Felicidade Interna Bruta não é uma lei escrita, mas um ideal que vem norteando as decisões do governo nos últimos 30 anos. Por exemplo: a exportação de madeira poderia encher os cofres públicos, mas, à luz da FIB, ficou estipulado que 60% do território permaneça coberto por florestas originais. De onde tirar dinheiro, então? De uma carta na manga, ou melhor, do Himalaia. "O Butão é favorecido por rios que nascem nas montanhas. A geração de energia hidrelétrica se tornou um poderoso engenho de crescimento econômico, e sem desalojar pessoas nem danificar o ambiente", diz Powdyel. ▶

① Rob Howard /Corbis/Stock Photos



Iaques, o meio de transporte mais popular do Butão (1). Butaneses usam máscaras de bichos e de divindades na dança do Tsechu (2).

Ambiente que faz do Butão um dos países mais bonitos do mundo. Com rios de água cristalina, florestas coloridas e fauna com direito a tigres, elefantes, rinocerontes e pandas, o país é chamado de "último éden" ou "Shangri-lá da vida real", numa referência ao paraíso inventado pelo romancista inglês James Hilton em seu livro *Horizonte Perdido* (1933). Um paraíso que, como o Butão, fica no Himalaia.

Com tantas credenciais, o país poderia virar um dos maiores pólos turísticos do mundo. Mas não. O turismo é limitado para não prejudicar a cultura nem o meio ambiente. "Existe uma espécie de consumação mínima, que inclui hospedagem, alimentação, guia e transporte. Sai uns 300 dólares por dia", diz Paulo Lima, editor da revista *Trip*, que foi um dos poucos turistas que já ganharam autorização para visitar o país. Em 2005, foram 13 mil. Para comparar: Porto Seguro, na Bahia, recebeu cerca de 1 milhão.

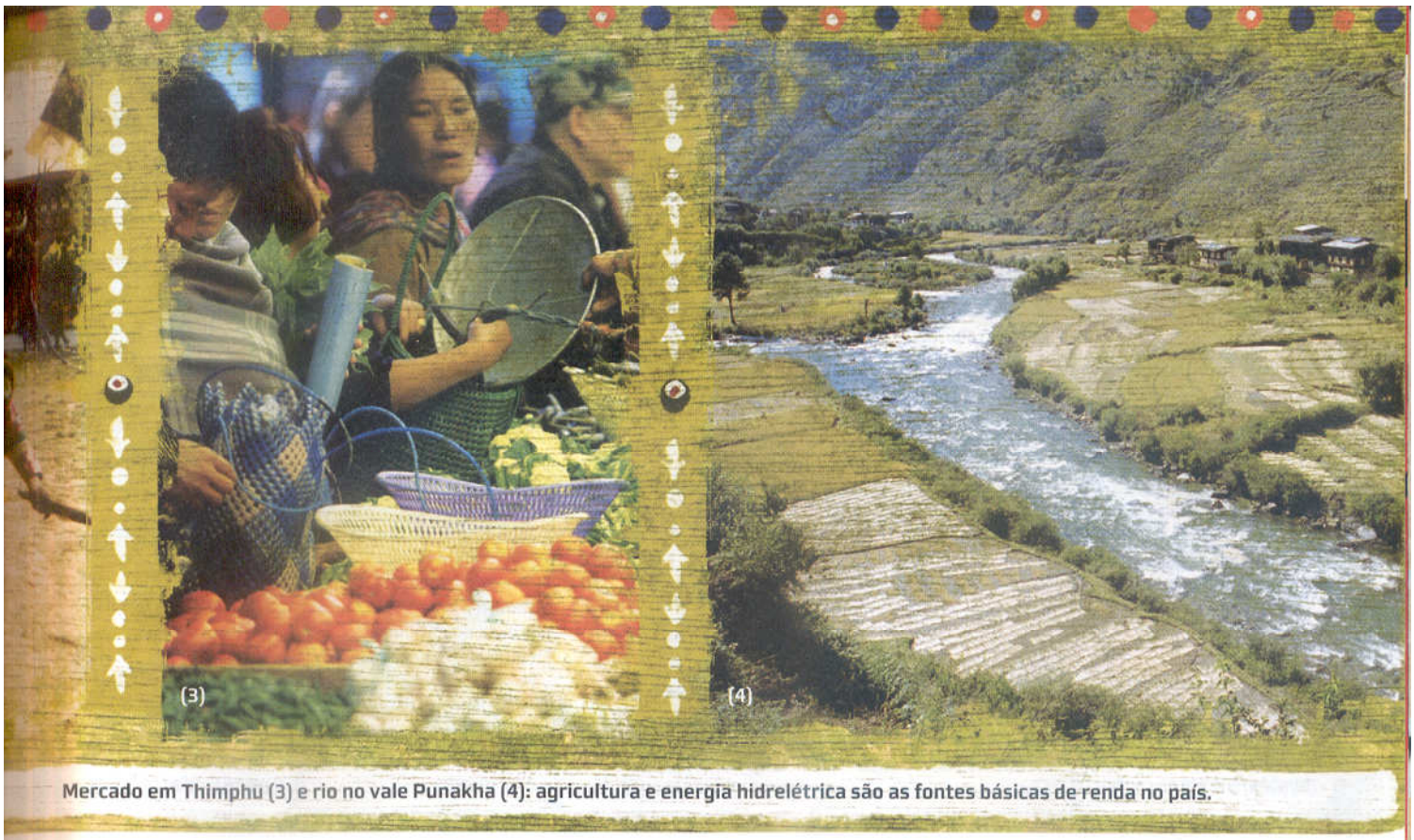
Outra medida que feriu os cofres públicos em nome da FIB veio em 2004. Foi quando o Butão ganhou os jornais do mundo inteiro ao se tornar o primeiro país a banir o cigarro. Banir mesmo: a venda de tabaco virou crime. Tudo para "proteger as gerações presentes e futuras de seu efeito devastador". Está certo que daí nasceu um mercado negro, mas o governo acredita que, restringindo a oferta, ajuda as pessoas a parar de fumar. E, com isso, o país abriu mão de uma fonte de receita garantida. "Os cigarros fazem parte do setor de demanda inelástica, aquele em que a procura não cai com o aumento do preço. Se você tributa o tabaco, o preço aumenta, mas as pessoas não deixam de fumar", diz o economista Siegfried Bender, da USP. Ou seha, vender cigarro é um ótimo negócio. Mas, reza a FIB, o "bem-estar" vem antes do dinheiro.

E antes do poder até. É que o rei Jigme Singye, educado na Inglaterra, tomou uma decisão nada típica entre monarcas e ditadores: abriu mão do poder absoluto, delegando poderes executivos ao seu Conselho de Ministros. Mais: o parlamento butanês ganhou o direito de pedir a cabeça do rei – não no sentido literal – caso essa seja a vontade de pelo menos dois terços dos membros.

E agora ele está prestes a lançar uma Constituição no país, a primeira de sua história. Um esboço dela está pronto desde o ano passado. Mas, pela Felicidade Interna Bruta da nação, a Carta Magna só começa a valer se for aprovada num referendo popular, marcado para 2008. Até lá, Jigme quer que o povo leia o tal esboço e dê seus pitacos. O princípe herdeiro está incumbido de ir de província em província ouvir a opinião dos moradores. Por essas, o monarca é uma estrela. "O rei é adorado, o homem mais sábio e bonitão. Todos têm confiança absoluta de que tudo o que ele faz é pela felicidade do povo", diz o apresentador Zeca Camargo, que foi ao país em 2005.

QUE REI SOU EU?

Adorado pela população, o rei Jigme Singye Wangchuck, 51 anos de vida e 33 de majestade, leva uma vida simples: trabalha em uma cabana de madeira, enquanto seu palácio é usado por suas 4 mulheres – todas irmãs, o que lhe garantiu uma sogra só.



Mercado em Thimphu (3) e rio no vale Punakha (4): agricultura e energia hidrelétrica são as fontes básicas de renda no país.

Algo de podre no paraíso

Quem vai para Shangri-lá não tem a opção de ir embora. A descoberta faz os personagens do livro de Hamilton desconfiar de que nem tudo são flores por lá. A "Shangri-lá da vida real" também não é tão florida quanto parece.

Para muitos, decisões como essa do antitabagismo não servem para nada, a não ser tirar da população o direito de escolha. "Isso é uma invasão enorme da liberdade. Felicidade é algo individual. Um governo interferir na busca por ela é acreditar que o cidadão não tem capacidade de tomar decisões para seu próprio bem", diz a economista Patrícia Carlos de Andrade, diretora do Instituto Millenium, centro de pesquisa de economia liberal em São Paulo.

De fato, exemplos de restrições à liberdade não faltam. Os trabalhadores, por exemplo, não podem formar sindicatos. O governo argumenta que, como há pouca industrialização no país, não há "necessidade" de uniões trabalhistas.

Mais: para seguir a diretriz da "preservação da cultura", a população é obrigada a usar as roupas tradicionais da maioria budista. E ai de quem queira praticar outra religião. Que o digam os mais de 100 mil descendentes de nepaleses hindus que viviam no Butão e foram obrigados a sair do país a partir dos anos 80 por conta da perseguição do governo. Essa etnia, que ainda compõe 35% da população, tinha chegado à região havia séculos, mas seu crescimento deixou o governo temeroso, já que a língua e a religião dela ameaçavam a unidade cultural budista.

A preocupação em ter uma sociedade homogênea deu margem a um caso de violação dos direitos humanos denunciado pela Anistia Internacional. Em 1985, além de exigir que os nepaleses adotassem o modo de vida budista, o governo criou uma lei de cidadania estipulando que, entre os que não fossem filhos de butaneses, só seria cidadão quem provasse ter vivido no Butão antes de 1958. Pediam documentos de uma época em que o país tinha quase 100% da população analfabeta. Isso tornou imigrantes ilegais milhares de pessoas nascidas no Butão quase 30 anos antes de inventarem a lei.

Qualquer argumento serviu para tirar cidadanias. Isso podia acontecer com quem mostrasse "por ato ou discurso, ser desleal ao rei, ao país e ao povo" e também para quem saísse do território para ajudar ex-cidadãos refugiados em outros países. De lá para cá tornou-se comum oficiais coagirem os habitantes de etnia nepalesa a vender suas terras e sumir do mapa. Até hoje, 90% dos emigrantes vivem no Nepal, em campos de refugiados da ONU.

O Butão mesmo precisa de uma força das Nações Unidas. A ONU mais o Banco Mundial, o Banco de Desenvolvimento Asiático e, principalmente, a Índia financiaram mais de 90% dos ▶

ESCRITO NAS ESTRELAS

A primeira Constituição butanesa deveria ter passado por um referendo popular no final de 2005. Mas não rolou. Os astrólogos do rei disseram que o zodíaco só mandaria bons fluidos ao país se o referendo ficasse para 2008.

BARRADOS NO BUTÃO

Tem que ser selado, registrado, avaliado e rotulado, se quiser voar. No Butão é assim mesmo. Para visitá-lo, só com uma das poucas autorizações do governo, em pacotes pré-pagos e pré-programados.

① David Samuel Robbins /Corbis/Stock Photos ② Matthieu Paley/Corbis/Stock Photos
③ Kazuyoshi Nomachi /Corbis/Stock Photos ④ Matthieu Paley /Corbis/Stock Photos

A FÓRMULA DA FELICIDADE BUTANESA

O Centro de Estudos do Butão, organização ligada ao governo, estipulou 9 áreas para medir a felicidade do povo. O Estado acredita que, ao transformar essas informações em números, possa melhorar a margem de acerto de suas decisões.

Padrão de vida

Faz parte dos critérios usados para medir o bem-estar social em qualquer país do mundo: indica a renda per capita e a qualidade dos bens e serviços disponíveis à população.

Boa governança

A idéia aqui é avaliar como a população enxerga o governo; ver se ele passa a imagem de que respeita características como transparência, responsabilidade, e se sabe prestar contas à sociedade.

Vitalidade da comunidade

O nível de confiança em quem mora na casa ao lado é essencial para a felicidade, acreditam os butaneses. Informações assim ajudam a construir um índice que mostre o grau de identidade entre os habitantes.

Uso e equilíbrio do tempo

O que está em jogo aqui é a possibilidade que cada um tem de escolher como aproveitar seus dias. Os indicadores devem mostrar o tempo que a população dedica ao trabalho, à família e à cultura.

Saúde da população

A relação entre saúde e bem-estar é auto-explicativa. O objetivo desse indicador é mostrar os resultados das políticas de saúde. Critérios como expectativa de vida também entram na conta.

Vitalidade e diversidade da cultura

Avalia a dedicação a crenças e costumes. Tem relação direta com a qualidade de vida e serve para dizer o quanto os habitantes se identificam com o lugar onde moram.

Vitalidade e diversidade do ecossistema

Medem a qualidade da água, do ar e do solo e a biodiversidade. Como a natureza foi generosa com o Butão, que tem de picos nevados a densos vales florestais, esse item não é problema.

Educação

O país acelerou o passo do ensino público como parte do projeto para reduzir seu isolamento cultural. Essa categoria, então, indica o ritmo de crescimento das taxas de alfabetização e do acesso às escolas e faculdades.

Bem-estar emocional

É o mais pessoal e profundo dos índices: tenta mostrar o grau de satisfação, de otimismo, que cada habitante tem em relação à sua própria vida.

projetos de desenvolvimento do país. O vizinho mais rico, aliás, bancou a maior fonte de renda do Butão, a hidrelétrica Chhukha Hydel. E hoje compra energia que sai de lá. A dependência econômica em relação à Índia é tão forte que a moeda butanesa, o ngultrum, nem tem câmbio próprio: segue a cotação da rupia indiana.

Onde Judas perdeu as meias

Fundado por monges tibetanos há 4 séculos, o Butão é o país mais isolado do mundo. A escravidão sobreviveu oficialmente por ali até meados do século 20. Até a década de 1960 não havia estradas. Viagens que hoje duram 6 horas se estendiam por 6 dias, em lombo de mula. O rádio só chegou depois que os Beatles já tinham se dissolvido. E a televisão... Bom, se a primeira impressão é a que fica, pobre do nosso futebol: a primeira transmissão televisiva no país foi a final da Copa de 1998. O governo instalou um telão numa praça da capital, Thimphu, e milhares de butaneses puderam testemunhar a derrota de 3 a 0 do Brasil para a França. No ano seguinte, a transmissão chegou às casas, com 4 horas diárias de programação do Bhutan Broadcasting Service (BBS). Só depois vieram as CNNs e MTVs da vida. Agora o governo quer estimular a rede nacional para reduzir o impacto de programas estrangeiros na cultura.

E que impacto: "Por décadas, usamos maconha para criar gado – a erva abre o apetite, deixa a cria bem gorda. Mas agora os jovens começaram a fumá-la, e têm passado o dia inteiro nas nuvens", lamentou recentemente um butanês ao jornal espanhol *El Mundo*. O governo, assustado com o comportamento juvenil, baniu a MTV.

Seja como for, existe um esforço real para tirar o atraso do Butão. E ele vai bem além da TV. Por exemplo: o país ainda tem 63% de analfabetos. Para tratar a ferida, o governo fez com que as escolas primárias chegassem a 70% das crianças. E em 2003 surgiu a primeira, e única, universidade do país, com cerca de 3 mil alunos.

Mudanças desse tipo são bem recebidas pelos butaneses, claro. Mas, para alguns, vieram antes da hora. Como resumiu um habitante para o *Bhutan Times*, jornal local: "Estou preocupado. Somos fazendeiros, podemos não estar aptos a expectativas tão altas. Começo a entender por que os países vizinhos têm problemas".

O *Bhutan Times* fala sobre aquele que talvez seja o maior desses problemas: "O rei notou que houve mudanças no pensamento, com egoísmo levando a práticas de corrupção tanto no governo quanto no setor privado." "Corrupção", diz o jornal, "não é mais uma palavra nova. Temos de aceitar essa dolorosa realidade". Para evitar o mensalão himalaio, Jigme estipulou a criação de uma comissão de ética e o financiamento governamental de campanhas. Mas nada pode frear os

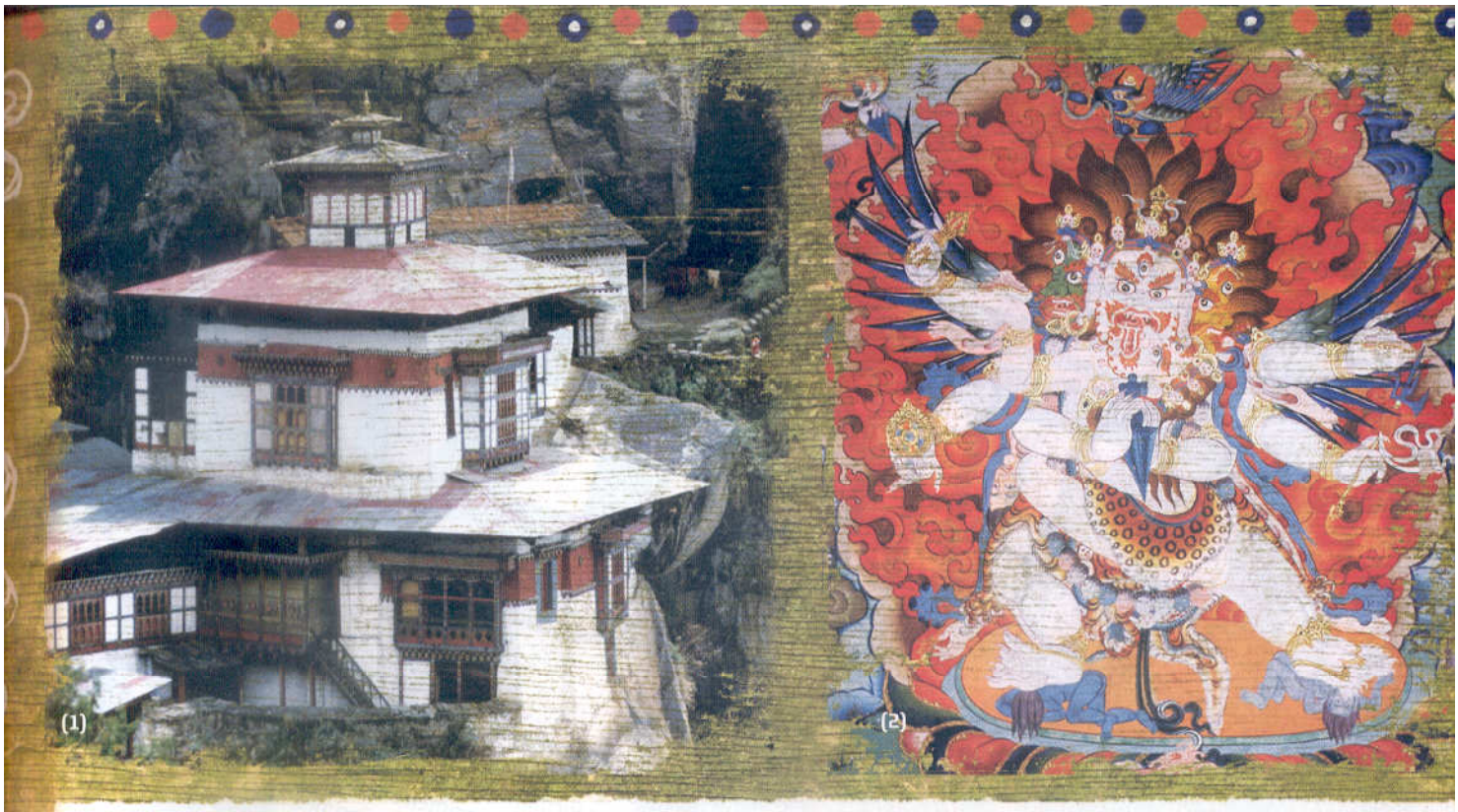
DEVAGAR...

1952
Abolição da escravatura, durante o reinado de Jigme Dorji, pai do rei atual e que começou a tirar o país do limbo.

1962
A primeira estrada asfaltada: ligando a capital, Thimphu, à Índia.

1973
O rádio chega ao país, com um programa semanal de meia hora.

1974
Estréia a moeda nacional, o ngultrum. Antes, os butaneses se viaravam com a rupia indiana.



Casas de arquitetura tradicional, encravadas na rocha (1). Divindade desenhada de acordo com escrituras budistas de 2 mil anos atrás (2).

paradoxos. "Com a informação chegando, vêm as necessidades de consumo. Quem era feliz num mundo isolado não será feliz ao querer algo que antes não sabia que existia. Quando a economia se abre, acaba o sonho de felicidade", afirma o economista Siegfried Bender, da USP. Powdyel, da Universidade do Butão, não concorda. E vê uma saída mais harmônica: "Nosso objetivo é chegar a uma situação em que um monge esteja lendo escrituras enquanto sua comida é cozida com feixes de laser".

Quanto vale a felicidade

Mas como saber se o monge a laser, e o resto da população, vai ser feliz mesmo? "Hoje o Butão está diante do maior desafio da política do FIB, que é medir a felicidade", afirmou recentemente outro jornal local, o *Kuensel*. Os 4 pilares da Felicidade Interna Bruta foram desmembrados em 9 áreas (*veja o quadro lá em cima*), num processo ainda embrionário, mas que pode revelar se a política está na direção certa.

O Centro de Estudos do Butão, organização ligada ao governo e responsável pela criação desses indicadores, usa estudos internacionais sobre bem-estar de populações como base. Parte dos indicadores vem de iniciativas como a do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), da ONU – no qual o Butão aparece em 134º lugar, na frente apenas dos vizinhos Nepal e Paquistão e de nações paupérrimas da África.

"O que o centro faz é adaptar índices para medir a felicidade geral que já existem em outros países, como Canadá e Reino Unido, para a realidade do Butão", diz o historiador Mark Mancall, da Universidade Stanford, que todo ano passa alguns meses trabalhando junto ao governo do reino himalaio.

Esses índices, por sinal, confirmam teoricamente a visão dos líderes butaneses. Os estudos da organização holandesa World Database of Happiness (banco de dados mundial da felicidade), por exemplo, dizem que, apesar de países ricos costumarem ter uma população mais feliz, isso não é regra. Tanto que a Colômbia fica à frente da Inglaterra e dos EUA, e junto à Suíça e à Dinamarca, entre os países mais contentes.

O Butão, inacessível que só ele, não entrou na pesquisa. Agora cabe ao futuro dizer se a política da Felicidade Interna Bruta, com suas contradições nada suaves, está ajudando o país a virar gente grande. Ou se está cada vez mais isolando o Butão no silêncio do Himalaia.

...E SEMPRE

1998

Primeira transmissão de TV – telão na praça para ver a final da copa.

1999

Estréia o canal Bhutan Broadcasting Service (BBS), e os aparelhos de TV chegam às casas.

1999

Estréia a internet discada (sem tanto atraso assim).

2006

O governo negocia a implantação da internet de banda larga. Se tudo der certo, chega até o fim do ano – e os sites butaneses param de travar.

PARA SABER MAIS

www.bhutannewsonline.com
Site com detalhes da história e da economia butanesa

www.bhutanstudies.org.bt
Página do Centro de Estudos do Butão

www.grossinternationalhappiness.org
Site sobre a política da Felicidade Interna Bruta

① John R. Jones; Papilio/Corbis/Stock Photos ② Lindsay Hebberd/Corbis/Stock Photos

O ESPAÇO É VERM

Nasa? Que nada: os soviéticos foram os primeiros na Lua, em Vênus e em Marte.

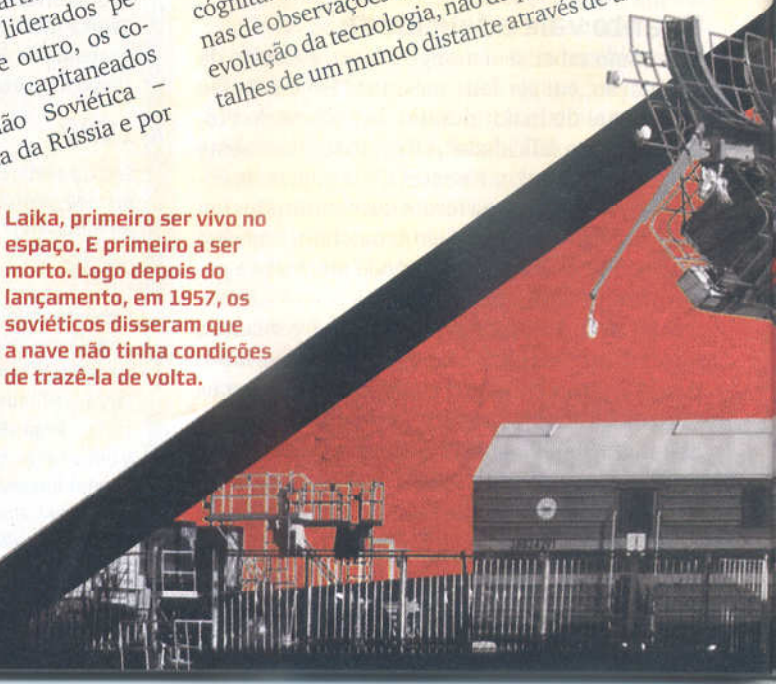
Quando se fala em exploração do sistema solar, o que a gente mais ouve é que a Nasa fez isso, a Nasa faz aquilo, a Nasa é a maioral... Faz sentido até. Afinal, o orçamento espacial americano hoje é maior que o de todos os outros países juntos. Como alguém poderia competir?

Acontece que nem sempre foi assim. Já houve um tempo em que, a despeito de seus gastos fabulosos em exploração espacial, os ianques eram apenas segundos colocados. Durante uns bons anos, os grandes especialistas em foguetes, ciência planetária e astronavegação foram os soviéticos, e seus feitos, embora pouco divulgados, se mantêm sem paralelo em alguns casos.

A época era outra. Em plena guerra fria, de um lado se alinhavam os partidários do capitalismo, liderados pelos EUA. De outro, os comunistas, capitaneados pela União Soviética – composta da Rússia e por 14 repúblicas anexadas. No auge desse período, rolou a chamada corrida espacial, que costuma ser resumida da seguinte forma: os russos saíram na frente, em 1957, lançando o Sputnik 1, primeiro satélite artificial da Terra, seguido pelo vôo de Laika, a primeira "cadelanauta", na cápsula Sputnik 2.

Os vermelhos ampliaram a dianteira em 1961, com o primeiro vôo de um homem ao espaço, o major Yuri Gagarin. Os americanos, então perdendo feio, estabeleceram a meta de irem à Lua até o final da década de 1960. Os russos bem que tentaram pôr os pés lá antes, mas em 20 de julho de 1969 o módulo lunar da Apollo 11 pousava no Mar da Tranqüilidade, e o astronauta americano Neil Armstrong daria seu "pequeno passo", colocando os EUA à frente de uma vez por todas. Pelo menos é o que parecia. Nessa versão simplista da corrida espacial, a Lua se tornaria o grande marco de vitória para os americanos.

Ok. Mas o sistema solar continuava sendo uma incógnita. O que se sabia dos planetas vizinhos vinha apenas de observações telescópicas – e até hoje, com toda a evolução da tecnologia, não dá para ver os mínimos detalhes de um mundo distante através de um telescópio.



Laika, primeiro ser vivo no espaço. E primeiro a ser morto. Logo depois do lançamento, em 1957, os soviéticos disseram que a nave não tinha condições de trazê-la de volta.

LHO

TEXTO: SALVADOR NOGUEIRA DESIGN: SAMANTHA POTTMAIER

Confira as rasteiras que os russos deram nos americanos.

Este foguetão levou o primeiro homem ao espaço, e os últimos também. É o Soyuz, a máquina mais bem-sucedida na tarefa de botar coisas em órbita.

JIPE-ROBOVSKI

A Nasa alardeia com entusiasmo seus dois jipes robóticos, o Spirit e o Opportunity, que perambulam por Marte há quase 3 anos enviando imagens incríveis do planeta vermelho. O que os americanos não costumam mencionar é que os primeiros jipes robóticos espaciais foram russos, e rodaram pela Lua nos anos 70. O jipe Lunokhod 1 (*na página ao lado*) chegou à superfície lunar na sonda Luna 17, em 15 de novembro de 1970. O veículo de 8 rodas produzia imagens de televisão, úteis principalmente para que os controladores em terra "pilotassem" o robô sem trombar com nenhum obstáculo, mas também usava filmes fotográficos, que eram revelados, escaneados e transmitidos à Terra por ondas de rádio, produzindo imagens com melhor resolução. Embora os americanos já estivessem mandando gente à Lua desde o ano anterior, o Lunokhod ("andarilho lunar", em russo) foi o primeiro veículo de rodas a transitar em outro mundo. As missões Apollo chegaram a usar um jipe para astronautas, mas não antes de 1971. Na missão Luna 21, em 1973, o sucesso foi reprisado, com o Lunokhod 2. Outra amostra de como os soviéticos mandavam bem quando o assunto era automação: eles também foram pioneiros em missões com naves-robôs capazes de recolher alguns gramas de solo lunar e trazer para a Terra. de foguete. Foi o caso das missões s Luna 16 (1970), 20 (1972) e, finalmente, da Luna 24 (1976), última espaçonave terráquea a pousar nos domínios de são Jorge.

Resultado: as especulações imperavam. Até os anos 50, não era estranho ver cientistas falando de formas de vida em Vênus e até mesmo de uma civilização avançada marciana. Os mistérios estavam todos lá fora, esperando para ser decifrados. E os russos estiveram quase sempre um passo à frente nessa tarefa.

O lado escuro da Lua

Embora esteja relativamente perto, a Lua sempre foi caprichosa no que diz respeito a revelar seus mistérios. Isso porque o satélite natural sempre mantém a mesma face virada para nós. Contando todas as possíveis variações de inclinação de órbita e de eixos de rotação, daqui só podemos ver 59% da superfície dela. O resto continua escondido, para sempre. E não há nada que possamos fazer para estudar o outro lado, exceto voar até lá.

Desde o início, então, mandar naves à Lua foi prioridade para os cientistas russos (que já tinham à sua disposição, desde 1957, foguetes que poderiam impulsionar artefatos até lá). Nascia aí a série de sondas Luna. A primeira tentativa de lançar uma delas foi em 1958, mas falhou, por um problema com o foguete. Eles costumavam simplesmente varrer esse tipo de fracasso para debaixo do tapete. Só depois que a União Soviética caiu, e arquivos secretos do regime comunista foram abertos, os historiadores puderam contar quantas tentativas frustradas aconteceram antes que a Luna 1 partisse para sua missão, em janeiro de 1959: 3.

Essa espaçonave passou a meros 5 995 quilômetros de distância da Lua (considere que a distância até lá é de 384 mil quilômetros, em média). A Luna 1, portanto, foi o primeiro objeto produzido pelo homem a escapar completamente da gravidade terrestre, indo parar numa órbita própria ao redor do Sol. Apesar disso, nos bastidores, foi considerada um fracasso: seu objetivo verdadeiro era se chocar contra a superfície da Lua.

Esse objetivo foi cumprido com a missão seguinte, a Luna 2, que chegou ao solo lunar em 13 de setembro de 1959, tornando-se o primeiro objeto a espatifar-se lá. (Entre a Luna-1 e a 2 houve um lançamento fracassado, também convenientemente omitido pelo governo soviético.) Mas a glória viria mesmo com a Luna 3. Em 7 de outubro de 1959, ela fotografaria pela primeira vez o lado afastado da Lua, nunca antes visto por um ser humano.

Hoje, vivendo num mundo em que até telefone celular tem câmera digital, não é difícil imaginar uma espaçonave não tripulada enviando imagens de um lugar distante. Mas naquela época era um baita desafio. A Luna 3, por exemplo, usava um sistema convencional de fotografia, com filme e tudo, para obter suas imagens. A coisa, no entanto, não tinha nada de tosca.

"Nas primeiras câmeras usadas pelos soviéticos, os negativos eram revelados automaticamente no espaço e escaneados pelos instrumentos da sonda. Então a nave os mandava para a Terra, via ondas de rádio", conta o americano Don Mitchell, especialista

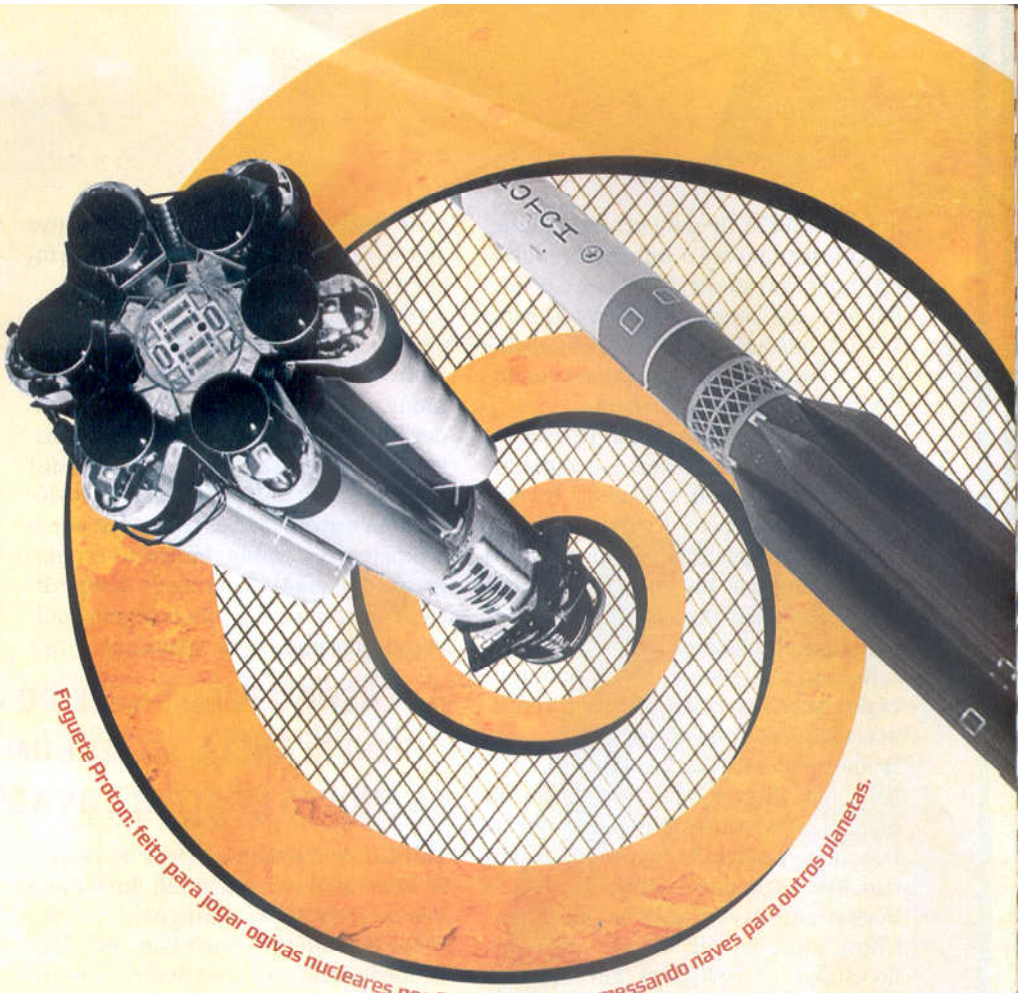
PIONEIROS EM (QUASE) TUDO

em processamento de imagens e fanático pelas missões soviéticas. "Parece mecanicamente complexo, mas, no contexto da tecnologia de 1959, essa estratégia tinha vantagens: o filme podia capturar uma imagem rapidamente, com mais resolução que as câmeras de TV da época. E as imagens podiam ser escaneadas no ritmo que fosse mais conveniente para a transmissão."

A solução era tão boa que os americanos resolveram aplicá-la 6 anos depois, em suas missões na órbita da Lua. Claro que o processamento das imagens não era tão bom, nem a capacidade de detectar sutilezas de contraste. Mas isso não impediu algumas descobertas inesperadas lá do outro lado da Lua.

Não, nenhuma base espacial alienígena foi vista por lá (a despeito de rumores conspiracionistas). Os russos descobriram que o lado distante tinha muito mais crateras que o lado próximo, e quase nada daquelas regiões mais escuras e planas que, desde os tempos de Galileu, no século 17, eram chamadas de mares – antes mesmo das primeiras missões espaciais já estava claro para os cientistas que não havia água nenhuma lá, mas o nome acabou pegando.

O passo seguinte para os soviéticos era óbvio: fazer uma sonda capaz de pousar na Lua, em vez de simplesmente trombar com ela. Custou. Fizeram um monte de lançamentos (entre declarados e não declarados) com esse fim, e nada. Só que a teimosia vermelha prevaleceu. E, em 3 de fevereiro de 1966, a Luna 9 se tornaria a primeira sonda a pousar num astro e, de quebra, a pioneira em transmitir imagens direto da superfície lunar. Essa primazia, aliás, os russos tiraram dos americanos por um triz. Tanto que a ianque Surveyor 1 faria seu pouso na Lua apenas 4 meses depois. Uma chegada quase emparelhada na escalada da corrida espacial.



Foguete Proton: feito para jogar ogivas nucleares nos EUA, acabou arremessando naves para outros planetas.

A NAVE TIRAVA FOTOS DA LUA, REVELAVA O FILME E ESCANEAVA NA HORA PARA MANDAR VIA RÁDIO. OS AMERICANOS COPIARAM A SACADA – 6 ANOS DEPOIS.

Uma temporada no inferno

Nem tudo era a Lua. Havia um grande interesse pelo que os planetas vizinhos da Terra, Vênus e Marte, podiam reservar a seus primeiros visitantes. Os soviéticos naturalmente perseguiram esses objetivos com suas sondas não tripuladas. A começar pelo lugar mais próximo depois do nosso satélite: Vênus.

Conhecido como "estrela-d'alva", por seu brilho intenso nos céus da Terra, Vênus é um planeta dos mais misteriosos. Coberto por uma densa camada de nuvens, ele ficou escondendo sua "cara" dos astrônomos por séculos. Mais do ▶

que bisbilhotar de uma órbita distante, descobrir como era o ambiente venusiano implicava pousar lá. Foi esse o principal feito das sondas soviéticas da série Venera, que até hoje não foram superadas – produziram as únicas imagens obtidas no solo daquele planeta.

Não foi fácil chegar lá. Em 12 de fevereiro de 1961 (após dois lançamentos não contabilizados), a Venera 1 foi lançada pelos soviéticos. A sonda se tornou a primeira a fazer um sobrevôo de outro planeta, mas não enviou nenhum dado científico – seus instrumentos pifaram antes que ela chegasse.

No ano seguinte, os russos tentaram vários lançamentos destinados a Vênus, mas todos falharam. Resultado: os americanos puderam dar um salto à frente. Lançaram duas sondas na direção do planeta, as Mariners 1 e 2. A primeira falhou, mergulhando no oceano Atlântico. Mas a segunda fez um sobrevôo de Vênus e enviou os primeiros dados científicos sobre aquele mundo coletados no espaço. Os soviéticos, em resposta, ficaram determinados a descer lá.

Em 1965, realizaram dois lançamentos. A Venera 2 falhou, mas a 3 se tornou o primeiro objeto a se chocar contra outro planeta. Agora era a hora de aperfeiçoar os sistemas para fazer um pouso suave. Um desafio bem maior do que fazer o mesmo na Lua, vale ressaltar.

"O veículo de pouso Venera 4, em 1967, atingiu uma altitude de 25 quilômetros na atmosfera venusiana, aí a comunicação foi perdida", afirma Alexander Sukhanov, pesquisador do IKI (Instituto de Pesquisas Espaciais da Rússia) que trabalhou em várias missões soviéticas na estrela-d'alva. "Acontece que o altímetro da sonda indicava erradamente que ela tinha atingido a superfície. Isso levou a uma modelagem equivocada da atmosfera venusiana e nos induziu ao fracasso na hora de pousar as Veneras 5 e 6, em 1969. Somente a Venera 7, em 1970, conseguiu."

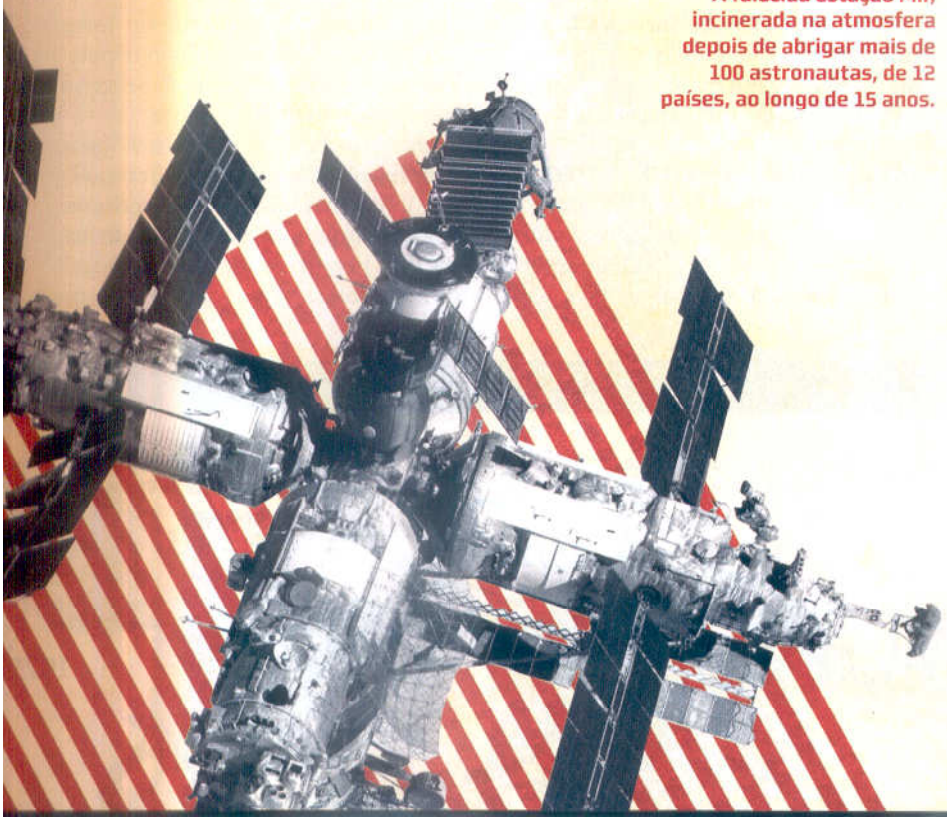
A VENERA 7 FEZ O PRIMEIRO POUSO DE UMA NAVE EM OUTRO PLANETA. SÓ TEVE UM PROBLEMA: ENFRENTAR AS CHUVAS DE ÁCIDO E OS 450 °C DAQUELE INFERNO.

Foi o primeiro pouso bem-sucedido de uma sonda em outro planeta – outra vitória pouco divulgada da União Soviética sobre os americanos. Só teve um problema: a sonda não estava preparada para enfrentar a superfície de Vênus. Ela agüentou só 23 minutos ali, tempo abaixo do suficiente para enviar imagens do solo.

Também pudera, não é moleza ficar em Vênus. O planeta tem uma densa atmosfera composta principalmente de gás carbônico, que provoca um efeito estufa devastador – é o mundo mais quente do sistema solar, embora esteja mais distante do Sol que Mercúrio. A temperatura na superfície costuma girar ao redor dos 450 °C – o suficiente para derreter chumbo. E a pressão atmosférica na superfície, graças à densidade do ar por lá, é 100 vezes maior que a da Terra. Para completar, chove ácido sulfúrico. Ou seja, a Venera 7 teve a luxuosa opção de escolher entre ser destruída por esmagamento, (por conta da pressão) ou derretimento (pela temperatura e acidez).

Caberia às sondas Venera 9 e 10, em 1975, mandar as primeiras imagens, em preto-e-branco, da superfície venusiana. Compostas cada uma de um orbitador e um módulo de pouso, elas também marcariam a primeira vez que uma sonda se manteve na órbita de Vênus.

Imagens coloridas, no entanto, só viriam das sucessoras dela, as Veneras 13 e 14, em 1982, que também fizeram as primeiras análises de rochas no solo. Apesar do sucesso, inigualado até hoje, nenhuma delas sobreviveu muito mais que duas horas na superfície escaldante daquele planeta infernal. Desnecessário dizer que as esperanças de encontrar algo vivo lá caíram drasticamente, depois que nem as resistentes máquinas soviéticas conseguiram sobreviver ao ambiente venusiano.



A falecida estação Mir, incinerada na atmosfera depois de abrigar mais de 100 astronautas, de 12 países, ao longo de 15 anos.

Marte contra-ataca

Os russos abraçaram o desafio de conquistar Marte com o mesmo rigor com que tinham investido sobre Vênus. Pelo menos no começo. As sondas soviéticas Mars, dos anos 60, contavam com uma tecnologia à frente de seu tempo, mas sofreram uma série de falhas. Em 1º de novembro de 1962, os russos

lançaram a Mars 1 (após 4 tentativas "não contabilizadas"). Seu objetivo era fazer um sobrevôo de Marte e enviar imagens da superfície. A primeira parte deu certo: a sonda passou a menos de 200 mil quilômetros do solo marciano (considere agora que a distância mínima entre a Terra e Marte é de 56 milhões de quilômetros). Mas, infelizmente, não deu para mandar cartão postal de lá; a comunicação com a nave foi perdida no meio do caminho, impedindo a transmissão de dados. Ainda assim, a Mars 1 entrou para a história como a primeira nave a sobrevoar o planeta vermelho.

Os próximos lançamentos bem-sucedidos dos russos só viriam em 1971, com as sondas Mars 2 e 3 (ambas equipadas com orbitador e módulo de pouso). Mas, a essa altura, os americanos já pareciam ter tomado a dianteira, com as sondas Mariner 4 (lançada em 1964), 6 e 7 (ambas de 1969), que passaram de raspão pelo planeta e coletaram imagens boas (para a época) da superfície marciana, revelando um mundo estéril.

Em 1971, no entanto, os russos retomariam a dianteira da exploração marciana. Suas duas sondas chegaram com sucesso à órbita do planeta, onde teriam a competição da americana Mariner 9. O módulo de descida da Mars 2 fracassou, mas o da 3 fez um pouso suave e se tornou o primeiro veículo a enviar sinais diretamente do solo marciano. Só que a alegria durou pouco: a máquina cortou subitamente a transmissão depois de 20 segundos, por razões até hoje desconhecidas, sem oferecer nenhum dado científico aproveitável. As primeiras imagens do solo de Marte acabariam vindo mesmo das sondas americanas Viking 1 e 2, em 1976.

Os russos ainda fariam uma nova investida ali, com as sondas Mars 4 e 5, em 1973, mas depois voltariam a maior parte dos seus esforços para as empreitadas venusianas, que tinham dado mais sorte para eles no passado. Chame de ironia cósmica se quiser, mas o fato é que os vermelhos não conseguiram conquistar o planeta vermelho, embora tenham sido os primeiros a chegar lá e o desafio de explorá-lo fosse claramente menor que o ofertado por Vênus.

A velha, e gorda, URSS. Aqui neste pontinho fica a base de Baikonur, no atual Casaquistão. Do Sputnik a módulos da Estação Espacial, os lançamentos mais importantes dos russos partiram, e ainda partem, de lá.

A despeito dessa seqüência de azares, os russos nunca esqueceram completamente de Marte. Tanto que sua última missão interplanetária bem-sucedida foi para aqueles lados. A Fobos-2 (batizada em homenagem a uma das duas luas marcianas) obteve boas imagens do planeta vermelho em 1989. Depois disso, a crise econômica e a derrocada do regime soviético, em 1991, não permitiriam muito mais. A Rússia, herdeira do programa espacial da ex-União Soviética, ainda tentaria enviar uma sonda orbitadora ao planeta vermelho, em 1996, mas uma falha no foguete causaria sua perda, antes mesmo que ela começasse a jornada rumo ao mundo vizinho.

Moral da história: enquanto tiveram bala na agulha, os russos disputaram pau a pau a liderança na exploração do espaço, não só nos eventos que rendem altas doses de publicidade (missões com astronautas) mas também nos esforços científicos, com sondas não tripuladas. Só faltou avisarem para o mundo com aquela competência que os americanos tiveram.

APÊ ESPACIAL

Construir uma cidade no céu. Esse foi o projeto mais ambicioso dos soviéticos. E, logo que tomaram um chapéu dos ianques na corrida para a Lua, os vermelhos resolveram tirar essa idéia da prancheta. Foi rapidinho: em abril de 1971 decolava a primeira estação espacial da história, a Salyut 1 ("saudações", em russo). Bom, "estação" naquelas: a nave era uma salinha de 15 m de comprimento por 4 m de largura. Mas foi ali que 3 cosmonautas estabeleceram o recorde de permanência no espaço para a época: 23 dias. Os EUA deram o troco em 1973 com a estação Skylab, que recebeu 3 tripulações diferentes em 8 meses. Mas um corte de orçamento abortaria o projeto no ano seguinte. Enquanto isso, a União Soviética colocou outras 6 estações Salyut no céu, uma substituindo a outra, até 1982. E o grande salto viria 4 anos depois, com o lançamento de uma estação espacial pra valer: a Mir ("paz"). "Pra valer" porque ela foi a primeira feita para ser montada no espaço ao longo dos anos, em grandes módulos que podiam ser encaixados até formar uma "cidade espacial" mesmo. Ali, os vermelhos foram batendo um recorde de permanência no espaço atrás do outro (um cosmonauta chegou a cravar 437 dias). A coisa mexeu com os brios americanos, que a partir de 1988 correram para fazer sua própria estação, batizada de Freedom ("liberdade"). Mas ela ficou presa no papel até 1993, quando os EUA chamaram os russos para participar do programa – que aí mudou de nome para Estação Espacial Internacional. Cinco anos depois chegava à órbita da Terra o primeiro pedaço da estação: um módulo feito na Rússia. Com dinheiro americano. Pois é: se não pode vencê-los, junte-se a eles.

POR ALEXANDRE VERSIGNASSI

PARA SABER MAIS

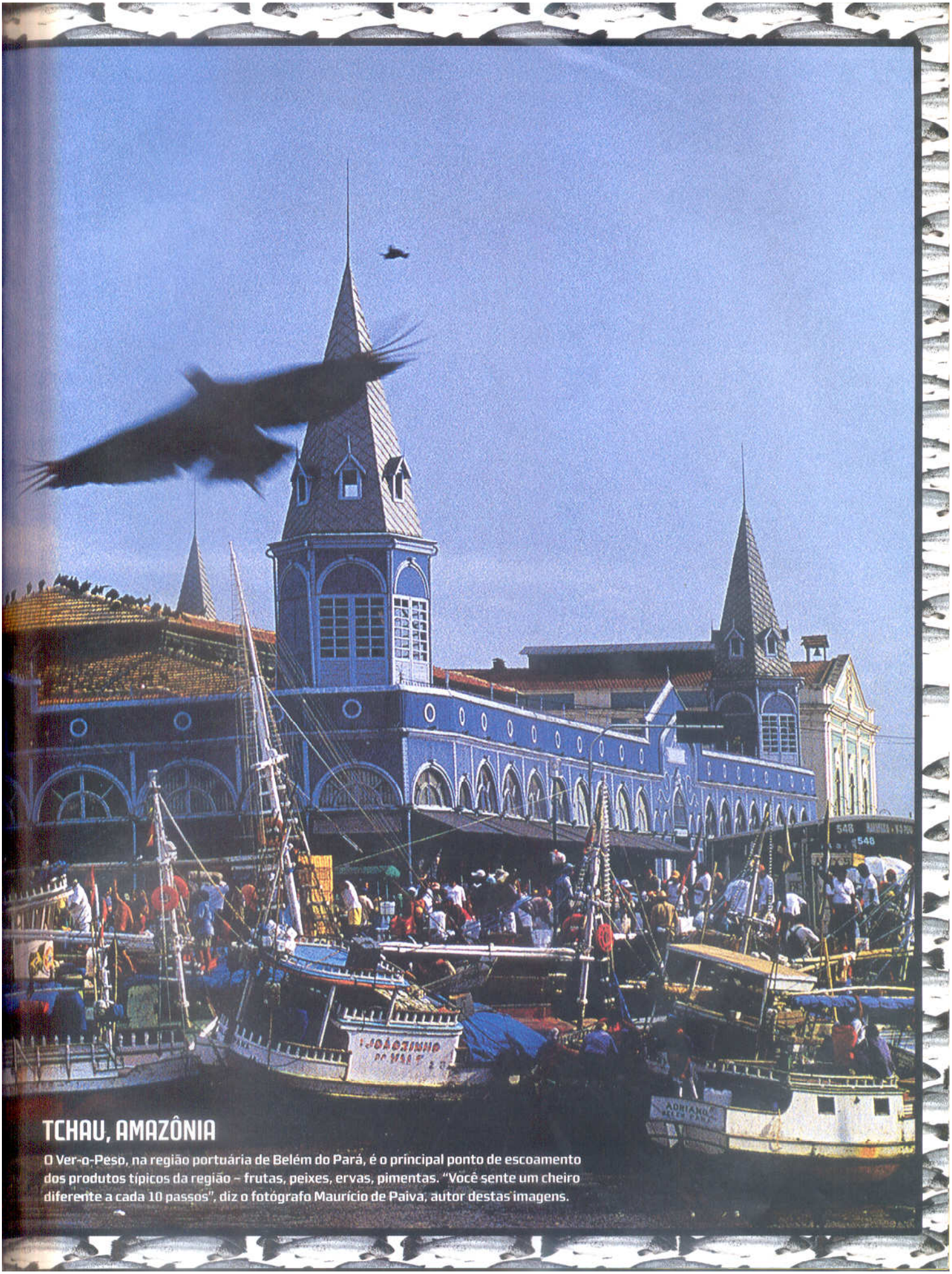
RUSSIA'S COSMONAUTS
Rex Hall, David Shayler e Bert Vis. Praxis Publishing, 2005

WWW.RUSSIANSPACEWEB.COM
Site dedicado ao programa espacial da ex-URSS.

Amazônia à venda

É O MERCADO MAIS EXUBERANTE DO BRASIL: NO VER-O-PESO, EM BELÉM, HÁ CORES, CHEIROS E SABORES QUE SÓ EXISTEM NO PARÁ.

FOTOS **MAURÍCIO DE PAIVA**
TEXTO **MARCOS NOGUEIRA**
DESIGN **BIANCA GRASSETTI**



TCHAU, AMAZÔNIA

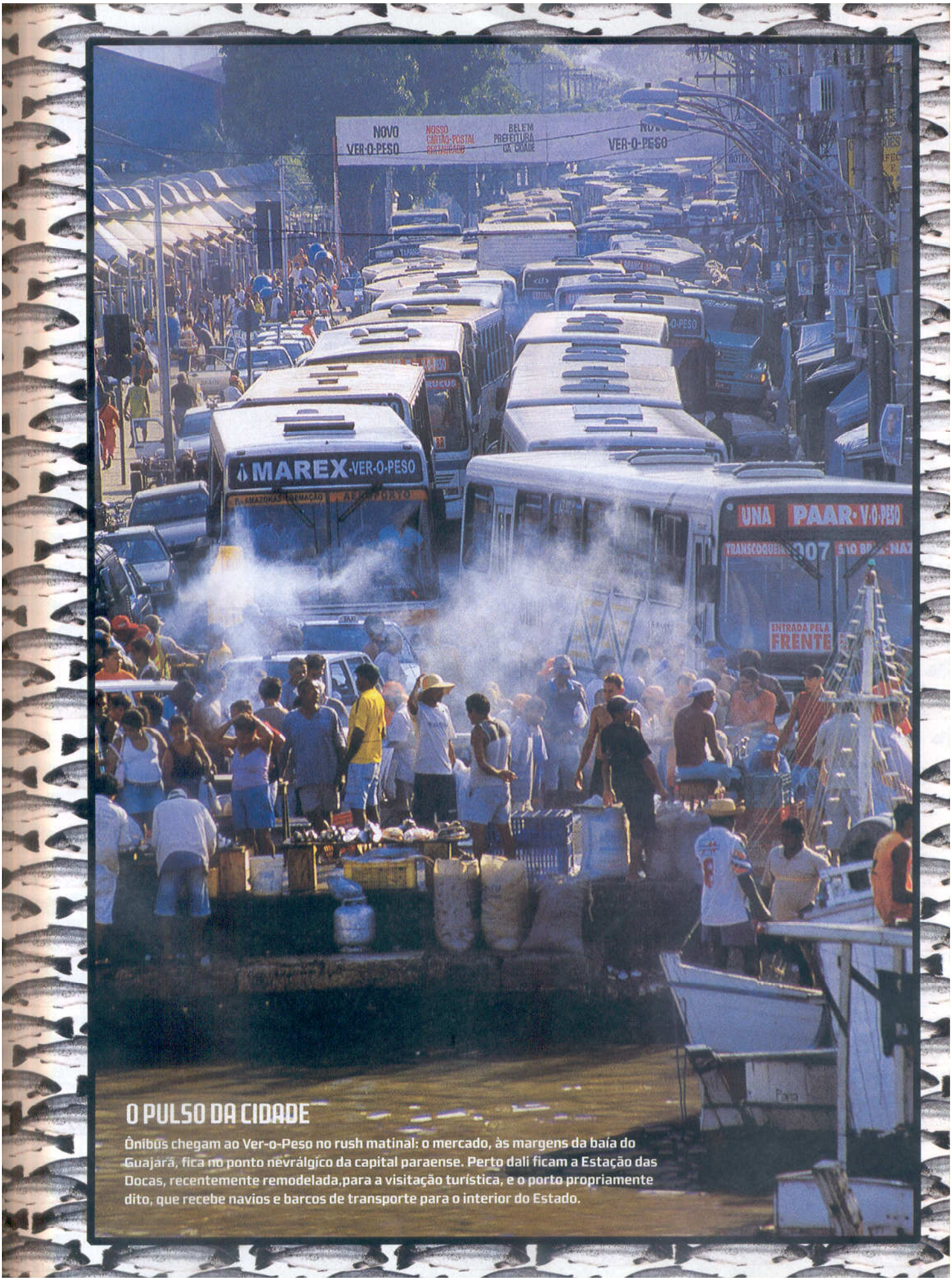
O Ver-o-Peso, na região portuária de Belém do Pará, é o principal ponto de escoamento dos produtos típicos da região – frutas, peixes, ervas, pimentas. "Você sente um cheiro diferente a cada 10 passos", diz o fotógrafo Maurício de Paiva, autor destas imagens.

CARGA PESADA ▲

Os carregadores são essenciais ao funcionamento do Ver-o-Peso. Desde antes do amanhecer, eles levam mercadoria do cais para caminhões – às vezes, carregam sobre a cabeça até 100 quilos de peixe.

MERCADO NEGRO ▼

Ambulante mostra galo de briga que quer vender. No submundo do mercado, há contrabando de plantas, de animais e de outros produtos proibidos. Quem procurar bem acha até genitais de boto, tidos como afrodisíacos.



O PULSO DA CIDADE

Ônibus chegam ao Ver-o-Peso no rush matinal: o mercado, às margens da baía do Guajará, fica no ponto nevrálgico da capital paraense. Perto dali ficam a Estação das Docas, recentemente remodelada,para a visitação turística, e o porto propriamente dito, que recebe navios e barcos de transporte para o interior do Estado.

PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

Cozinheira prepara as folhas de maniva ou mandioca-brava (1): segundo a tradição local, elas precisam ser cozidas por uma semana para deixar de ser venenosas. As folhas são o ingrediente principal da maniçoba, prato típico que leva também embutidos e outros cortes de carne de porco (2). O açaí (3), já popular no sul do país, chega às toneladas ao Ver-o-Peso. Os paraenses comem a frutinha com farinha de mandioca e peixe – pode ser tucunaré, pescada-amarela, filhote ou qualquer uma das variedades vendidas no mercado de pescados (4).

SUPERFETICHE

OBJETOS DE DESEJO

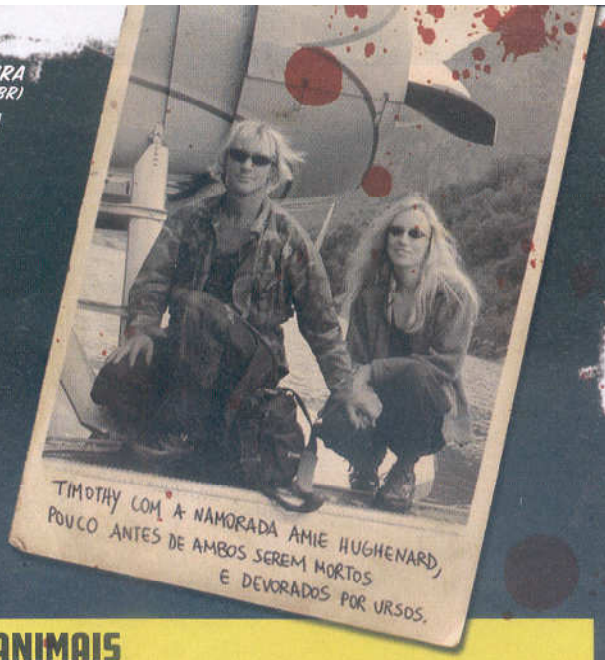
EDIÇÃO DE MARCOS NOGUEIRA
(MARCOS.NOGUEIRA@ABRIL.COM.BR)
DESIGN DE BRUNO OLIVEIRA

MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO

O abraço do amigo urso

POR RODRIGO REZENDE

Timothy Treadwell, ambientalista americano, gostava tanto de ursos-cinzentos que um dia resolveu se juntar a eles. Fez as malas, pegou a filmadora e se mandou para o remoto Parque de Katmai, no Alasca, onde passou 13 verões. Tudo correu muito bem para Treadwell até 2003. Mas acontece que, além da câmera na mão, ele tinha um parafuso a menos na cabeça. É isso que mostra o filme *Homem Urso*, do cineasta alemão Werner Herzog, com estréia prevista para este mês. O documentário, feito a partir das 100 horas de gravações de Treadwell, conta com cenas do ambientalista acariciando excremento de urso e declarando amor a uma raposa. Mas não com a gravação mais trágica das fitas: o som dos gritos de Treadwell e sua namorada sendo devorados por um urso. Herzog, que também narra o documentário, aparece no filme ouvindo essa fita. Não admira o comentário que ele faz sobre o olhar do "senhor Chocolate", urso amigo e provável assassino de Timothy: "Não vejo nem amizade, nem compreensão, nem piedade. Só a opressiva indiferença da natureza". S



TIMOTHY COM A NAMORADA AMIE HUGHENARD, POUCO ANTES DE AMBOS SEREM MORTOS E DEVORADOS POR URSOS.

O HOMEM URSO
Direção: Werner Herzog
Estréia prevista para 2 de junho em São Paulo e Rio de Janeiro.

ENGANOS ANIMAIS

Mais situações em que o homem trocou o amigo certo pelo duvidoso e se deu muito mal.

DENTADA DE HIPOPÓTAMO

Em julho de 2001, Masha, o hipopótamo, recebeu uma visita inesperada no zoológico de Kharkiv, na Ucrânia: uma mulher, que pulou a cerca e mergulhou em seu tanque. Ela ficou tão encantada com os filhotes que não resistiu e resolveu nadar com eles.

O QUE O ANIMAL ENTENDEU: Que ela era uma ameaça para a sua prole.

RESULTADO: O hipopótamo enfiou os dentes na mulher e ela foi parar na UTI.

SÍNDROME DE JONAS

Em 6 de julho de 1999, um homem foi encontrado morto sobre as costas de uma baleia orca do parque aquático Sea World, em Orlando (EUA). O corpo era de Daniel, um americano ex-viciado e defensor dos animais, como Treadwell. Sempre que possível, ele invadia o parque para nadar com sua amiguinha de 10 toneladas.

O QUE O ANIMAL ENTENDEU: Que Daniel era um brinquedo (segundo biólogos que trabalham no parque).

RESULTADO: Sem querer, a baleia o afogou.

COM COMIDA NÃO SE BRINCA

No ano passado, Prawat, um seringueiro tailandês, estava à toa, com uma vara de cana-de-açúcar na mão, quando viu um elefante passar por perto. Resolveu brincar de "bobinho" com o paquiderme, oferecendo a cana e retirando-a exatamente na hora em que o bicho tentava pegá-la com a tromba.

O QUE O ANIMAL ENTENDEU: Que ele era só um obstáculo no caminho do seu almoço.

RESULTADO: O elefante rasgou Prawat com suas presas até a morte.

O ANO DO TIGRE

Para comemorar o ano de 1996, os indianos Suresh Rai e Prakesh Tiwari resolveram homenagear Shiva com uma guirlanda de flores. Só que esse Shiva não era o deus hindu da destruição, e sim o tigre-de-bengala do zoológico de Calcutá, que não curtia muito usar adornos no pescoço.

O QUE O ANIMAL ENTENDEU: Que estava sendo atacado.

RESULTADO: O tigre matou Tiwari e deixou Rai muito ferido.

Imagens Divulgação

Corpos sob vigilância

POR BRUNO VIEIRA FEIJÓ

No paganismo dos gregos e romanos, predominavam o culto do corpo e a liberdade sexual. Mas o cristianismo medieval impôs a castidade, a abstinência e a busca doentia da virgindade. Foi a Igreja quem instaurou na Idade Média um mundo de celibatários reprimidos de suas pulsões e desejos carnais. E foi a mulher que pagou o tributo mais pesado por isso. Por muitos anos.

FRASE: "O manual do bispo dizia que se deitar com o marido antes do parto ou no dia do Senhor levaria a fazer penitência por 10 dias a pão e água."

PARA QUEM quer conhecer o tempo em que o corpo era considerado o veneno da alma.

UMA HISTÓRIA DO CORPO NA IDADE MÉDIA
Jacques Le Goff e Nicolas Truong
Civilização Brasileira. R$ 32
210 páginas

Dragões da Pré-História

POR B.V.F.

As andanças pela chapada do Araripe, no Ceará – onde foram descobertas 23 das 24 espécies de pterossauros (répteis voadores) que viveram no Brasil – são o pano de fundo do livro de Alexander Kellner. Ele descreve todas as dificuldades e delícias de ser um paleontólogo, profissional que não somente cavouca solos e confecciona réplicas de fósseis, mas se envolve por completo no grande barato que é revelar os seres que já habitaram nosso planeta.

FRASE: "Fóssil é uma exceção à regra da natureza, que é destruir toda a matéria orgânica."

PARA QUEM assistiu a *Jurassic Park* e gostou.

OS SENHORES DO CÉU DO BRASIL
Alexander Kellner
Vieira e Lent
R$ 29
176 páginas

Mantenha longe do fogo

POR CÍNTIA CRISTINA DA SILVA

Queimar livros não é prerrogativa de ignorantes raivosos. Homens cultos também gostam de uma fogueira. Há 5 300 anos, na Suméria, já se destruíam tábuas de argila, precursoras do livro. Na Antiguidade, essa mesma cruzada contra o patrimônio de idéias aniquilou a biblioteca de Alexandria. E o "livrocídio" persiste: em 2001, uma comunidade do Novo México queimou centenas de livros sob os brados de: "Harry Potter é o diabo".

FRASE: "O livro não é destruído como objeto físico, e sim como vínculo de memória."

PARA QUEM se interessa pela fascinante história da construção e destruição do conhecimento.

HISTÓRIA UNIVERSAL DA DESTRUIÇÃO DOS LIVROS
Fernando Báez
Ediouro
R$ 49,90
438 páginas

Deitar e morrer

POR KATIA CALSAVARA

Bactérias não fazem sexo – e algumas são virtualmente imortais. A inevitabilidade da morte só apareceu quando o sexo entrou na jogada e roubou da divisão celular o papel central na perpetuação das espécies. William R. Clark, da Universidade da Califórnia em Los Angeles, desce ao nível das células do corpo humano para explicar o que a cama tem em comum com o caixão, além de corpos na posição horizontal.

FRASE: "Toda célula do corpo tem embutida em si um programa de autodestruição."

PARA QUEM quer aprender uma ou duas coisas sobre a morte antes de a dita-cuja chegar.

SEXO E AS ORIGENS DA MORTE
William R. Clark
Record
R$ 35,90
208 páginas

IMPERDÍVEL!

POR RAFAEL TONON

Genes da literatura

David Barash e sua filha, Nanelle, analisam Hamlet, Helena de Tróia, os irmãos Karamazov e outros personagens literários pela ótica darwiniana. Bovary, "heroína" de Flaubert que dá nome ao livro, serve para explicar o adultério. Ao se relacionar com outros homens, ela buscava apenas "genes superiores". Dessa forma, era guiada pelos ovários, não pela razão.

FRASE: "O exame de DNA tornou-se a prova de que as fêmeas de quase todas as espécies envolvem-se em CEC, ou cópula extracasal. Em outras palavras, elas vivem pulando a cerca."

POR QUE É IMPERDÍVEL: Mostra que a genética guia o comportamento até de quem nunca existiu.

- Otelo matou – e se matou – por ciúme. Ele não podia imaginar sua mulher, Desdêmona, se reproduzindo com outro homem e temia criar descendentes que poderiam não ser seus. Aí se explica o machismo do personagem de Shakespeare e de quase todos os homens.
- Os pais zelam pelos filhos porque eles vão perpetuar os seus genes. É por isso que Vito Corleone, o poderoso chefão de Mario Puzo, defendia com unhas e dentes suas crias.
- Quando você quebra o pau com seu filho é porque metade dos genes dele vieram de outra pessoa, dizem os autores. Mas eles – pai e filha – juram que não brigaram ao escrever o livro.

OS OVÁRIOS DE MME. BOVARY
David P. Barash e Nanelle R. Barash
Relume Dumará, R$ 39,90 - 262 páginas

Imagens Divulgação

AO GOSTO DO FREGUÊS

Games turbinados

POR FABIANO ONÇA

Cada vez mais populares, os *mods* são versões criativas, feitas pelos próprios usuários, dos melhores jogos da atualidade.

É como pegar um carrinho básico na concessionária e encher de acessórios, a ponto de, após as mudanças, olhar para o veículo e não reconhecer o original. Assim funcionam os *mods* (abreviação de *modification*), jogos que são variações de outros jogos originais. Com algum conhecimento de programação, os jogadores mais fanáticos começam a "trabalhar" no código original do jogo, tirando coisas que eles acham ruins e adicionando outras que acham bacanas.

E a moda parece que pegou. Hoje em dia, várias desenvolvedoras de games, como Valve, id e Bethesda já se ligaram que os usuários gostam de "dar uma mexidinha". Ela já vendem o jogo com a programação original pronta para ser modificada. S

QUATRO "MODS" NERVOSOS

Battlefield 1918 www.frontline18.com/bf1918/

JOGO ORIGINAL: BATTLEFIELD 1942.

O jogo original, de tiro em primeira pessoa, se passa na 2ª Guerra. Só que os malucos da Frontline18, uma comunidade especializada em 1ª Guerra, decidiram mudar toda a roupagem do jogo. No *mod*, os uniformes dos soldados são idênticos aos dos soldados alemães, ingleses e franceses que combateram nas trincheiras. Os caras conseguiram colocar até um zepelim que pode ser pilotado pelos jogadores.

Hot Coffee www.gamershell.com/download_9684.shtml

JOGO ORIGINAL: GTA III.

A Rockstar, desenvolvedora desse jogo de ação com carrões, é famosa por deixar os códigos abertos para a comunidade se esbaldar. No *mod Hot Coffee*, entretanto, só há uma única modificação: ele permite que o jogador destrave cenas de sexo explícito entre os personagens, que a própria equipe da Rockstar colocou escondidas no jogo. O bicho pegou e a Rockstar teve que recolher as cópias que já haviam sido distribuídas.

Day of Defeat www.dayofdefeat.com

JOGO ORIGINAL: HALF-LIFE.

Este *mod* é totalmente inspirado no filme *O Resgate do Soldado Ryan* (usa, inclusive, músicas do filme). Nele, você pode atuar ao lado dos aliados ou dos alemães. Uma das novidades do *mod* é a tecla *sprint*, que permite que você corra desesperadamente. A outra é uma malandragem. Você pode pegar granadas que foram atiradas contra você e, se for rápido o suficiente, jogar de volta para seus inimigos – uma sacada bem realista.

Napoleonic Total War 2

forums.totalwar.org/vb/showthread.php?p=1124931#post1124931

JOGO ORIGINAL: ROME: TOTAL WAR.

O jogo original, em que grandes exércitos da Antiguidade combatiam entre si, foi alterado para outra era de lutas em massa: a era napoleônica. Só que, neste *mod*, a ênfase não está mais nas lutas corpo a corpo. Aqui, a arte da guerra concentra-se em mandar suas unidades de mosqueteiros realizar o voleio (atirar) na hora certa.

Imagens Divulgação

O show do sapo

POR MARCEL PLASSE

Os muppets são a versão para adultos dos bonecos que Jim Henson criou para *Vila Sésamo*. Caco, conhecido como um sapo simplório na *Vila*, comanda – na verdade, tenta comandar – um espetáculo de comédia, mágica, música e dança. A maioria dos astros é inepta: o comediante (sem graça) Urso Fozzie, a diva Miss Piggy, o mágico alienígena Gonzo etc. Todo programa tem um convidado humano e, entre os destaques da primeira temporada, estão Peter Ustinov, Charles Aznavour e Vincent Price – o vilão dos filmes de horror é de fato um dos pontos altos de toda a carreira do *Show*.

BASTIDORES: Jim Henson queria que o *Show* acabasse no pico de sua popularidade. No último ano, em 1980, os muppets tiveram a maior audiência de sua existência.

THE MUPPET SHOW – PRIMEIRA TEMPORADA
EUA, 1976
Direção: Vários

Jogos nazistas

POR M.P.

Não é exagero dizer que o documentário de Leni Riefenstahl sobre a Olimpíada de 1936, em Berlim, jamais será superado como registro esportivo. O lançamento ajuda a desmistificar alguns equívocos que cercam a obra. Por décadas, *Olympia* foi considerado a materialização do ideal de beleza ariana. De fato, o dvd abre com estátuas gregas que aos poucos viram atletas loiros. Mas a câmera não se furta a "endeusar" outras etnias. O verdadeiro herói da primeira parte é o corredor negro americano Jesse Owens, a quem Riefenstahl dedica closes entrecortados pelo olhar de um contrariado Hitler.

BASTIDORES: Diferentemente do que muitos acreditam, o documentário não foi financiado pelos nazistas, mas pelo Comitê Olímpico Internacional.

OLYMPIA
Alemanha, 1938
Direção: Leni Riefenstahl

Ferida cutucada

POR M.P.

Paradise Now causou rebuliço nos bastidores do Oscar 2006, quando concorreu ao prêmio de melhor filme estrangeiro. A história acompanha dois homens-bomba no dia em que conhecerão o paraíso – isto é, explodirão em Tel-Aviv. O filme dá rostos, vida, família, amores, sonhos e alma aos "mártires". Como se não fosse suficiente, a obra foi registrada como palestina na competição. Bastou para Israel sua desclassificação, pois oficialmente não existe um país chamado Palestina. Enfim, a Academia preferiu premiar o sul-africano *Tostsi*.

BASTIDORES: Na filmagem, um helicóptero de Israel lançou um míssil num carro próximo à equipe. Perguntado se faria outra obra como *Paradise Now*, o diretor disse: "Não vale a pena morrer por um filme".

PARADISE NOW
Palestina, 2005
Direção: Hany Abu-Assad

5 LUXOS E 1 LIXO

Caco Galhardo

POR BARBARA AXT

O cartunista, criador de *Os Pescoçudos* e outras conhecidas tirinhas, elege os 5 personagens mais legais das HQs. E indica aquele que não valia um quadrinho sequer.

POPEYE (DE E.C. SEGAR)
Um marinheiro viciado em espinafre, que tem que lutar eternamente com um brutamontes por uma mulherzinha histérica, é o meu favorito. De onde tiraram essa idéia???

HOMEM-ARANHA (DE STAN LEE E STEVE DITKO)
Nunca fui muito de super-heróis. Mas não pode faltar um nesta lista. Fico com o Homem-Aranha, que sempre faz as melhores poses pras fotos, saltando dos arranha-céus.

CHARLIE BROWN (DE CHARLES SCHULZ)
É o melhor dos anti-heróis. Na minha timidez de infância, era o personagem com que mais me identificava. O que estragava era aquele cachorrinho chato.

VALENTINA (DE GUIDO CREPAX)
A personagem mais gostosa e libidinosa das histórias em quadrinhos não poderia faltar nesta lista.

RÊ BORDOSA (DE ANGELI)
Marcou época. Sem ela, o que seria dos anos 80?

SUPER-HOMEM (DE JOE SHUSTER E JERRY SIEGEL)
Nunca fui com a cara, o super-herói mais certinho das HQs. Criptonita nele!

LIXO

Imagens Divulgação

Olho no lance

POR ERNESTO RINALDI

Os fabricantes de eletroeletrônicos ficam 4 anos fazendo pesquisas e desenvolvendo tecnologias para um só momento: a Copa do Mundo, o evento televisivo de maior audiência global. E, assim como a seleção brasileira, a versão 2006 das televisões também se sofisticou. As telas agora reproduzem as imagens com resolução inédita, gravam os melhores lances para você rever em qualquer lugar e podem até ser levadas no bolso. As novidades continuam mesmo depois que o jogo acaba: até as cervejas *(veja na página ao lado)* ganharam tecnologia. S

Telão de bolso

Dois painéis de cristal líquido criam um telão virtual de 42 polegadas, que parece flutuar a 3 metros de distância dos seus olhos. A resolução é maior que a de uma televisão comum, e pode ser ligado a sintonizadores de TV e a videogames.

DV920
Icuiti
Nos EUA: R$ 1 250
www.icuiti.com

Replay portátil

Este tocador portátil de vídeos pode ser conectado à TV, gravar as partidas e ser levado no bolso para acabar com discussões do tipo "foi impedimento ou não?" Com um hd de 100 gigabytes, ele carrega até 450 horas de vídeo, ou seja, todos os 62 jogos da copa na íntegra.

AV700
Archos
Nos EUA: R$ 1 250
www.archos.com

ULTRA-RESOLUÇÃO

Para ver e gravar a copa em todos os detalhes, nenhuma combinação é melhor do que esta: a televisão tem 58 polegadas e é uma das primeiras com resolução de 1 080 p (1 080 pontos com escaneamento progressivo, ou seja, uma resolução 50% melhor que a de outras TVs de alta definição, as HDTVs). Já o supergravador guarda mais de 90 horas de vídeo com altíssima qualidade graças a seu monstruoso disco rígido de 800 gigabytes. O problema é que nenhum canal vai transmitir os jogos com toda essa qualidade de imagem.

TV MD5880n ▶
Hewlett-Packard
Nos EUA: R$ 9 mil
www.hp.com

▼ DVR-DT100
Pioneer
No Japão: R$ 4 mil
www.pioneer.co.jp

Fotos Divulgação

OS BACANAS DO MÊS

iClub e Body Motion System
iClub
Nos EUA: R$ 11 500
www.iclub.net

Confie no seu taco

O que é: Um treinador de golfe.
Qual é o barato: Em época de Copa do Mundo, a única saída para os amantes de golfe é treinar sozinhos. Você encaixa o aparelho no seu taco de golfe e veste o colete. Um conjunto de sensores sem fios captura todos os movimentos e mostra, com gráficos tridimensionais no pc, se você está jogando bem ou mal.

Surger
Guiness
No Reino Unido: R$ 72
www.guinness.com/gb_en/surger/

No ponto certo

O que é: Uma máquina de fazer colarinho.
Qual é o barato: A idéia parece estúpida, mas faz todo sentido na cerveja irlandesa Guinness: se ela não for servida corretamente (esperando a espuma crescer e depois baixar) não fica tão boa. O aparelho usa ultra-som para agitar as moléculas da cerveja e fazer todo o trabalho por você.

Porsche Design Indicator
Eterna
Na Suíça: R$ 340 mil
www.eterna.ch

A corda para o jogo

O que é: Um relógio a corda supercomplexo e caro.
Qual é o barato: Ele possui um cronômetro (os número na janela) e um indicador da corda restante (o ponteiro de baixo). Parece fácil, mas para conseguir isso ele precisa de um mecanismo com 800 peças (um relógio comum tem 250).

KEEP WALKING

Assuma a liderança, beba com responsabilidade.

JOHNNIE WALKER

EDIÇÃO DE SÉRGIO GWERCMAN
DESIGN DE SAMANTHA POTTMAIER

COMO FAZER UM PARTO DENTRO DE UM CARRO

POR STEFAN GAN

ANTES DE SE CONVENCER QUE VOCÊ VAI PRECISAR RESOLVÊR AS COISAS SOZINHO, TENTE CHEGAR A UM HOSPITAL OU MESMO A UMA FARMÁCIA. NÃO TEM JEITO? ENTÃO MÃOS (MUITO BEM LAVADAS) À OBRA. E JAMAIS FAÇA ALGO PARA RETARDAR O NASCIMENTO – VOCÊ PODE MATAR A CRIANÇA POR FALTA DE OXIGÊNIO.

1. Avalie as contrações. De uma hora para outra, o relógio biológico da mulher grávida decide que é a hora de expulsar o nenê que curte o bem-bom. É quando o útero começa a sofrer contrações. Elas começam com espaços longos, como de 30 em 30 minutos, que diminuem gradativamente. Duram cerca de 60 segundos cada. Quando o intervalo entre contrações for de 2 minutos, prepare-se: a criança vai nascer.

Higienize as mãos. Em caso de aperto, uma garrafa de água resolve o problema. Se conseguir encontrar luvas cirúrgicas, melhor ainda.

2. Acomode a mãe. A mulher vai ficar mais confortável se esperar o parto deitada de lado. Assim ela evita que os quase 8 kg de peso que carrega no útero esmaguem as veias cavas, que passam pelas costas. São essas veias que levam sangue para o coração e para o cérebro. Comprimi-las provoca mal-estar. Somente na hora do parto a mãe deve ser colo.

Alarme falso. No trabalho de parto, a mulher terá a sensação de querer evacuar. Jamais deixe que ela vá ao banheiro ou se agache. A criançapode sair pela vagina e sofrer uma queda. A sensação é causada pelas contrações, que comprimem o ânus. E acredite: é só uma sensação!

O parto é natural. A natureza realiza partos há milênios e sabe como tomar conta do serviço. Você não precisa fazer nada. Não empurre a barriga da mulher, não puxe a cabeça do bebê, não agarre o cordão umbilical. Apenas coloque as mãos em espera perto da vagina. Quando a cabeça sair, segure-a e apóie o resto do corpo.

Chora, menino. Limpe boca e nariz do bebê. O choro da primeira respiração vem em 30 segundos. Se isso não acontecer, massageie as costas dele. Nada de virá-lo de cabeça para baixo e fazer respiração boca a boca. O volume de ar suportado pelo bebê é reduzido. E o sopro de um adulto pode arrebentar os pulmões dele.

Alô, doutor. Avise o médico logo – tenha sempre o telefone dele. Se você estiver a até 20 minutos do hospital, é melhor não se arriscar cortando o cordão umbilical. Ele mede cerca de 80 cm, o suficiente para deitar o bebê no colo da mãe. Por fim, massageie a barriga dela, para estimular a cicatrização do útero.

Fonte: Abner Lobão Neto, coordenador do pré-natal personalizado da Universidade Federal de São Paulo.

Ilustrações Sattu

McCANN

CELTA

Potência, resistência, durabilidade e baixo custo de manutenção. O que já era bom ficou mais forte.

Os veículos Chevrolet atendem a legislação ambiental.

IBAMA PROCONVE HOMOLOGADO

CHEVROLET

CONTE COMIGO

www.chevrolet.com.br
SAC: 0800-702-4200